

O CATICEIRO,
O CORDOEIRO
E O DESERTOR

Laertes Vinicius Brignoni Jocoski

O Caticeiro, o Cordoeiro e o Desertor

1ª Edição

Mangueirinha
2022

Publicado no ano de 2022

Impresso no Brasil

Arte de capa e de miolo por

Laertes Vinicius Brignoni Jocoski

Todas as imagens deste livro foram feitas por meio da plataforma Craiyon (craiyon.com) e estão sujeitas à sua política de licença comercial livre.

Revisão por

Ana Paula Eugênio Brignoni Jocoski

Janaína Duarte da Silva Switalski

Edição geral, montagem de capa e diagramação por

Laertes Vinicius Brignoni Jocoski

E-mail par contatar o autor: laertesvbj@hotmail.com

J63

Brignoni Jocoski, Laertes Vinicius

O Caticeiro, o Cordoeiro e o Desertor / Laertes Vinicius
Brignoni Jocoski. –

Mangueirinha, 2022.

180 f.

Bibliografia

ISBN 978-65-00-51767-5

1. Ficção. 2. Ficção Nacional.

CDD B869.3

CDU 82-3

Sumário

Prefácio	7
Capítulo Um.....	11
Capítulo Dois	25
Capítulo Três.....	39
Capítulo Quatro.....	53
Capítulo Cinco	71
Capítulo Seis	87
Capítulo Sete	101
Capítulo Oito	117
Capítulo Nove.....	129
Capítulo Dez	139
Capítulo Onze.....	151
Capítulo Doze	163
Epílogo.....	175

Prefácio



Ao longo da minha juventude tive inúmeras ideias de histórias para livros, mas sempre acabava por protelar o início da escrita, como se para isso eu dependesse de fatores que colocariam minha vida em uma estabilidade completa, dando-me tranquilidade e tempo para que eu transportasse as ideias para o papel. É claro que esse comportamento fez com que muitas boas ideias se perdessem, especialmente porque eu não tinha o costume de anotá-las em algum lugar. Foi apenas em 2014 que eu decidi abrir um novo documento do *Word* e digitar as primeiras linhas do primeiro capítulo do que seria meu primeiro livro e, por algumas semanas, eu escrevi quase que diariamente.

Não sei explicar exatamente o porquê, mas a história escolhida não foi uma das grandes sagas de fantasia ou ficção científica que eu frequentemente arquitetava em minha mente, mas sim um romance sem grandes pretensões, ambientado em um remoto e fictício país. Talvez porque intuía que minhas melhores ideias deveriam ser concretizadas

apenas quando eu possuísse maior habilidade como escritor, e por isso me sentia mais confortável ao desenvolver um projeto que não gerasse grandes expectativas.

Assim surgiu *O Caticeiro, o Cordoeiro e o Desertor*, ideia originada do que, muitos e muitos anos antes, eu havia considerado uma combinação exótica de palavras e que, à época, eu imaginava que poderia ser uma aventura ao melhor estilo RPG, com cada um dos três personagens que dão nome a obra tendo habilidades únicas e uma missão cheia de propósito. No entanto, o que era para ser uma aventura épica se transformou em uma jornada mais intimista, com uma narrativa desapressada e descritiva, focada principalmente no personagem do cordoeiro em sua viagem à capital, bem como nas interações entre ele e os demais personagens do título.

Passado algum tempo e não mais do que sessenta páginas, eu deixei o projeto de lado e decidi retomá-lo apenas sete anos depois, mais por teimosia do que por qualquer outra coisa. É certo que, mesmo tendo abandonado a história precocemente no ponto em que Mateo se encontra com sua noiva em Melchora, e tendo publicado meu primeiro livro (*O Idioma Noru*) apenas em 2017 e meu primeiro romance (*Sob o Sol*) apenas em 2019, *O Caticeiro, o Cordoeiro e o Desertor* foi muito importante na minha caminhada literária. Foi por meio dele que eu enfrentei pela primeira vez algumas das dificuldades de transpor ideias para parágrafos, bem como pude aprender sobre diagramação e sites de publicação sob demanda. Descobri, ainda, o excelente entretenimento proporcionado pelas pesquisas necessárias ao processo de escrita, e pude confirmar minha afinidade pela

criação de mundos, suas identidades estéticas e, principalmente, linguísticas.

Fico feliz por ter retomado a escrita de *O Caticeiro*, o *Cordoeiro* e o *Desertor* enquanto trabalhava simultaneamente em outros projetos, pois consegui concluir a obra de maneira satisfatória e com isso dar cabo de algo que volta e meia me retornava ao pensamento como uma pendência a ser resolvida.

Capítulo Um



As grindiúvas que cresciam às margens do riacho estavam completamente florescidas, e a brisa invernal dera lugar à um ar morno e preguiçoso, anunciando que a primavera já tomara para si o protagonismo no ciclo infundo das estações. Poucos metros acima, o aroma adocicado das diminutas flores dos arbustos recém rebrotados se misturava ao cheiro da poeira da estrada de terra batida, e o som estriidente de incontáveis insetos ecoava dos vales às colinas.

Esta era a época favorita do ano para Mateo, que apressava, da forma mais gentil que conseguia, os dois velhos cavalos para que trocassem mais depressa até a vila, a

fim de entregar a última encomenda que ele havia se comprometido a fazer. O rapaz, de média estatura, físico robusto, cabelos negros e olhos cor de lenha de cedro, cujas feições áridas não refletiam com precisão a sua idade, era cordoeiro.

Ele aprendera, graças à insistência e a determinação de seu pai e de seu avô, a manufaturar todo tipo de cordas, destinadas principalmente aos barcos pesqueiros e às embarcações da Marinha do país, cuja frota (ou ao menos uma parte significativa dela) tinha como ancoradouro a fervilhante cidade portuária de Augasfondas-de-Porto, localizada há poucos quilômetros de onde moravam, nos limites ocidentais do pequeno país. Esta não era a única atividade da família de Mateo, é claro, pois uma vez que viviam na área rural, possuíam um pequeno rebanho e alguns hectares de terra cultivada. Embora sempre tivessem produzido e vendido boas quantidades de cordas, os negócios tinham prosperado nos últimos dois anos, desde que Vossa Alteza Digníssima, o cancelário Macías, decretara que Mos-de-Illa, uma pequena nação insular à oeste dali, era sua por direito, e por isso deveria ser anexada aos seus territórios.

Mesmo sendo um homem simples e de pouco conhecimento político, Mateo definitivamente não aprovava a guerra, e costumava dizer que grandes impasses e importantes disputas deveriam ser discutidos em jantares repletos de boa comida e música, e não em uma série de longas e nefastas batalhas. No entanto, não cabendo a ele decidir como as coisas deviam ou não acontecer, ele certamente preferia dar sua contribuição ao esforço bélico do país por

meio de sua perícia como cordoeiro, ao invés de ter que empunhar uma espada ou um arcabuz.

O pensamento do cordoeiro vagava enquanto ele conduzia os animais, sem se demorar, no entanto, em nenhuma reflexão profunda ou preocupação sobre coisas que fugiam ao seu alcance. Ele simplesmente observava os elementos já conhecidos do caminho, como a porteira quebrada e toscamente fechada do velho que vendia mel, os ipês que já começavam a se vestir de amarelo-vivo e o vislumbre da cidade portuária e do imenso mar azul que se estendia além dela, repassando em sua mente pequenos afazeres que tinha por terminar e coisas que havia esquecido de colocar em ordem durante a semana.

Os arredores de Augasfondas-de-Porto eram geralmente calmos, pois todo o comércio se concentrava nas ruas próximas ao porto. As casas ali localizadas eram pequenas e muito bem conservadas, com telhados de telhas de barro marrom e paredes de cores diversas, mas em sua maioria brancas ou azuis. A estrada de terra batida seguia por várias quadras até que se iniciasse uma pavimentação regular e bem-feita, com paralelepípedos de rocha basáltica cuidadosamente alinhados. À medida que adentrava na cidade, surgiam sobrados, casas comerciais e prédios do governo, e o fluxo de transeuntes crescia consideravelmente.

Dada sua localização, a apenas sessenta e cinco quilômetros das praias de Mos-de-Illa, a pequena vila era um importante ponto estratégico e, desde antes do início da guerra, passara a receber grande atenção por parte do governo, que havia financiado uma completa reforma portuária e ampliação das instalações do quartel da marinha,

atraindo, em decorrência disso, diversas pessoas interessadas em lucrar com o cenário bélico, tais como mercadores, aristocratas e raparigas.

Mateo se aproximou do estreito armazém ao qual sua família vinha entregando cordas desde que ele era só um menininho chorão. Era uma construção antiga de madeira pintada de verde, contrastando com a taverna recém-inaugurada que ficava em frente, de tijolos vermelhos e com um grande letreiro chamativo. O proprietário do armazém estava visivelmente contrariado com a nova vizinhança, mas suas tentativas de impedir o funcionamento daquele estabelecimento foram desencorajadas quando ele viu boa parte dos conselheiros da cidade saindo dele aos abraços com algumas senhoras de profissão questionável. A frustração era visível em seus olhos, quando saiu para receber Mateo olhando tristemente para o prédio, agora silencioso, do outro lado da rua.

– Saudações, meu caro amigo Mateo, o melhor e mais habilidoso cordoeiro de toda província! – Disse ele, abrindo um largo sorriso.

Os dois cavalos balançaram as crinas, suados e cansados por puxar a carroça carregada com grossas cordas, além o homem apressado que os conduzia.

– Pomposo como sempre, senhor Rubén. – Respondeu Mateo, descendo da carroça e cumprimentando o dono do armazém.

– Hoje está um dia quente, eu te digo, mas o suor destes cavalos me conta que você os fez andar mais depressa do que queriam. Alguma coisa o apressa? – Perguntou o homem, perspicaz.

– Não vou negar que eu queria entregar estas cordas o quanto antes. – Respondeu Mateo enquanto, com a ajuda de Rubén, descarregava o conteúdo da carroça. – Pois são as últimas que farei, ao menos até o fim do próximo mês.

– Não desistiu da ideia de ir à capital, meu rapaz? Já não me bastam estas novas vizinhas que fervem a noite toda, e ainda terei que suspender a venda de cordas para o Almirante? – Suspirou o Sr. Rubén, e então deu um assovio estridente. Do armazém saiu um rapazote franzino, o qual prontamente estendeu as mãos e recebeu um grande rolo de corda, tão pesado que o fez bambejar. – Leve para os fundos, e cuidado para não cair! – Ordenou Rubén.

– Não é para tanto, senhor. – Explicou-se Mateo. – Ficarei fora por pouco tempo, e tenho certeza que algum outro cordoeiro da região poderá dar conta de seus pedidos. Bertomeu faz entregas mensais para os pescadores, se não estou enganado.

– Meu caro amigo. – Continuou Rubén, limpando o suor da testa. – Não é exagero quando digo que não há outro que faça cordas tão boas quanto você. Pensei que seu falecido pai seria insuperável, mas as cordas que você faz são as mais fortes e duradouras que já vi. O próprio Almirante as exige em sua fragata.

– Isso é uma honra para mim. – Disse Mateo, assentindo. – De fato, se não fosse pelos pedidos da marinha, eu estaria vendendo cordas a preço baixo para os pescadores de sardinhas.

O dono do armazém sorriu resignado, enquanto Mateo entregava o último rolo de corda ao seu ajudante, que parecia exausto. O rapazote atirou o rolo de corda sobre o

ombro esquerdo, reunindo o pouco de energia que ainda lhe restava, e entrou no estabelecimento, cambaleando. Com um aceno enigmático, Rubén retirou do bolso de sua calça um pequeno maço de notas e entregou nas mãos do cordoeiro.

- Tome cuidado, meu amigo. - Alertou ele. - Note o quanto esta cidade está perigosa de uns tempos para cá. Posso garantir que na capital as coisas são piores, e se você não se cuidar, acabará ficando liso antes que possa ver quem o roubou.

- Não se preocupe comigo, senhor. Lia já mora há dois anos lá. - Respondeu Mateo, enxugando o suor do rosto com um pequeno lenço branco e sorrindo para o dono do armazém. - Ela não permitirá que me passem para trás.

- Você ama mesmo essa moça, não é? - Disse o senhor Rubén, devolvendo o sorriso.

- Não tenho como negar. - Respondeu Mateo, levemente constrangido com a pergunta. - Tenho os olhos nela desde que éramos crianças e meu pai vendia cordas para o avô dela. Estou contando os dias para que ela conclua os estudos e nós possamos nos casar.

Lia era uma mulher nascida em Augasfondas-de-Porto, e que havia crescido ao lado do cordoeiro devido ao contato frequente entre suas famílias, uma vez que seu avô, um pescador de renome, era, além de comprador habitual de cordas, tio da mãe de Mateo. Esta relação de amizade, que aproximou os dois durante a infância e a juventude, também despertou um sentimento mais profundo, e eles estavam noivos há quase dois anos, desde pouco antes da partida de Lia para a capital do país. Acompanhada por

duas primas, seu objetivo era frequentar a Universidade Central Augareasenha e se tornar professora.

Desde que ela iniciara seus estudos, Mateo a tinha visto apenas duas vezes, durante o período de férias universitárias, ocasião em que ela voltava à Augasfondas-de-Porto para visitar sua família. O cordoeiro havia decidido há alguns meses, quando sua noiva retornara para iniciar o novo ano de estudos, que guardaria dinheiro suficiente para viajar até a capital e lhe fazer uma surpresa, o que não foi difícil, considerando o momento favorável para os negócios.

– Deixei minhas coisas preparadas em casa. Mala feita, passagem comprada. – Falou Mateo. – Amanhã partirei antes de o sol raiar.

– E sua mãe, tem certeza de que ela ficará bem sozinha? – Perguntou o dono do armazém, acompanhando Mateo enquanto este contornava a carroça e subia na parte dianteira da mesma.

– Creio que sim, senhor. – Respondeu o cordoeiro. – Ela é uma mulher forte, e minha madrinha prometeu auxiliá-la no que for necessário.

– E seu avô, como está? – Indagou Rubén.

– Afortunadamente meu avô está bem de saúde, tirando o problema da demência. – Respondeu o rapaz, apurando as rédeas.

Rubén abaixou os olhos:

– É uma pena vê-lo nessas condições, ele era um homem vigoroso e animado.

– Mas assim é a vida, como dizem. – Respondeu Mateo, balançando suavemente as rédeas e fazendo com que

os cavalos se mexessem. – Devo ir agora. Que a grama sempre cresça verde sob teus pés, senhor Rubén! Ver-nos-emos em breve, e diga ao almirante que no início do verão ele terá as cordas que puder comprar, mas que por ora este cordoeiro vai atender apenas aos pedidos do coração! – E partiu, deixando para trás a sonora gargalhada do dono do armazém:

– Tenha dó desses cavalos, meu amigo! – Gritou Rubén da porta, acenando pela última vez enquanto a carroça fazia a curva, tomando o caminho que saía da cidade em direção ao interior.

A carroça vazia de pouco adiantou aos cavalos, pois o seu condutor insistia em imprimir um ritmo demasiado cansativo, e em poucos minutos eles estavam suados e com sede. Em qualquer outro dia Mateo teria parado numa determinada altura da estrada, pouco depois da metade do caminho, onde o rio fazia uma leve curva e dela se aproximava, para que os cavalos pudessem beber água e descansassem alguns minutos. Todavia, naquele dia não houve parada para hidratação, tampouco para descanso, pois o cordoeiro estava agitado e ansioso, considerando que esta seria sua primeira visita à capital do país.

Mateo jamais deixara a pequena região litorânea do promontório onde vivia, e tinha um pouco de receio em relação à cidade grande, da qual ouvira inúmeras histórias sobre ladrões e aproveitadores, que supostamente escolhiam os incautos interioranos para lhes aplicarem toda sorte de ardis. Sua noiva, entretanto, lhe dissera que a capital tinha sim seus perigos, mas que ela mesma jamais so-

frera qualquer tipo de infortúnio desse tipo. Contudo, Mateo estava determinado a se manter alerta e, para o caso de algum trapaceiro querer lhe usurpar as economias, carregaria consigo uma boa faca de caça.

Mesmo cansados, os cavalos apressaram o passo por conta própria, à medida em que se aproximavam de seu lar, farejando um descanso que lhes seria mais do que merecido. A casa, cujo telhado ia aos poucos surgindo na encosta de uma pequena colina, fora construída há mais de setenta anos, mas de forma alguma podia ser confundida com uma tapera em ruínas. Era feita de louro vermelho e pintada de alaranjado vivo, com uma bonita varanda, na qual um velho, que um dia fora cordoeiro, passava boa parte do dia a apreciar a calma paisagem do campo. Mateo sempre pensava a mesma coisa quando voltava da cidade, conduzindo sua carroça e avistando a casa onde nascera: que nada nesse mundo valia tanto quanto a vida tranquila e serena que ele possuía ali, deleitando-se com as belezas da natureza e a pureza da existência simples.

Os cachorros latiram alegremente quando ouviram o conhecido ranger das rodas da carroça do seu dono, disparando pela estrada a fim de encontrá-lo. Em seguida, foi a vez do velho homem que estava sentado na varanda notar a algazarra formada pelas rodas da carroça sobre o cascalho, pelos latidos eufóricos dos cães e pelo homem que dizia:

– Ô de casa, ô de casa!

Mateo desceu da carroça, ralhando com os cachorros para que o deixassem em paz, e então saudou seu avô:

– Boa tarde, vovô! Apreciando a vista?

O velho apenas franziu o cenho e balbuciou algumas palavras indefinidas.

- É o seu neto, senhor Saúl, aquele que mora conosco. Foi vender as cordas que fez para o almirante, lá na cidade. - Explicou pacientemente uma mulher, saindo da casa e parando ao lado do velho. Ela era gorducha, com cabelos castanhos e rosto corado. A mãe de Mateo.

- Ah... eu também faço cordas. - Balbuciou o velho, fazendo um gesto vago com os braços.

- Claro, vovô, as melhores da região! - Concordou Mateo com um sorriso enternecido. - Mamãe, quero um pedaço daquele bolo de fubá que a senhora fez ontem, estou faminto.

- Certamente está. Você mal comeu antes de sair. Não te vejo assim ansioso desde o dia em que você foi à casa dos Colvizosa para pedir Lia em namoro. - Respondeu ela, afastando-se para que seu filho pudesse entrar em casa.

O interior da casa não era nem de longe luxuoso ou requintado, mas era muito bem zelado e limpo. O cômodo principal era uma junção de cozinha e sala, com um grande fogão à lenha, um guarda-louça antigo de madeira, uma mesa quadrada e de uma confortável cadeira de balanço ao lado da janela. Outra senhora estava na casa, trajando um vestido longo e simples, absorta na tarefa de mexer lentamente uma grande panela que, pelo cheiro, Mateo concluiu ser doce de figo. Ela era madrinha do cordoeiro e possuía uma aparência muito diferente da dona da casa, pois era muito magra, tinha cabelos negros e olhos puxados. Contudo, a personalidade forte e o gosto pela cozinha eram compartilhados por ambas.

– Oi Mateo, como está a cidade? – Perguntou ela, sem deixar de mexer o conteúdo da panela.

– Cada vez maior e mais movimentada. – Respondeu Mateo, sentando-se à mesa e cortando um pedaço de bolo.
– Se o cancelário Macías persistir com suas atividades belicosas no Mar de Sal, em poucos anos a cidade vai crescer até o portão da nossa casa, escreva o que eu digo.

– Eu não aprovo estas guerras, pois perdemos nossos rapazes no mar e nas praias daquela Mos-de-Illa, e tudo para que o cancelário possa se deleitar com sua nova posse.
– Disse a madrinha, fechando a cara. – É por essas e outras que não votarei no sucessor de Macías no próximo sufrágio.

– Sim, comadre Cristina, mas o cancelário ainda tem mais quatro anos de governo. – Disse a mãe do protagonista sentando-se. – Terá tempo de declarar guerra a mais duas nações, caso seja de seu interesse. Só fico grata que meu único filho não tenha obrigação de servir à marinha, e nisto devemos muito ao almirante por preferir as nossas cordas e ter dispensado Mateo do alistamento. Veja os nossos vizinhos, os dois filhos deles estão desaparecidos há mais de três meses. Não gosto nem de pensar que poderia ser eu a estar passando por isso.

– Mas há quem diga que se não impusermos nossa força sobre o mundo, alguém imporá sobre nós. – Disse Mateo, pensativo. – Embora eu não veja o mundo dessa forma. Penso em Lia e nos filhos que teremos, e não quero que sofram nenhum dos flagelos que a guerra traz.

– Mas paremos de falar da guerra, parece que ultimamente todos sabem falar apenas disso, e eu acho que te

mos assuntos melhores do que carnificinas e políticas expansionistas. – Disse a madrinha, provando um pouco do doce de figo na ponta da colher de madeira. – Comadre Belén, o Mateo vai perder de comer esse doce de figo se for para capital amanhã, se eu fosse ele desistia dessa ideia e ficava por aqui mesmo.

– Até parece que você não conhece meu filho. Ele é teimoso como a mãe. – Riu Belén. – Se fosse necessário, ele comeria pregos por aquela mulher.

– Não precisa exagerar, mamãe. – Retrucou Mateo, encenando uma expressão enfezada. – No máximo um prato de tachinhas. – E todos riram.

– Mas ela é uma boa moça, você está certo em não deixar que ela escape, Mateo. – Disse Cristina. – É difícil encontrar uma mulher correta e de bom caráter, e que ainda por cima seja linda. Teu padrinho teve muita sorte de encontrar tudo isso em mim. – E todos riram novamente.

O resto do dia passou rapidamente para as duas senhoras, que colocaram a conversa em dia e se distraíram com o preparo do doce de figo e também de roscas de polvilho, além da farta janta. Contudo, para Mateo, o tempo se arrastou. A despeito das diversas tarefas que fez a pedido de sua mãe e do bom tempo que passou dando atenção e cuidando de seu avô, parecia que a noite jamais chegaria. Não que isso fizesse muita diferença, pois mesmo deitado, o cordoeiro não deixava de pensar sobre a viagem que empreenderia quando o sol raiasse, e adormeceu repetindo mentalmente a cena em que ele bateria à porta de Lia com um buquê de astromélias e ela atenderia, dando-lhe inicialmente um olhar surpreso e em seguida um sorriso e um

beijo. Mateo sempre ouvira que as mulheres adoram gestos de romantismo (inclusive seu primo lhe dizia que quanto mais exagerado melhor), e ele pretendia dar para sua amada uma semana inesquecivelmente romântica.

Capítulo Dois



Quando o galo cantou, Mateo abriu os olhos e levantou de um salto, com o coração disparado, pois finalmente havia chegado o dia em que faria a maior viagem de sua vida, saindo pela primeira vez da região onde nascera e crescera. O cordoeiro se dirigiu à cozinha, encontrando a mesa posta por sua mãe e por sua madrinha, que conversavam em pé, olhando pela janela e se aquecendo com o sol matinal que iluminava o cômodo. Em meio a um quase debate sobre a necessidade ou não de reforma do galinheiro, elas notaram a chegada de Mateo e sorriram:

– Achei que dormiria até mais tarde hoje, filho. – brincou a senhora Belén.

- Nós preparamos o seu desjejum, Mateo. - disse sua madrinha enchendo uma caneca de leite quente e entregando ao cordoeiro. - É uma viagem longa que você tem pela frente, precisa estar bem alimentado.

- Obrigado mãe, obrigado madrinha Cristina. - Agradeceu, sentando-se.

- Eu coloquei umas coisas no seu bernal para você comer no caminho. - Informou a mãe de Mateo, entregando-lhe uma pequena bolsa amarela. - Eu sei que você já é um homem, mas não consigo deixar de sentir o coração apertado de te ver partir.

- Eu logo estarei de volta, mãe, não se preocupe. - Respondeu Mateo dando uma mordida no pão com salame frito que as mulheres haviam feito para ele.

- Seu avô ainda dorme. - Informou Cristina. - Quer que eu o acorde para que você se despeça dele?

- Não há necessidade, comadre, o senhor Saúl não entenderia a situação mesmo... - Atalhou tristemente Belén, indo em direção à porta.

- Mamãe tem razão. - Concordou Mateo, engolindo o último pedaço do pão e tomando de uma vez só a metade restante do copo de leite. - Infelizmente seria confuso para ele, prefiro que descanse. De todo modo, eu preciso ir agora mesmo, ou não chegarei a tempo de pegar o barco em Augasfondas-de-Porto. - Falou, levantando e pegando sua mochila e o bernal e deixando a casa.

Mateo se virou para as duas mulheres e ficou surpreso ao notar que sua mãe parecia segurar as lágrimas. Ele não sabia se deveria achar aquilo engraçado ou se fazia uma

cara triste, mas após um momento de hesitação, acabou optando pelo melhor gesto para um momento desses e a abraçou, dizendo:

– Volto logo mãe, eu prometo.

– Eu estou sendo boba, filho. – Disse Belén enxugando o canto do olho com a mão – Mande um abraço para a Lia e diga pra ela que estamos todos com saudades. E não se esqueça de se divertir bastante, para poder me contar os detalhes da viagem e também descrever como está a famosa capital da nação.

– Pode ir tranquilo que eu ajudarei em tudo que eles precisarem aqui. – Disse a madrinha do cordoeiro, sempre muito prestativa e zelosa. – Tome cuidado com aproveitadores, ouvi dizer que o número de larápios aumentou muito de uns tempos pra cá, inclusive crianças, acredita? Mas não deixe de ir ao palácio! Ah, o orgulho de Augareas, ao qual vêm visitantes do mundo inteiro para apreciar as estátuas da Praça das Fontes. – Suspirou ela, lembrando-se da única viagem que fizera à capital, quando ainda era moça. – E não esqueça de dar um chute no cancelário Macías, para que crie vergonha na cara e deixe de ser tão imperialista.

– Pode deixar, madrinha. – Riu Mateo dando um abraço de despedida nela. – Mas se eu fizer isso tenho certeza que não voltarei muito cedo pra cá, e as senhoras é quem terão que ir à capital me visitar em algum calabouço. – E foi assim que Mateo enfim deixou sua casa e tomou a estrada que ia à cidade, pisando firme no cascalho para afastar o nervosismo e olhando sempre em frente. Não era uma grande distância e, embora indo a pé, levaria quase o

mesmo tempo que costumava levar quando fazia a entrega das cordas com a carroça.

A região onde o cordoeiro vivia era um promontório que ficava no extremo oeste da nação de Augareas, ao norte do grande golfo que banhava parte do país, incluindo a capital. E seria exatamente neste golfo que se daria a viagem de Mateo, partindo do porto em Augasfondas-de-Porto numa caravela que transportava viajantes, e navegando para o leste, sempre com a costa à vista. O cordoeiro saiu com certa antecedência para evitar qualquer tipo de imprevisto que pudesse lhe fazer perder a partida, pois a caravela na qual navegaria fazia este trajeto apenas uma vez por semana, e as outras, comandadas por oficiais, mercadores ou nobres, não levavam qualquer tipo de tripulante.

O sol da primavera já aquecia a manhã, e a brisa do mar temperava o ar com seu aroma característico, quando Mateo avistou o a curva do rio que correria lado-a-lado com a estrada, daquele ponto até sua foz. Pouco depois, após passar pela encruzilhada com a estrada que vinha do norte do promontório, o cordoeiro avistou um homem que caminhava tranquilamente no mesmo sentido que ele, carregando uma sacola volumosa. O homem chamou a atenção de Mateo e, ao passo que se aproximava dele, o cordoeiro ficou ainda mais surpreso com sua aparência, pois vestia um casaco pesado e incompatível com a temperatura morna da estação e usava uma cartola marrom repleta de pequenos broches coloridos.

O sujeito ouviu a os passos na estrada cascalhada e espiou por cima do ombro, virando-se para esperar que Mateo o alcançasse. A pele de seu rosto ossudo era muito

marcada, seu nariz era ligeiramente torto e seus olhos fundos, conferindo-lhe um ar tétrico de quem levava uma vida difícil e sombria. Ele se inclinou para trás, levantando uma sobranceira e estendeu a mão para o cordoeiro, sorrindo:

– Salve, amigo caminhante! Permita-me acompanhá-lo até Augasfondas-de-Porto, pois é sempre melhor viajar acompanhado e o tempo passa mais rápido quando se conversa. – Disse o homem. – Oh, perdão, esqueci-me de me apresentar. Meu nome é Acácio Veleno, às suas ordens.

– Me chamo Mateo. – Respondeu o cordoeiro desconfiado. Fora-lhe dito que tomasse cuidado com pessoas estranhas em sua viagem, mas pensara que apenas os veria na capital e não há poucos quilômetros de sua casa.

– Ora, ora, não precisa ficar cabreiro, rapaz. – Riu Acácio, enquanto ambos reiniciavam a caminhada. – Sei que minha aparência é um tanto quanto esdrúxula para os padrões atuais, mas é assim que eu sou, e não há o que temer. No momento, ao menos. Tudo que eu quero é alguém para dividir comigo o trecho que falta até o porto.

– Está indo até a capital, senhor? – Perguntou Mateo desejando, em seu íntimo, que a resposta fosse negativa. O cordoeiro não queria que aquela companhia de caminhada se transformasse também em uma companhia durante a navegação.

– Ora, por favor, não me chame de senhor! – Fazendo um gesto exagerado com as mãos e apontando para o seu rosto. – Quantos anos acha que eu tenho? Ainda nem cheguei na metade da minha vida, ou, pelo menos, é o que eu espero. Façamos o seguinte, eu te chamo de Mateo e você me chama de Acácio, combinado?

Mateo concordou com a cabeça, afinal, parecia melhor não contrariar aquele homem, pois ele poderia ser algum tipo de maluco, e talvez escondida no casaco estivesse uma garrucha carregada e pronta para atirar, ou então alguma arma medonha estivesse em sua sacola empoeirada, esperando ansiosamente para retalhar o primeiro incauto que se atrevesse a contrariar seu dono.

- Ah, este é um belo dia para se viver e um lindo dia para viajar, não acha Mateo? - Insistiu Acácio, enchendo os pulmões de ar de modo teatral.

- Realmente. - Assentiu o cordoeiro, cada vez mais incomodado com aquela figura estranha.

- Não seja acanhado, amigo! Tenho certeza que você é muito mais eloquente que isso. Diga-me, você não é um marinho, é? - Perguntou o homem, sempre olhando direta e firmemente nos olhos de Mateo, com uma certa frieza que destoava de seu falar caloroso.

- Não, embora eu possa dizer que auxílio a Marinha, mas de outra forma. - Respondeu Mateo, decidindo que seria melhor interagir com aquele homem, pois aparentemente não o deixaria até que chegassem ao porto. - Eu sou cordoeiro, fabrico todo tipo de cordas, e, de uns tempos pra cá, tenho trabalhado quase que exclusivamente para suprir a frota do almirante Xerson.

- Que interessante. - Disse Acácio assumindo uma expressão insondável. - Nunca conheci um cordoeiro antes. É uma profissão bem rara, não é?

- Sim. - Respondeu o rapaz. - Na realidade, minha família sempre produziu cordas para as pessoas da região, e nossos fregueses eram vizinhos, agricultores e pescadores

do litoral. Todavia, mesmo com este ofício, nosso sustento vinha principalmente da roça e do nosso gado. Foi apenas depois da chegada do almirante e da instalação do quartel da Marinha que passei a dedicar mais tempo a esse trabalho, pois ele gostou de tal forma das minhas cordas e faz tantos pedidos que eu mal posso dar conta. Acho que ele gosta de preservar os costumes e valorizar as pessoas que ainda seguem a tradição passada de pai para filho, ou algo do tipo, já que existem oficinas na capital com muitas pessoas trabalhando e produzindo cordas para a Marinha, e mesmo assim ele prefere comprar as que eu produzo.

– Formidável. – Disse Acácio. – Mas não sei se é este de fato o pensamento dos nossos governantes, meu caro Mateo. Pois eu também aprendi minha profissão com meu pai, e ele com o meu avô, e assim ao longo de muitas gerações, e nem por isso alguém nos valoriza. Pelo contrário, fazem campanha contra nós, nos ridicularizam e nos chamam de ignorantes e simplórios.

Os olhos de Acácio ficaram momentaneamente brilhantes, e Mateo se surpreendeu com a expressão obstinada que surgiu no rosto dele, e perguntou:

– Diga-me, qual é o seu ofício?

O homem empertigou-se, como quem quer se mostrar importante ou elegante, mas tudo que conseguia com aqueles trajes pitorescos era reforçar ainda mais sua aparência cômica.

– Sou um caticeiro, Mateo. Um caticeiro de pai e mãe, nascido e criado junto à costa norte, onde felizmente nem todos seguem as opiniões do cancelário e de sua laia, e onde

ainda existem pessoas boas e favoráveis aos velhos costumes da nossa terra e da nossa gente. – Falou, orgulhoso.

Mateo levantou as sobrancelhas, surpreso. Ele imaginara que a profissão herdada por aquele homem não era outra senão a mendigaria, dada sua aparência surrada, ou talvez ele e seus antepassados fossem andarilhos e loucos sem rumo. Não que ser um caticeiro fosse muito melhor, pois eles não tinham uma reputação invejável, e, conforme o próprio Acácio dissera, há muitos anos eles estavam sendo desacreditados e taxados como salafrários, por vezes até como criminosos.

– Minha mãe me levou a uma caticeira quando eu era bebê. – Disse Mateo, tentando não demonstrar que ele próprio confiava pouco nos serviços prestados pelos colegas de profissão de Acácio. – Ela me contou que eu estava com uma tosse insanável havia semanas e que, por orientação de uma de nossas vizinhas, levou-me até uma senhora que à época morava aqui nas redondezas. O xarope que ela preparou para mim fez com que a tosse fosse embora de uma vez por todas, em apenas dois dias.

O homem se alegrou com o relato de Mateo, e trocando a sacola de ombro, ele disse:

– Vê, meu bom Mateo? É isso que não reconhecem mais hoje em dia. Nós caticeiros somos pessoas que passam a vida numa espécie de sacerdócio, ajudando a todos que necessitam dos nossos conhecimentos, afinal, incontáveis são as mães que já levaram seus filhos até nós em busca de cura e socorro. E o que pedimos em troca? Nada. Apenas nos dão aquilo que acham que merecemos pelo auxílio que prestamos, e é da generosidade delas que vivemos, como

você pode ver, mesmo que isso jamais nos conceda luxo ou roupas elegantes. Mas não para Macías, o *Conquistador*, é claro. – Desdenhou ele. – Este arremedo de cancelário diz que somos velhacos, que apenas enganamos as pessoas para lhes surrupiar o dinheiro, que todos devem evitar caticeiros e procurar os médicos, e que não devem tomar os xaropes que fazemos, mas sim comprar remédios nas farmácias das cidades! – Completou Acácio, com a voz amargurada de quem remoía tais pensamentos há um longo tempo.

– Entendo. – Falou o cordoeiro e, após um breve momento de hesitação, não pode deixar de comentar sobre algo que sempre escutara sobre essa classe. – Mas eu também ouvi sobre caticeiros que fazem toda sorte de perversidades, que arruinam a vida de pessoas, desfazem casamentos, espalham pestes em rebanhos e lavouras, e até mesmo são capazes de matar inocentes, tudo isso em troca de dinheiro. – Mateo notou que os olhos do homem se estreitaram, e se apressou em continuar. – Perdão, mas é que muitas pessoas comentam isso e eu não pude deixar de lembrar.

Por um momento, Mateo pensou que Acácio gritaria com ele, chegou a imaginar novamente a arma sinistra que poderia estar escondida naquela sacola velha, ainda mais agora que sabia do ofício escuso daquele homem. “*Mateo seu linguarudo, pense antes de falar!*” lamentou-se ele em seu íntimo, mas sua expressão soturna do caticeiro se dissipou num instante e balançou a cabeça, rindo:

– Certo, certo, meu caro Mateo. – Disse. – Não fico ofendido com sua pergunta, pois assim como em qualquer

profissão, na minha também existem aqueles que merecem pouco prestígio. Um pequeno número de caticeiros que destroem famílias e empobrecem homens de vida próspera, e que são capazes de misturar venenos tão poderosos e discretos que matam sem deixar nenhum vestígio. Não me orgulho deles, é claro, mas não posso fingir que não existem. – Ele enfiou a mão no casaco e retirou um pequeno cantil. Por um momento, Mateo pensou que fosse um frasco contendo um desses tais veneno poderosos, mas o homem tomou um longo gole e o cordoeiro pode ver que era apenas água. – Houve uma época, ao alcance da memória de seu avô e talvez até mesmo de seu pai, na qual ainda se penduravam condenados na forca. E sabe do que ela era feita, meu amigo cordoeiro? De corda. Lembre-se sempre disso, pois neste mundo existe toda sorte de homens, desde aqueles que são extremamente pérfidos àqueles que levam uma vida correta e praticam poucos atos reprováveis. E tenho convicção de que a perfeição não existe, porque nunca vi um só homem que fosse extremamente bom, e todos têm seu lado ruim, por mais escondido que seja. Da mesma forma, tudo aquilo que criamos pode ser aproveitado de forma a ajudar os outros, mas pode também trazer dor e sofrimento. Como as cordas que você faz, meu caro, nos dias de hoje elas não viram forcas, mas ajudam a transportar os marinheiros através do Mar de Sal, para que travem suas batalhas encarniçadas e massacrem aqueles que foram batizados como inimigos da nossa nação. Não seria, então, o cancelário Macías o maior dos assassinos?

– Compreendo o que você quer dizer, Acácio. – Respondeu Mateo, pensando sobre o que o caticeiro dissera. –

Mas, se todos nós olhássemos apenas para os infortúnios causados pelas nossas obras, ninguém jamais faria nada, fosse bom ou ruim.

– Exato, Mateo. E é por isso que o cancelário está errado em difamar todos os caticeiros, argumentando a respeito daqueles que são desonrados e vis. – Concluiu Acácio triunfante com seu raciocínio, e exultante por ter encontrado em Mateo alguém em quem despejar suas opiniões longa e intensamente matutadas.

A conversa de fato distraía Mateo, e quando ele se deu conta, já podia avistar o mar e os telhados das casas de Augasfondas-de-Porto. Os barcos pesqueiros com seus cascos coloridos e suas velas brancas se espalhavam no grande tapete azul, e aqui e ali era possível ver grandes fragatas e outras embarcações da Marinha. No horizonte, em dias claros como aquele, era possível avistar a encosta escarpada de Mos-de-Illa como uma pequena linha escura se erguendo sobre as águas.

Os dois caminharam por mais algum tempo, tomando o caminho que contornava a cidade ao sul, em direção ao porto. Mateo apontava ao caticeiro as mudanças ocorridas nos últimos anos em Augasfondas-de-Porto, como o notável aumento no número de casas, o grande quartel da Marinha, visível daquela distância mesmo estando do outro lado da cidade, devido ao seu vulto, e os inúmeros novos habitantes, oriundos das mais diversas partes do país e mesmo das nações vizinhas. Acácio parecia legitimamente interessado, vez ou outra deixando escapar expressões de espanto e admiração. Seu olhar, todavia, parecia áspero e carregado de ressentimento, e Mateo notou

que seu sorriso descontraído desfalecia repentinamente toda vez que um marinheiro passava por eles.

O porto era um lugar agitado e barulhento, dezenas de embarcações estavam atracadas no cais e um número considerável de pessoas se amontoava ao redor dos principais pontos de comércio. À direita de Mateo um homem muito gordo, com uma roupa que deveria ter sido elegante há algumas décadas, mas que agora era desajustada e gasta, dava ordens a alguns rapazes. Ele estava visivelmente irritado com a lentidão deles ao descarregar um enorme caixote de aparência pesada. Mais adiante, havia um grupo de mulheres ao redor de uma senhora atarracada, a qual usava o xale típico do país vizinho, D'orturó, que ficava do outro lado do Golfo, examinando cremes e adereços dispostos em um grande tapete. Mateo raramente caminhava pelo porto quando ia a cidade, pois era de natureza tímida e sempre preferia a calma da vida interiorana. Sendo assim, estar no meio de toda aquela agitação e daquele fluxo de homens e mulheres apressados que pechinchavam e ofereciam seus produtos e serviços, fazia o cordoeiro se sentir desconcertado e perdido.

- Veja, Mateo! - Anunciou o caticeiro apontando uma embarcação atracada logo a frente, na qual entravam diversas pessoas com bagagens e sacolas. - Lá está a caravela na qual navegaremos. Bom, deve ser ela, visto que aquele emblema na bandeira sobre o mastro principal é idêntico ao que figura em minha passagem.

A grande embarcação de madeira escura era a única naquele trecho do porto, e considerável era o ajuntamento

de pessoas nas proximidades, muitos olhando para a bandeira amarela que tremulava sobre o mastro principal. O símbolo pintado nela era composto pelos desenhos de um pé e de um sol, ambos sobre uma listra verde, e Mateo não entendia seu significado.

– Deve ser. – Respondeu Mateo, observando um homem de aparência cansada, com roupas surradas e barba por fazer, que entregava a passagem a um rapaz, possivelmente o membro da tripulação, cuja tarefa era barrar aqueles que não tivessem pago pela viagem.

Os dois se aproximaram da caravela, que balançava suavemente, e Mateo saudou o nauta:

– Bom dia, meu nome é Mateo e este é Acácio, estamos de partida para Melchora. – Disse o cordoeiro entregando a sua passagem e notando, devido a pouca distância, que o marujo tinha apenas a orelha esquerda.

– Neste caso, – respondeu ele – sejam bem-vindos a bordo do Casc-de-Percebes! Acomodem-se à proa; não nos responsabilizamos por itens derrubados no mar; em caso de enjoo não vomitem no convés; para que tenhamos uma boa viagem, não se impliquem com os demais passageiros; a tripulação é responsável por operar a caravela e não para servir os senhores, portanto, evitem situações desagradáveis; qualquer dúvida basta me chamar, meu nome é Bertomeu. – Ele pegou a passagem entregue por Acácio e deu uma olhada curiosa para os trajes do caticeiro. – Ademais, que não sejamos engolidos por uma tempestade e que façamos uma boa viagem!

– Que assim seja, meu caro Bertomeu! – respondeu Acácio, fazendo um gesto exagerado com a mão esquerda

e virando o rosto para o lado contrário. O rapaz franziu o cenho e desviou sua atenção para uma senhora idosa que se aproximava ofegante da caravela, arrastando penosamente uma grande mala bordô e agitando de modo eufórico uma passagem.

Capítulo Três



Mais de trinta passageiros subiram a bordo da caravela, acomodando-se principalmente nos bordos, onde haviam bancos de madeira pregados ao convés, embora alguns tivessem largado suas bagagens em algum canto e estivessem em pé. Mateo percebeu que a maioria deles devia ser habituada a navegar, pois conversavam tranquilamente sobre como o mar se comportaria naquele dia e não olhavam ansiosamente para fora do barco. O cordoeiro os invejava, pois a situação era deveras angustiante para um rapaz simplório como ele, acostumado apenas com o balançar da carroça pelas estreitas estradas dos vales do litoral.

Os tripulantes logo desamarraram as cordas e recolheram a âncora, colocando a caravela em movimento com

ajuda de homes do porto, que empurraram a embarcação com varas compridas. Enquanto o timoneiro acertava a direção, alguns marujos, rapazes de não mais do que treze ou quatorze anos de idade, abriam as velas, e em questão de minutos eles atingiram uma boa velocidade, deixando aos poucos o porto movimentado de Augasfondas-de-Porto para trás.

Com o intuito de enganar a ansiedade, Mateo passou a observar silenciosamente os tripulantes, imaginando o que levava cada uma daquelas pessoas a estar ali naquele momento, navegando em direção à capital. Ele ponderava se aquele senhor de chapéu alto estaria à procura de trabalho, se aquela moça de aparência séria buscava uma vaga na universidade ou se os dois homens altos que conversavam próximo ao mastro estariam apenas voltando para casa após visitar a família no interior. Aliás, ele se deu conta de que sequer sabia qual era o objetivo do caticeiro que o acompanhara durante a caminhada, e que agora estava ao seu lado procurando alguma coisa nos bolsos de seu casaco, compenetrado como jamais estivera desde que Mateo o conheceria.

– Será uma longa viagem, se o vento continuar assim. – Mateo ouviu o um homem barbudo dizer ao marujo que amarrava uma corda ao seu lado. – Eu já fui marinheiro quando era jovem, e meu filho é oficial no porto da capital. Pretendo morar com ele agora que minha esposa faleceu.

Mateo não pensara muito sobre isso, mas de todo modo ficou surpreso com a interação entre os passageiros da caravela, pois praticamente todos conversavam, fosse

com outro passageiro ou com algum dos membros da tripulação. Talvez fosse o meio mais prático de passar o tempo enquanto navegavam ao longo do golfo, embora alguns preferissem se recostar e dormir, e uma velha optasse pelo que, aparentemente, seria um jogo de cartas solitário. Como era de se esperar, Acácio conversava com um velho que, pelo que Mateo conseguiu entender, era da mesma região da qual o caticeiro viera. Ele estava relativamente bem vestido, com sapatos lustrosos e um casaco verde-escuro, e falava com uma voz roufenha, de modo que cada palavra parecia ferir sua garganta.

Mesmo que tivesse se passado pouco tempo desde que zarparam, a pouca familiaridade que Mateo tinha com o mar logo se converteu em enjoo, o qual piorava na mesma velocidade em que o cordoeiro ficava preocupado e envergonhado ao se imaginar vomitando em frente a todas aquelas pessoas. Para tentar distrair a cabeça e o estômago, ele se levantou e deu uma boa olhada pelo convés, avistando novamente um homem de aparência surrada, que espiava nervosamente para fora da caravela. Mateo presumiu que eles estavam sofrendo do mesmo mal, e decidiu que seria uma boa ideia iniciar uma conversa, dirigindo-se a ele e tentando não ficar tonto com o balanço do barco.

– Bom dia, eu me chamo Mateo. – Apresentou-se o cordoeiro, apoiando-se com as mãos na borda de madeira, ao lado do homem. – É difícil se acostumar a esse gíngado, não acha?

O homem virou o rosto assustado, como se Mateo fosse alguém que pudesse lhe machucar, mas em um instante sua expressão se acalmou e ele deu um sorriso torto, dizendo com uma voz grave:

– É normal se sentir enjoado no começo, mas logo você se acostuma. – E deu mais uma olhada ansiosa para os barcos que navegavam nas proximidades.

– O senhor costuma navegar com frequência? – Perguntou Mateo, subitamente frustrado por aquele homem aparentemente não compartilhar da mesma fraqueza estomacal que ele.

– Oh sim! – Respondeu, o homem, num discurso decorado. – Eu sou pescador de profissão, e vivo na capital, Melchora. Estive por alguns dias em Augasfondas-de-Porto visitando minha mãe que está doente.

Mateo ficou intrigado pela forma de falar do homem, que sequer dissera seu nome, mas assentiu com a cabeça e disse:

– É a primeira vez que vou à capital da nação. Bom, para ser sincero, é a primeira vez que navego em uma embarcação desse porte, pois até hoje só subi a bordo de botes e barcos de pesca. Mas, tirando esse enjoo, estou gostando. A vista é uma beleza. – E apontou para o grande golfo, onde se viam inúmeros barcos pesqueiros e uma nau da Marinha, não mais do que quinhentos metros distante deles.

O homem parecia não compartilhar desse encanto pela paisagem, olhando receoso para o mar, como se ele lhe trouxesse apenas más recordações. Depois de um momento de silêncio, ele estendeu a mão para Mateo e finalmente se apresentou:

– Eu me chamo Diego Liñador, às ordens.

– Às ordens que vou. – Respondeu Mateo, como ainda era de costume entre alguns idosos da região.

– Diga-me, Mateo, o que leva um homem de terra firme a se aventurar nesta caravela? – Perguntou o homem, finalmente abandonando o tom apreensivo e distante.

Mateo sentou-se ao lado de Diego e respondeu:

– Eu farei uma visita surpresa para minha noiva, pois já faz alguns meses que não nos vemos. A princípio até pensei em ir de carroça, mas levaria vários dias e seria muito cansativo, sem considerar que também seria mais perigoso, então decidi reservar algum dinheiro para comprar a passagem da caravela. – Mateo fez uma breve pausa quando o barco deu uma balançada considerável, mas logo prosseguiu. – Minha noiva estuda na Universidade Central Augareasenha desde o ano retrasado para se tornar professora, e então, quando ela concluir os estudos e voltar, nós nos casaremos.

Diego deu um olhar compreensivo a Mateo, e suspirando disse:

– Fico feliz por você, Mateo, é uma dádiva encontrar uma pessoa com a qual valha a pena passar o resto de nossos dias. Eu sou grato pois tive esta sorte, e possuo uma boa esposa e um filho de seis anos que aguardam meu retorno em Melchora. Não os vejo há um bom tempo, e se minha saudade soprasse os ventos que impulsionam essas velas brancas, é provável que a esta altura já estivéssemos a meio caminho da capital.

– Pois se minha saudade também o fizesse, tenha certeza de que estaríamos.

Naquele momento, após uma sonora gargalhada, um homem extravagante usando uma cartola marrom repleta de broches coloridos e cheirando levemente a álcool se aproximou dos dois:

– Aí está você, meu amigo Mateo! – Disse numa voz constrangedoramente alta e aguda. – O senhor Ecequiel bondosamente me deixou experimentar seu licor de pê-sego, realmente muito saboroso. – Ele olhou bem para Diego e fez uma reverência. – Acácio, o caticeiro, ao seu dispor. – Ao ouvir a palavra “caticeiro”, um casal que estava próximo a eles amarrou a cara e se virou.

– Diego Liñador. – Cumprimentou-o educadamente o pescador.

– Ora, vejo que você não é tão tímido quanto pareceu mais cedo, Mateo. – Disse Acácio, sentando-se ao lado do cordoeiro e Tateando os bolsos à procura de algo. – Mal viro as costas e você já está aí fazendo amizades com os outros passageiros.

– O tempo passa mais rápido quando se conversa, não é mesmo? – Disse o cordoeiro, sorrindo.

– Eu disse isso antes, não disse? – Riu Acácio, e retirou uma minúscula forquilha do bolso que ficava na altura do peito, do lado direito, alisando-a cuidadosamente. – E é a mais pura verdade. – Ele espiou para os lados e abaixou a voz. – Exceto quando a pessoa tem uma voz irritante como a do velho Ecequiel, é claro. Ele até pode ser um homem gentil e ter uma bebida saborosa, mas é impossível ouvi-lo falar por mais de cinco minutos.

Diego, aproveitando o assunto, contou a eles sobre um dos conselheiros de Melchora, cuja voz era tão rouca

que quando ele discursava em praça pública, na época das eleições, ninguém era capaz de entender sequer uma palavra. Assim, de um assunto trivial a outro, a conversa se estendeu durante algumas horas, enquanto o sol subia cada vez mais e os ventos se tornavam mais fortes, e durante todo o percurso se via a costa verdejante de Augareas, ora no alto de encostas rochosas, ora na orla de belas praias, além das muitas cidades e vilas costeiras.

– É uma bela nação a nossa, não acham? – Comentou Mateo orgulhoso, olhando uma comprida praia ao que ficava entre dois grandes rochedos, cenário este complementado pela presença muitos barcos de pesca coloridos com suas velas recolhidas.

– Realmente. – Concordou Diego. – Mas não mais do que o próprio mundo é belo. Já tiveram a oportunidade de visitar alguns de nossos países vizinhos? D’orturó, do outro lado do golfo, é conhecido pelas colinas arenosas que se contrapõem às imensas planícies verdes onde os agricultores cultivam milho e arroz. Ao leste de nossa capital, além do rio, fica Zorideaur, o país que há séculos foi capital do grande império Zori, mas que ainda hoje preserva sua arquitetura magnífica. E até mesmo Mos-de-Illa, que já foi parte de nossa nação, famosa por sua terra fértil e por suas formidáveis praias brancas.

– Vermelhas. – Interrompeu Acácio. – O cancelário está fazendo uma bela obra ao pintar tais praias brancas com o sangue do povo de Mos-de-Illa.

Mateo não pode deixar de notar mais uma vez o ran-cor que fazia vibrar a voz do caticeiro. Diego, no entanto, assentiu:

– É uma lástima o que estamos fazendo naquela ilha, pois mesmo que ela já tenha sido um dos estados de Augareas no passado, a origem e a cultura de seu povo são muito diferentes da nossa, e depois de tanto tempo, pouco sentido há em anexá-la novamente.

– Mas não foi exatamente por causa dessas diferenças que foi concedida independência a Mos-de-Illa? – Perguntou Mateo, tentando mostrar que também entendia de geografia e política, mesmo que só tivesse visto aquele assunto há vários anos, em livros e mapas da escola na qual estudara durante os cinco anos obrigatórios do ensino simples.

– Justamente, meu amigo. – Disse Acácio, fechando o punho e batendo de leve na madeira. – E é por isso que é tão detestável e vergonhosa a guerra que Macías está conduzindo, rasgando os tratados que Augareas mesmo redigiu em favor do povo de Mos-de-Illa. Injustificável! – A última palavra foi dita numa voz aguda e alta que atraiu olhares repreensivos daqueles que estavam mais próximos.

Diego concordou com a cabeça e continuou, em voz baixa:

– O cancelário argumenta que habitam tantos cidadãos de Augareas em Mos-de-Illa que ela já é naturalmente parte da nossa nação, o que, devemos reconhecer, não deixa de ser parcialmente verdade. – Mateo notou que Acácio estreitou os olhos. – Mas o que era pra ser uma conquista rápida, tendo em vista a superioridade da nossa marinha e do nosso exército, juntamente com o apoio da parte norte da ilha, povoada principalmente por augareasenhos, acabou por se tornar uma matança sem sentido. Por mais que eles

tenham pouca força para resistir e busquem tratados de paz, é como se o cancelário estivesse com os ouvidos tampados, ignorando tudo e insistindo em apontar seus canhões para eles.

– Você sabe coisas que poucos comentam. – Falou Acácio, apertando pequeno broche vermelho em seu chapéu. – Não é um fugitivo de Mos-de-Illa, é?

– E tomar uma caravela para a capital da nação inimiga? – Respondeu Diego. – É pouco provável que Vossa Alteza Digníssima me recebesse com um banquete e honrarias, não acha?

Acácio deu uma risadinha:

– Realmente.

– Você comentou sobre nossos países vizinhos, Diego. – Começou Mateo, tentando mudar de assunto antes que eles chamassem muita atenção, pois embora fosse comum discutir política em Augareas, os debates sobre a guerra eram delicados e frequentemente espinhosos, e não valia a pena insistir naquela polêmica com tantas pessoas ao redor. – Já os visitou?

– Infelizmente não. – Respondeu. – Mas como sou pescador, tive a sorte de encontrar pessoas de muitas nacionalidades. Inclusive certa vez encontramos um homem à deriva, agarrado a um barril e, acreditem ou não, ele tinha cabelo e barba alaranjados como o sol poente. Não fomos capazes de entender nada do que ele disse à princípio, mas pelos gestos que fazia, concluímos que afirmava ter vindo do Mar do Leste.

- Mar do Leste? - Assombrou-se Mateo, lembrando-se das poucas histórias que chegavam sobre os povos que viviam nos países distantes do Leste.

- Sim, ele ficou conosco por mais de um ano, aprendeu um pouco da nossa língua e por fim nos tornamos bons amigos. - Continuou Diego. - Certo dia a saudade de seu povo falou mais alto, ou talvez tenha sido seu espírito aventureiro, mas fato é que ele pediu que o deixássemos em D'orturó, e de lá jogou a sacola sobre o ombro e partiu a pé para casa. Inclusive, aquele foi o dia em que estive mais perto de pôr os pés em outro país, e me arrependo até hoje de não ter descido do barco e caminhado pela cidade pelo tempo que ficamos atracados.

- Era um homem corajoso, este estrangeiro. - Comentou Acácio coçando o queixo. - Tentar atravessar o continente apenas com uma sacola nas costas é, no mínimo, insensatez.

- Concordo com você. - Disse Diego. - Mas ele foi um dos homens mais intrépidos e espirituosos que eu já conheci, e não me surpreenderia se ele conseguisse tal feito. Quando nos disse adeus, ele prometeu que voltaria um dia com um grande *cwch*, que era como ele chamava os barcos, e nos levaria para conhecer o país dele.

- Navegar até o longínquo Mar do Leste? - Riu nervosamente Mateo, cujo estômago ainda não tinha concordado com este meio de transporte. - Não acho que eu chegaria inteiro.

- Agora que você tocou no assunto, - disse Acácio se levantando e arrumando o casaco - preciso me dirigir ao

interior do navio por motivos pessoais, sé é que me entendem. Com licença. – E os deixou.

– Ele tem um gosto curioso para adereços, o seu amigo. – Comentou Diego observando enquanto o caticeiro pedia orientações para um dos marujos.

– Sim. – Respondeu Mateo. – Mas ele não é exatamente meu amigo. – Apressou-se em esclarecer. – Nós nos conhecemos esta manhã enquanto caminhávamos até o porto.

– Compreendo. – Ele hesitou um momento, olhando ao redor para se assegurar de que não seria ouvido, e continuou. – Ouça Mateo, não sei se você percebeu, mas ele nutre algum tipo de rancor contra a guerra e especialmente contra o cancelário, por mais que tente disfarçar.

– Eu também pude notar, mas não vejo nisso motivo para alarme ou coisa do tipo, afinal, não são poucos os que não concordam com as decisões do nosso governo. – Ponderou Mateo.

– De fato, mas algo nele me intriga, a começar pelo nome. – Insistiu o pescador. – Você sabia que “Acácio” é um nome com comum em Mos-de-Illa?

– Para ser sincero não. – Respondeu Mateo, que, embora achasse Acácio enigmático e esquisito, não via nesses detalhes motivo para se alvoroçar. – Mas não deve ser um nome tão incomum em Augareas.

– Não mesmo. – Reconheceu Diego. – Mas o que me deixa desconfiado é a combinação. Alguém com um nome tradicional de Mos-de-Illa, com uma profissão escusa como a dele e que resolve viajar à Melchora, mesmo carregando

um visível rancor pelo governo, sem dúvidas me deixa pensativo. Ele te disse quais são seus objetivos?

– Não exatamente. – Respondeu Mateo, acreditando ser exagerada a preocupação do pescador.

– Tenho muita experiência com pessoas assim, e dificilmente me engano. – Advertiu Diego. – Prestar muita atenção nele, então, é o meu conselho para você.

Mateo não soube o que dizer, mas o silêncio o fez perceber que sentia fome, e aproveitou-se disso para mudar de assunto, oferecendo a Diego um dos pães com salame que trouxera em seu bornal.

– Fico grato pela generosidade, Mateo. – Agradeceu Diego, aceitando o pão sem cerimônias. – Estou faminto e não trouxe nada para comer, pois gastei tudo que tinha para comprar esta passagem. – E, em seguida, devorou o pão com salame rapidamente, como se não desfrutasse de uma refeição assim há muitos dias. – Está delicioso! Abençoado seja você, Mateo, e que receba em dobro tudo que você reparte com os outros.

– Que assim seja. – Assentiu Mateo, sentindo pena do faminto homem. – Além do mais, como meu avô costumava dizer: “a comida fica mais saborosa quando todos comem”.

– Então por que não me chamaram? – Ouviu-se a voz de Acácio, que acabara de voltar e olhava cobiçosamente para os pães.

– Sirva-se, Acácio, tem o bastante para nós três. – Disse Mateo, oferecendo-lhe o bornal.

– Ótimo, ótimo. Também tenho algo para compartilhar. – Falou Acácio, procurando algo em sua sacola. – Ah,

aqui estão. – E ofereceu-lhes peras grandes, com aspecto delicioso. Diego examinou a fruta discretamente, mas por fim decidiu que não havia nada de errado com ela (ou talvez a fome tenha falado mais alto) e a devorou rapidamente. Mateo não demorou muito para terminar com a sua também, pois a fruta estava realmente saborosa e suculenta, e não fez mal algum a nenhum deles.

Depois de matar a fome os três continuaram conversando, desta vez sobre assuntos menos polêmicos, entre eles o ofício da cordoaria. Mateo contou a eles como aprendera a fazer cordas com seu pai, que por sua vez aprendera com seu avô, já falecido, o qual fora pioneiro do ramo na região, tendo aprendido o ofício nos anos que serviu no Quartel General da Fronteira Norte. Diego contou pouca coisa sobre seu passado, tendo ouvido muito mais do que falado, à exceção de uma anedota ou outra, geralmente envolvendo seu amigo do distante Mar do Leste. Acácio, sem sombra de dúvidas, foi o mais falante dos três, e contou, com a devida pompa e encenação, inúmeras histórias de pessoas que o procuravam para os fins mais esdrúxulos, como por exemplo, um homem que buscava um elixir para transformar sua sogra em um gambá e um casal que queria que ele fizesse uma catiça para deixar o seu filho menos feio.

– Confesso que seria mais fácil transformar a velha em algum animal do que consertar a cara daquele pobre garoto. – Ria o caticeiro enquanto arremedava as feições do menino.

Mateo sentiu-se grato por ter a companhia daqueles homens, mesmo com suas estranhezas e particularidades,

pois a conversa o fazia esquecer do enjoo e mitigava sua ansiedade, ainda que volta e meia ele olhasse adiante, à bombordo da proa, esperando divisar ao longe as torres altas de Melchora.

Capítulo Quatro



Todos os tripulantes da caravela estavam aborrecidos com a longa viagem, e a maioria dormia ou fazia silêncio quando finalmente um dos marinheiros, encarrapitado no topo do mastro mais alto, anunciou que já era possível avistar o porto de Melchora. Mateo se levantou, curioso para ver a famosa imponência da capital da nação, e não se decepcionou, posto que a maior cidade que ele já vira, é claro, era Augasfondas-de-Porto, e ela não chegava aos pés de Melchora. A titânica capital de Augareas se estendia desde o fervilhante porto até uma colina muito além do litoral, onde era possível ver um grande palácio com muitas torres

e rodeado por um imenso jardim, no qual o cancelário tomava as decisões controversas que moviam a nação naqueles tempos de guerra.

O porto por si só já era uma visão magnífica, e até mesmo aqueles acostumados com a viagem e com a cidade debruçavam-se nas guardas do navio a observá-lo. Desde seu extremo ocidental, rente a um rochedo no qual fora esculpido um rosto feminino com olhar determinado, tão grande como a caravela na qual navegavam, até seu extremo oriental, distante mais de dois quilômetros, na foz do principal rio do país, viam-se navios mercantes, ora atracando com mercadorias vindas de cidades e países vizinhos, ora partindo carregados com manufaturas de Melchora, além de pesqueiros de todos os tamanhos e, como era de se esperar, imponentes embarcações da Marinha, tais como grandes fragatas repletas de marinheiros uniformizados e galeões com muitos canhões.

– Será que encontraremos um lugar para atracar no meio de todo esse movimento? – Perguntou Acácio, parecendo animado demais para alguém que guardava tanto ressentimento do governo.

– Não se preocupe, o capitão sempre reserva com antecedência um ponto de atraque, geralmente além dos navios dos pesqueiros, na parte leste do porto. – Comentou um marinheiro franzino que estava próximo deles, mascando um naco de fumo. Para os nautas aquilo era tão cotidiano que poucos desviavam os olhares de suas funções para observar o porto. Apenas alguns, entre os mais jovens, atreviam-se a descansar os braços sobre o esfregão e olhar

para as torres e para as compridas bandeiras amarelas que nelas tremulavam.

Mateo, diferentemente de alguns que soltavam exclamações ou batiam palmas, observou calado. Seu estômago parecia ter desaparecido por completo, e ele chegou à conclusão que Melchora era de tal modo gigantesca que ele certamente ficaria perdido e não encontraria a universidade, e tampouco sua noiva. Seguramente teria que pedir a ajuda de estranhos nas ruas, fatalmente ficando à mercê de vigaristas e trapaceiros, e já que não conseguiria disfarçar sua origem interiorana, evidenciada por suas vestimentas, jeitos de andar e de falar, teria que dobrar os cuidados e manter os dois olhos bem abertos.

Desviando esses pensamentos da mente, a fim de recuperar o estômago que havia desaparecido, Mateo olhou para o lado e notou que Diego também estava nervoso, embora de uma forma diferente, como se a cidade e os barcos o assustassem. Acácio, entretanto, falava alegremente com Ecequiel sobre a chegada, pedindo mais um gole de seu licor de pêssego. Para sua sorte, não chegara aos ouvidos do velho o que ele havia dito sobre sua voz, e o caticeiro recebeu o frasco como cortesia.

– Obrigado, digníssimo Ecequiel! – Agradeceu sedosamente Acácio, guardando o frasco em um dos bolsos de seu casaco. – Este licor é uma obra de arte! Delicioso, realmente delicioso!

Após alguns minutos, chegaram ao ponto de atraque mencionado pelo marujo, que agradeceu a todos pela preferência e informou que a caravela zarparia novamente em

uma semana, de volta à Augasfondas-de-Porto. Os passageiros, cansados da viagem, cumprimentavam-no e ao capitão, carregando seus pertences na direção da rampa de descida, em uma fila pouco organizada.

– É isso. – Disse Acácio, arrumando a cartola. – Foi um prazer navegar ao lado dos senhores, mas eu preciso tomar meu caminho agora. Adeus! – E fez uma reverência exagerada, deixando-os.

Mateo estranhou muito a súbita despedida de Acácio, pois sua personalidade extrovertida e seu jeito grudento e insistente o fizeram pensar que ele se demoraria ao lado deles, talvez propondo que ficassem na mesma pousada ou algo do tipo. Diego também observou pensativamente o caticeiro enquanto ele se afastava do porto, misturando-se à multidão (tanto quanto suas roupas permitiam), e depois respirou fundo e examinou os arredores, como se estivesse à procura de conhecidos. Por fim, voltou-se para Mateo:

– Bom, creio que aqui nossos caminhos se separam, Mateo.

– Sim, eu também devo ir. – Concordou o cordoeiro, que se sentia estranhamente desamparado sem a presença dos dois, mas que mesmo assim resolveu aproveitar a oportunidade e pedir ajuda ao pescador. – Diego, você poderia me dar uma dica de como chegar à universidade? Essa cidade é enorme e eu francamente estou com medo de me perder.

– Não se preocupe com isso. – Respondeu Diego, virando-se e apontando para além do porto. – É só seguir por aquela rua até chegar a uma praça, com uma fonte bonita e

muitas algodoeirias, e você já será capaz de enxergar a abóbada da universidade, à esquerda.

– Obrigado. – Agradeceu Mateo. – Se eu me perder agora é porque eu mereço mesmo. – Completou, rindo nervosamente.

– Nesse caso devo concordar. – Sorriu Diego, mas Mateo percebeu que ele estava ansioso, como alguém atrasado para alguma coisa. – Ademais, foi bom te conhecer, Mateo, o cordoeiro. Espero que nos vejamos novamente. – E, embora demonstrasse sinceridade ao dizer a primeira frase, havia pouca convicção em sua voz quando disse a segunda.

– Igualmente. Boa sorte! – Disse Mateo estendendo a mão.

– Cuide-se! – Falou Diego, cumprimentando-o e, e em seguida, virou as costas e deixou o cordoeiro.

Com os dois companheiros de viagem rumando para direções opostas, Mateo se viu no meio de uma multidão de pessoas muito maior do que aquela que estava no porto em Augasfondas-de-Porto, embora suas características não fossem muito diferentes. Centenas de comerciantes formavam uma espécie de feira, ofertando os mais diversos tipos de produtos em barraquinhas dispostas ao longo do porto e homens robustos e queimados pelo sol transportavam caixotes e sacos, alguns carregando e outros descarregando os navios, sem descanso. À espera do embarque em um belíssimo navio com velas vermelhas, algumas mulheres bem-vestidas gritavam ordens às suas criadas, e seus maridos ricos conversavam com oficiais da Marinha de alta patente.

Ao passar pela feira, buscando caminho em meio às pessoas que pechinchavam, ele sentiu um cheiro que despertou sua fome. Vinha de uma tenda onde três mulheres de baixa estatura trabalhavam agitadas, fritando pedaços de peixe em grandes tachos com azeite, passando-os em farinha e temperando-os, ao final, com suco de limão. O cordeiro não resistiu ao aroma convidativo daquela iguaria e comprou uma porção, saboreando-a ali mesmo. Depois de agradecer às mulheres e elogiar a qualidade daquele peixe frito, Mateo deixou a feira e seguiu pela rua indicada por Diego, sentindo-se muito melhor em terra-firme do que estava na balançante caravela.

As ruas naquela parte de Melchora eram pavimentadas com pedras cuidadosamente alinhadas, e as calçadas eram largas, sendo iluminadas à noite por postes muito belos, feitos de metal negro, dispostos em intervalos regulares. As casas e comércios, encostadas umas nas outras, possuíam uma arquitetura característica, em sua maioria com dois andares de tijolos aparentes e com arcos acima das portas e janelas, quase todos com algum tipo de adorno. O povo que por ali transitava, contudo, parecia ocupado e com pressa, e poucos eram os que olhavam para o cordeiro e, quando o faziam, muitas vezes era com certo desdém, possivelmente pensando “outro matuto desorientado”.

Mateo seguia admirando maravilhado a imponência de Melchora, embora se sentisse deslocado em um lugar tão movimentado, onde as pessoas eram frias e não cumprimentavam uns aos outros. Não levou muito tempo para

que ele percebesse que seria inteligente parar de boquiabrir-se com as belezas da cidade, ao notar o olhar malicioso de um homem que o observava do outro lado da rua, possivelmente um salafrário golpista pronto para enganá-lo e tomar seu dinheiro.

Após mais ou menos meia hora de caminhada, ele finalmente avistou a praça com uma elegante fonte de mármore, encimada pela estátua de uma mulher, da qual Diego falara. Ao se aproximar dela, Mateo notou que a mulher de mármore era a mesma cujo rosto estava esculpido no rochedo ao lado do porto. Esta versão, no entanto, a mostrava dos pés à cabeça, usando calças largas e uma armadura leve acima da cintura, além de um elmo comprido e enfeitado, tendo seus cabelos caindo em tranças até o meio das costas. A inscrição na plataforma aos pés dela dizia:

MELCHORA, A RESOLUTA, UNIFICADORA DOS PO-
VOS E FUNDADORA DA NAÇÃO DE AUGAREAS.

Mateo lembrou suas aulas de história na escola em Augasfondas-de-Porto, quando aprendeu sobre a fundação do país, há mais de quinhentos anos, ocorrida em grande parte pelas ações e pela determinação daquela mulher. Ela unificara os vários estados autônomos da península em uma só nação, tornando-se a primeira cancelária e dando início a uma era de enriquecimento e progresso. Diversas pessoas, algumas de outras nacionalidades, sentavam-se nos bancos à sombra das algodoeiras, admirando a beleza da fonte enquanto comiam e conversavam.

Seguindo a orientação de Diego, o cordoeiro procurou pela abóbada da universidade, divisando-a facilmente em meio às demais construções, por mais que estivesse relativamente distante e em uma baixada. Ele seguiu pela rua lateral, notando a presença de uma pequena floricultura, repleta de cores vivas em contraste as paredes de tijolos vermelho alaranjadas, e só então se deu conta que pensara tanto na surpresa em si, que quase se esquecera de comprar o buquê de astromélias para presentear Lia.

– O dia está conspirando ao meu favor. – Pensou em voz alta. – Encontrar por acaso esta floricultura, quando já havia me esquecido de comprar as flores, é certamente um sinal de que devo estar com sorte, afinal de contas. – E entrou na floricultura, sendo quase instantaneamente abordado por uma moça baixa usando um pequeno xale de renda:

– Boa tarde, senhor. – Sorriu ela. – Posso ajudá-lo?

– Eu quero comprar um buquê de astromélias para minha noiva. – Pediu Mateo, já levando a mão em direção ao bolso onde trazia o dinheiro.

– Pois não. Temos amarelas, vermelhas e brancas. Qual o senhor acha que ela poderia gostar? – Disse a moça, com muita simpatia.

– Deixe-me pensar, eu não sabia que existiam astromélias de outras cores, de onde eu venho só existem brancas. – Disse Mateo.

– Existem sim. – Explicou a moça, guiando Mateo até onde estavam as flores. – Inclusive existe a alaranjada, que é minha favorita, mas no momento não a temos. É algum

tipo de encontro especial, aniversário, pedido de casamento, talvez?

– Na verdade eu não a vejo faz algum tempo e pretendo fazer uma surpresa. – Respondeu Mateo, sem receios de revelar suas intenções românticas. – Como essas são as flores favoritas dela, acho que seriam uma ótima escolha.

– Certamente ela irá adorar! – Alegrou-se a moça, fosse pelas circunstâncias do presente, fosse pela venda garantida. – Sugiro então que leve as vermelhas, ou um buquê misto de vermelhas e amarelas. Se ela não as conhece ainda, é uma forma de fazer uma dupla surpresa.

Mateo pensou por um instante. Ele sempre tinha dificuldade em escolher o que dar de presente para Lia, e costumava optar por coisas que tivesse certeza que ela gostava, como suas flores favoritas, seu doce de frutas favorito, ou então alguma faixa de cabelo, já que ela tinha por hábito usá-las.

– Levarei as brancas, acho que trará boas recordações da nossa terra e do tempo que estamos juntos. – Decidiu, por fim.

– Como quiser. – Disse a moça. – Vou montá-lo para o senhor. Basta me dizer a quantidade de flores. – E em poucos minutos fez um belo buquê, mesmo que não fosse muito grande (pois Mateo descobriu que as coisas eram muito caras na capital), mas o suficiente para fazer aparecer no rosto de Lia aquele olhar terno que o cordoeiro tanto amava.

Tendo comprado as flores, não restava mais nada que pudesse atrasar seu encontro com Lia, e então Mateo

seguir a rua abaixo em direção à universidade, com a ansiedade a revirar seu estômago como se ele estivesse navegando em uma caravela em um dia de mar particularmente violento. Ao passo que se aproximava de sua meta, o cordoeiro notava a grandiosidade da Universidade Central Augareasenha, cujo prédio principal, além da majestosa abóbada, era rodeado por grandes arcos esculpidos e imensas janelas com vitrais coloridos. Havia ainda pelo menos cinco outros prédios ao redor do principal, os quais, pelo estilo da construção, Mateo supôs que fizessem parte do complexo da universidade.

Muitas pessoas circulavam nos arredores da universidade, passando distraidamente por Mateo, preocupadas em discutir os assuntos dos livros que levavam nas mãos. Outras estavam sentadas em pequenos grupos ao lado dos arcos de pedra ou mesmo na grama da pequena praça, que ficava de frente para a entrada principal. Em um deles, um jovem com a cabeça raspada dedilhava um bandolim, mostrando sua habilidade para os amigos e quem mais estivesse ouvindo.

Ao cruzar pela porta, o cordoeiro se viu em uma sala muito ampla, com teto alto e paredes elegantes repletas de pinturas a óleo de homens e mulheres distintos. À esquerda havia um balcão de madeira muito largo, sobre o qual haviam papéis, livros e outros objetos meticulosamente organizados, além de um busto cinzento de um homem carrancudo. O homem que se encontrava atrás do balcão, ocupado em assinar uma grande lista de nomes, não era menos carrancudo que o busto, e ao perceber a aproximação de Mateo, ergueu o olhar e perguntou:

- Boa tarde, posso ajudá-lo, senhor? - Mostrando-se educado, porém desinteressado.

- Olá. Eu procuro por Lia Colvizona, ela estuda aqui. Para se tornar professora. - Disse Mateo, constrangido com a falta de vontade do homem.

- Sinto muito, as aulas do período vespertino já acabaram há quarenta minutos. - Respondeu, olhando o relógio de parede ao seu lado. - Sugiro que a procure em sua casa ou volte amanhã.

- Obrigado. - Agradeceu Mateo, desistindo de extrair informações daquela pessoa. Porém, infelizmente, ele não fazia ideia de onde poderia encontrá-la naquela imensa cidade.

Quando o cordoeiro se afastou do balcão, resignado por não saber aonde ir, uma moça baixa, com um rosto bonito e uma roupa muitíssimo florida, tocou em seu ombro dizendo:

- Eu conheço a Lia, ela estuda no mesmo curso que eu, embora esteja um ano à frente.

- Isso é ótimo! - Disse Mateo esperançoso. - Então você deve saber onde ela mora, certo?

- Sim, não é muito longe daqui. Mas o que você é dela? Não posso fornecer esse tipo de informação para qualquer um que me pergunta, e você pode ser algum tipo de criminoso em busca de uma nova vítima, ou pior: um vendedor de estatuetas de bronze. - Respondeu a moça, a despeito de não demonstrar nenhuma preocupação nesse sentido, aparentando, inclusive, estar se divertindo com as opções.

- De modo algum. - Respondeu Mateo. - Eu me chamo Mateo, sou noivo da Lia e vim de Augasfondas-de-Porto fazer uma surpresa para ela. - E mostrou o buquê de astromélias.

A moça arregalou os olhos em uma expressão de surpresa, segurando um sorriso no canto da boca, e correu os olhos de cima a baixo no cordoeiro, o que Mateo entendeu ser um julgamento crítico de seu modo de vestir interiorano. Por breve instante ela ficou sem saber o que responder, como se a resposta de Mateo fosse mais desconcertante do que se ele tivesse se declarado um criminoso condenado em busca de compradores para suas estatuetas de bronze, mas então ela piscou e disse:

- Muito bem, muito bem. Eu acompanho você até onde ela mora, fica no caminho para minha casa, de qualquer forma. - Concluiu ela, possivelmente curiosa para ver o desfecho daquele encontro.

- Eu agradeço muito. Me sinto tão perdido nesta cidade. - Disse Mateo, sentindo-se aliviado por encontrar alguém que o ajudasse de bom grado, mas ao mesmo tempo desconfortável com a reação que ela teve, olhando-o como se ele irradiasse uma aura pitoresca e digna de pena. Talvez além do modo do cordoeiro se vestir, seu sotaque também tenha lhe causado a impressão de que ele era um caipira ingênuo e desorientado. Não que ele não fosse de fato um homem simples do interior, relativamente inocente e seriamente desorientado, mas independentemente disso não havia razão para o sorriso zombeteiro que ela se esforçava em conter.

- Compreendo. Eu nasci aqui, então o tamanho de Melchora não me impressiona muito. - Falou, conduzindo Mateo por uma rua perpendicular à pequena praça. - Conheço toda a capital, desde o porto até os loteamentos mais recentes que ficam além das colinas, cada atrativo turístico, cada ponto comercial, cada local importante, além de vários nem tão importantes assim.

- Tenho sorte de ter te encontrado, então. - Disse Mateo. - Mas você ainda não me disse seu nome.

- Me chamo Débora. - Respondeu, enquanto acenava para duas moças que passavam do outro lado da rua, as quais retribuíram o aceno com o mesmo olhar avaliativo para Mateo. - Você e Lia são noivos há muito tempo? - Perguntou. - Sou apenas conhecida dela, pois embora estejamos no mesmo curso, não conversamos com frequência.

- Entendo. - Disse Mateo, maldizendo-se internamente por não ter escolhido roupas mais decentes. - Estamos juntos desde antes de ela vir estudar em Melchora. Nos conhecemos ainda crianças, já que nossas famílias sempre foram amigas. Coisa de povo do interior.

- Aqui temos poucas situações assim. - Disse Débora, virando à direita numa esquina onde havia um restaurante de frutos do mar. - Mas é realmente romântico vir de tão longe para fazer uma visita surpresa, eu adoraria que alguém fizesse esse tipo de gesto por mim.

- Espero que Lia também pense assim. - Respondeu Mateo. - De qualquer forma, ela merece o meu esforço de cruzar metade do país para vê-la.

- Pode apostar que merece. - Concordou Débora, acenando para um homem idoso que fechava as portas de um empório com grandes vitrines.

Os dois caminharam por mais alguns minutos, enquanto a tarde chegava ao fim e as sombras se alongavam, projetando versões distorcidamente compridas dos transeuntes. Mateo se perguntou quem acenderia todos aqueles postes de iluminação presentes em Melchora, e foi respondido assim que viraram à esquerda numa rua estreita, deparando-se com dois garotos que acendiam as lamparinas uma a uma, com bastante destreza e rapidez.

- Lia mora naquela pensão. Se não me engano é no mesmo quarto que suas primas Madalena e... - Disse Débora, apontando para um prédio de tijolos que ficava entre duas casas pequenas e tentando se lembrar do nome da outra prima de Lia.

- Nina. - Completou Mateo.

- Isso mesmo, Nina. - Sorriu a moça. - Esse foi apenas o último teste para saber se você é de confiança.

- Obrigado. - Disse Mateo, com o coração batendo mais rápido. - Como eu posso agradecer?

- Não se incomode. - Respondeu - Eu moro ali na outra quadra, do lado da padaria, e foi bom ter companhia no caminho de volta.

- Então fico te devendo essa, Débora. - E estendeu a mão. - Espero que nos vejamos novamente nesse tempo que estarei por aqui.

- Eu também. - Disse Débora sorrindo. - Até mais, Mateo. - E saiu.

Enquanto ela se afastava calma e muito mais lentamente do que era necessário, como se esperasse que Lia saísse da pensão ao encontro de Mateo, o cordoeiro fitava o prédio de tijolos à sua frente, criando coragem para entrar nele. Depois de tanto tempo sem ver Lia, e depois de percorrer tantos quilômetros para vê-la, era uma sensação estranha saber que ela estava logo ali, há poucos metros dele. Mateo então respirou fundo e, com o coração acelerado, entrou na velha pensão.

Viu-se em uma sala pequena e abarrotada com vasos de argila, a maioria pintada com temas litorâneos, enfeitando os cantos do cômodo e uma estante que encobria a janela principal. O balcão estava de tal forma cheio de vasos que era impossível saber se havia alguém ali para atender quem chegasse, fosse pensionista ou visitante. Do lado esquerdo do balcão ficava porta que levava ao interior da pensão, a qual estava parcialmente bloqueada por um vaso enorme. Mateo deu alguns passos vacilantes em direção a ela, mas levou um susto quando uma mulher se ergueu atrás do balcão, dizendo:

– Posso ajudar, docinho?

Ela era muito alta, no mínimo vinte centímetros mais alta que Mateo, e deveria estar sentada ou abaixada atrás dos vasos, pois agora que estava em pé, eles mal lhe chegavam à altura dos seios, que eram muito grandes. Ela deveria ter mais de quarenta anos, e passava a impressão de quem fora muito bonita na juventude, mas usava roupas exageradamente decotadas e seu cabelo era desgrenhado, sujo de argila em alguns pontos.

- Sim. - Respondeu Mateo desconcertado. - Estou à procura de Lia Colvizosa, disseram-me que ela mora nesta pensão.

- Oh claro! A pequena Lia já está conosco desde o ano passado. - Sorriu ela, passando o dedo em um dos vasos. - Você é amigo dela? Acho que não, deve ser parente, você tem jeito de moço do interior, tão bonitinho.

- Na realidade sou noivo dela, venho de Augasfondas-de-Porto. - Respondeu o cordoeiro. - Meu nome é Mateo, prazer em conhecê-la.

- Noivo? Por essa eu não esperava. - Espantou-se a mulher levando uma mão à boca e mordiscando ponta do dedo anelar. - Bom, é um prazer conhece-lo, Mateo. Meu nome é um pouco longo, então pode me chamar de Fer, todos me chamam assim. - Ela saiu de trás do balcão e afastou o vaso que atrapalhava a porta que dava para o interior da pensão. - Desculpe-me por essa bagunça, nem sempre é assim.

- Permita-me. - Disse Mateo, ajudando a desobstruir o caminho.

- Obrigada, anjo. - Agradeceu Fer. - Você não é daqui, então não deve saber, mas eu sou famosa. E não é pela beleza, como você deve estar pensando não. Bom, não apenas pela beleza. - E deu uma risadinha forçada, tentando parecer natural. - Eu sou uma artista muito conceituada na capital, e as pessoas de todos os lugares vêm até aqui para comprar os meus vasos.

- Eles são realmente muito bonitos. - Concordou Mateo, sem convicção, especialmente porque naquele exato

momento havia percebido a existência de um vaso baixo que parecia o busto de uma mulher com grandes seios.

– Bom, eu não posso deixar a recepção, então você terá que ir sozinho. – Disse ela, apontando para o corredor que se estendia por alguns metros. – Vire à direita no final do corredor e suba a escada, o quarto das meninas é o número seis.

– Obrigado. – Agradeceu Mateo.

– Ora, disponha anjo. – Respondeu Fer com um olhar sedutor automático e totalmente incompatível com as circunstâncias do momento, na certa acostumada a agir assim com todos que vinham à sua pensão/olaria. – Boa sorte.

Mateo estranhou o jeito daquela mulher, mas isso não fazia diferença no final das contas, pois no andar de cima se encontrava sua futura esposa. Mateo percorreu o corredor apressado e subiu a escada de madeira dois degraus de cada vez, chegando a outro corredor mais estreito. Andou mais alguns passos, passou pela porta de número cinco e se viu em frente ao número seis. Respirou fundo, arrumou o buquê de astromélias, passou a mão no cabelo para assentar algum fio revoltado, aprumou os ombros e bateu à porta.

O cordoeiro ouviu o trinco se mover e engoliu em seco, porém quem abriu a porta foi a prima de Lia, Madalena, que se boquiabriu ao ver Mateo, mas acenou com a cabeça e se virou dizendo:

– Lia. Tem visita pra você.

– Já vou. – Ouviu-se uma voz vinda do cômodo ao lado.

Escutar a voz de Lia fez Mateo apertar com força o buquê. Ela então entrou por uma porta que havia do lado direito, usando vestido simples de tecido amarelo claro e o cabelo preto preso em um rabo de cavalo.

Estava linda.

O cordoeiro deu um imenso sorriso e ergueu o buquê, dizendo:

- Surpresa.

Capítulo Cinco



Lia estava pasma. Era como se ver Mateo em sua frente, com um buquê de astromélias brancas, fosse a última coisa que ela esperava que acontecesse. Este espanto durou alguns instantes, o suficiente para deixar Mateo desconcertado, mas sua noiva piscou e disse:

– O que faz aqui?

Mateo ficou desapontado com o que Lia disse, pois esperava que ela retribuísse o sorriso, desse-lhe um abraço vibrante e quem sabe até mesmo chorasse de alegria. Mas tudo que ela fez foi esperar pela resposta dele, com ar chocado e estranhamente contrariado.

– Eu vim te fazer uma visita. – Respondeu o cordoeiro, abaixando o buquê. – Viajei o dia todo. Pensei que você gostaria.

– Eu... eu gostei! – Disse Lia, abrindo um repentino e pouco convincente sorriso. – Mas isso me pegou muito de surpresa, Mateo, eu nem sei como reagir.

– Bom, que tal convidá-lo para entrar e aceitar o buquê? – Disse Nina, fazendo um gesto significativo. – Imagino que ele o tenha trazido para você. Não é mesmo, Mateo?

– Isso. – Confirmou o cordoeiro, sentindo-se muito mal pela presença das primas de Lia, ambas testemunhando curiosas a sua tentativa frustrada de surpresa romântica.

Madalena era fisicamente muito parecida com Lia, tendo longos cabelos pretos, olhos verdes e uma pele amarenada, mas sua personalidade era muito diferente, pois era arredia e teimosa. Nina, sua irmã, tinha a pele e o cabelo mais claros, sendo que este pendia em suaves cachos apenas até a altura dos ombros, e seus olhos eram de um azul muito claro. Ela era a mais tímida das três, mas também era a que mais fácil se enfurecia ao ser provocada, algo que Mateo fizera muito durante a infância.

– Desculpe-me, Mateo, eu fiquei tão surpresa que acabei sendo totalmente indelicada. – Disse Lia, dando um abraço em Mateo. Um abraço com menos da metade da intensidade que ele esperava.

– Fique à vontade, Mateo, estávamos preparando um café para antes da janta. – Falou Madalena, convidando-o para entrar.

- Obrigado. - Agradeceu Mateo, sem se mover nem mesmo um centímetro na direção do interior da pequeníssima sala de estar. A pensão, abstraiu o cordoeiro, deveria ser composta por versões menores, mas completas, de casas, cada qual com sala, cozinha, quartos e banheiro.

- São lindas! - Disse Lia tirando suavemente o buquê das mãos de Mateo. - Pegarei um vaso para elas agora mesmo. - E entrou pela porta lateral.

Madalena, Nina e Mateo, este último percebendo que não tinha escolha a não ser encarar aquela situação constrangedora, a seguiram, chegando à cozinha onde havia uma mesa posta com uma refeição simples.

- Então você viajou bastante hoje, não foi? - Perguntou Madalena, e Nina apenas fitava o cordoeiro com o cenho franzido.

- Sim, desde manhãzinha. - Respondeu Mateo, detestando cada segundo daquela conversa desconfortavelmente formal tanto quanto havia detestado os primeiros minutos da conversa que tivera com o caticeiro na manhã daquele mesmo dia. - Estou contente de estar em terra firme depois de tantas horas balançando dentro daquela caravela.

- Na primeira vez que nós viemos Madalena vomitou. - Comentou Lia.

- Muito engraçado. - Censurou Madalena. - Mas eu garanto que você se acostumará. Depois que se perde o enjoo, navegar é muito prazeroso.

- É o que eu espero. - Respondeu o cordoeiro, servindo-se de uma fatia de broa de milho.

– A dona Belén ficou sozinha? – Perguntou Nina, que tinha grande afeição pela mãe de Mateo.

– Não. – Respondeu o cordoeiro. – A madrinha Cristina ficará essa semana com ela, para ajudar cuidar da casa e do vovô.

– Como está o seu Saúl? – Perguntou Lia, adoçando seu café um pouco além do que era necessário.

– Do mesmo jeito de sempre, Lia. – Respondeu Mateo, e então repetiu a mesma frase que falava a todos que o faziam aquela pergunta. – A saúde é de ferro, mas a cabeça...

Durante algum tempo, enquanto as primas de Lia saboreavam a refeição e Mateo engolia tudo sem sentir diferença entre a broa e o café, eles continuaram a conversar, trocando notícias dos familiares e amigos. Nina contou ao cordoeiro que, assim como em Augasfondas-de-Porto, as opiniões sobre a guerra contra Mos-de-Illa estavam dividindo os cidadãos de Melchora. Pois embora grande parte concordasse com a unificação, a atuação implacável da Marinha parecia desmedida, considerando a superioridade bélica de Augareas. Madalena contou que a cada dia aumentava o número daqueles que duvidavam que Mos-de-Illa não tivesse proposto trégua ou mesmo rendição, o que era negado veemente pelo cancelário Macías.

Lia ficou ao lado de Mateo, enquanto conversavam, mas parecia distante, preocupada com outros assuntos, e dava apenas respostas curtas ou concordava com a cabeça com o que suas primas diziam. O cordoeiro passou o braço pelas suas costas, e, por mais que ela tenha retribuído e se

encostado nele, não o fez com carinho ou ternura, e tampouco demonstrou estar com saudade desse tipo de momento. Ela estava ali, ao lado de Mateo, dividindo a mesma mesa que suas primas, mas o cordoeiro sentia que seus pensamentos estavam muito além daquela cozinha, de um modo estranhamente preocupado.

- Os dias estão se tornando mais longos agora. - Disse Madalena olhando pela janela. - Percebeu como demorou anoitecer?

- É verdade. - Concordou Mateo. - Mas por mim está ótimo. Quanto antes o verão chegar, melhor! Eu amo o calor, o sol e as tardes longas na praia. Aliás, nós dois adoramos, não é? - E acariciou a mão de Lia.

- Ah, é sim. Muito bom. - Disse ela.

- Então Mateo, onde pretende se hospedar nesses dias que ficará em Melchora? - Perguntou Madalena.

- Na verdade eu achei que talvez pudesse ficar com vocês. - Disse Mateo timidamente.

- Não. - Falou Lia, repentinamente presente. - Digo, de nossa parte não haveria problema em você ficar aqui, mas Fer não permite homens na pensão.

- É verdade. - Concordou Nina.

- Entendo. - Disse o cordoeiro. - Agora estou perdido, não queria dormir na rua.

- Não é para tanto, Mateo, existem várias pousadas em Melchora. - Disse Madalena. - Inclusive acho que você poderia encontrar um quarto no Cabezalba. Fica um pouco longe daqui, mas dizem que é bom e limpo.

– E qual costuma ser o preço do pernoite nesse tipo de pousada? – Perguntou Mateo. – Eu não trouxe muito dinheiro extra.

– Não se preocupe com isso, o Cabezalba é uma pousada bem simples, cuidada por uma família, e eles não cobram caro. – Disse Lia. – Muitos familiares de acadêmicos ficam hospedados lá quando vêm Melchora, e todos dizem que é bem limpo e confortável.

– Irei até lá, então, se vocês puderem me explicar como chegar. – Disse Mateo, derrotado e sem ânimo para tentar argumentar em outro sentido.

– Certamente. – Disse Madalena, levantando-se e começando a retirar as coisas da mesa, um pouco apressada e aliviada demais.

– Ouça, Mateo. – Disse Lia, ligeiramente ofegante, virando-se para ele. – Perdoe-me se não estou te dando a atenção que você merece, mas estamos em uma semana muito atribulada, temos duas provas todos os dias e costumamos estudar a noite toda. Eu não tenho conseguido relaxar direito.

As primas de Lia saíram da pequena cozinha e Mateo encarou a expressão suplicante de sua noiva, tentando entender se ela estava pedindo desculpas ou se justificando. Por fim, disse:

– Eu estou com saudade de você, Lia. Eu quero conversar com você, quero que você me convide para passear e conhecer as belezas de Melchora, quero rir de coisas bobas, como sempre rimos juntos. Foi pra isso que eu vim até aqui. – E o tom com o qual o cordoeiro disse isso, tão suplicante quanto o de Lia, o surpreendeu.

Por alguns instantes eles encararam significativamente, como se isso fosse substituir horas de conversa, mas Lia desviou o rosto e se levantou, segurando as mãos do cordoeiro, que também ficou de pé. Com o olhar fixo na direção do corredor, de onde se ouviam as vozes de suas primas, como se isso fosse a única coisa merecedora de atenção naquele ambiente, ela disse:

– Eu também, mas me dê um tempo para descansar a cabeça e organizar os pensamentos. Venha novamente amanhã um pouco mais cedo, após o término das aulas, e prometo que conversaremos com calma. – Ela então olhou sincera e profundamente nos olhos do cordoeiro. – Temos muito que conversar, Mateo. – E desviou novamente o olhar, soltando das mãos dele.

Mateo sentiu que algumas lágrimas ousadas tentavam constrange-lo, mas cerrou os dentes e virou as costas, caminhando até a porta. Madalena o encarou assim que ele entrou na sala e, com um tom de voz forçadamente cordial, passou instruções de como ele deveria proceder para encontrar a pousada Cabezalba. O cordoeiro balançava a cabeça concordando, embora não conseguisse prestar atenção ou mesmo pensar em nada, esforçando-se para segurar uma expressão que não entregasse seus sentimentos. Balbuciando um “até logo” para as três mulheres, ele virou as costas e saiu, mas permaneceu parado por alguns instantes, depois que Madalena fechou a porta, e só então respirou fundo e desceu as escadas.

Frustrado e entristecido, o cordoeiro errou o caminho duas vezes, adentrando em corredores que levavam a outros aposentos, até que finalmente chegou à recepção.

– Já vai embora, querido? – Perguntou Fer, que pintava um vaso muito grande com um longo pincel. – Achei que você fosse posar por aqui.

– Elas me informaram que homens não podem passar a noite na pousada. – Respondeu Mateo, sem conseguir disfarçar a voz desapontada.

– Ah, claro. – Falou Fer, limpando o pincel em um trapo colorido e levantando as sobrancelhas. – Sim, sim. Regras da pensão.

Mateo estranhou a reação embaraçada de Fer, mas tudo o que fez foi se despedir dela:

– Até logo. Tenha uma boa noite.

– Você também, anjo. – Respondeu ela, e abriu a boca como se quisesse dizer algo, com seu olhar sedutor substituído por um olhar de comiseração, mas apenas acenou e mergulhou a ponta do pincel em um pequeno tinteiro vermelho, voltando aos seus afazeres.

O cordoeiro deixou a pensão e foi recepcionado por um vento incomumente frio para aquela época do ano. Ele olhou para os lados, tentando se lembrar qual direção deveria tomar para chegar à pousada indicada por Madalena, e acabou decidindo que o caminho correto era à direita. Seguiu em um passo largo, passando por uma grande avenida que deveria ser muito bela durante o dia, pois em seu canteiro central haviam frondosas algodojeiras, e ao lado de uma praça estava o imponente Tribunal Militar de Melchora, onde uma tropa de doze soldados montava guarda permanentemente.

À penumbra da luz amarela dos postes Melchora parecia melancólica e desalentadora, e as vitrines de suas belas casas de comércio tinham um aspecto fantasmagórico. Tudo o que Mateo via estava borrado pelas lágrimas que teimavam em brotar em seus olhos, e ele amaldiçoava aquela cidade e suas construções de tijolos vermelhos, desejando, em sua angústia, nunca ter deixado Augasfondas-de-Porto.

– Noite. – Disse um velho que recolhia um gato para dentro de sua loja já fechada, mas Mateo sequer ouviu o cumprimento.

O cordoeiro virou à direita no monumento de um cavaleiro empinando seu corcel, sendo guiado exclusivamente pelo seu subconsciente que, de alguma forma, fora capaz de memorizar as instruções de Madalena. Pouco depois, em uma região onde as construções eram mais baixas, virou à esquerda e subiu por uma rua muito comprida e com um leve aclave, que em sua extremidade final se transformava em uma ladeira repleta de casas mistas de tijolos e madeira. Não demoraria muito para que Mateo encontrasse a pousada, localizada poucas quadras dali, na esquina com uma viela que levava ao centro, mas algo chamou a sua atenção e o fez parar.

Um homem usando um grande casaco e uma cartola estava agachado no vão escuro entre duas casas muito próximas, entretido com alguma coisa que o cordoeiro não conseguia ver. Por um momento Mateo duvidou que fosse o caticeiro, mas quando a luz fraca de um poste fez brilhar uma série de broches em sua cartola, ele teve certeza de que

se tratava de seu companheiro de viagem, e isso o fez se sentir estranhamente melhor.

O cordoeiro ajustou o bernal e limpou as lágrimas nos ombros, esperançoso que a penumbra ocultasse seus sentimentos. Em seguida, deu dois passos hesitantes na direção de Acácio, perguntando-se se havia mesmo chegado ao fundo do poço por estar contente em encontrar aquele homem esquisito em uma rua escura. Quando o som de seus passos, agora mais próximos, atraiu a atenção do caticeiro, Mateo pigarreou para limpar a garganta e espantar o último resquício de choro, mas a reação do caticeiro foi muito diferente da que ele esperava.

O homem se pôs de pé em um instante, virando-se na direção do cordoeiro, que se assustou ao ver não um sorriso largo, mas um rosto lívido de fúria.

– O que vai ser, porco miserável!? – Ganiu ele, avançando para Mateo.

O cordoeiro recuou, não apenas pela expressão colérica que distorcia as feições de Acácio, mas também porque este portava uma faca comprida na mão esquerda, e a tinha segura na altura da cintura, com o braço levemente flexionado para trás, quase como uma cobra enrolada para dar o bote.

– Acácio! – Gritou o cordoeiro, como última tentativa, já pronto para ter que defender sua vida contra aquele homem descontrolado.

Seja por ter ouvido seu nome ou por ter reconhecido o rosto de Mateo quando este, em sua recuada, aproximou-se do fecho de luz que vinha do poste mais próximo, Acácio parou. Seu peito subia e descia intensamente enquanto o

caticeiro arfava, e sua expressão de raiva não se desfez rapidamente, embora seu olhar demonstrasse confusão e desconfiança.

– Acácio, sou eu. – Falou o cordoeiro, estendendo uma das mãos com a palma aberta, em sinal de paz. – Mateo, de Augasfondas.

– Mateo. – Repetiu o caticeiro, com a boca se contraindo em uma nova repetição do nome, desta vez sem som. – É claro, Mateo o Cordoeiro! – Prosseguiu, forçando o tom amistoso de sempre e disfarçando sua expressão recente de fúria como se nunca a tivesse exibido. Da mesma forma, habilmente girou a faca em sua mão e a colocou em um dos bolsos, e alguém que os visse naquele momento não entenderia porque Mateo estava tão assustado diante de um homem tão simpático e sorridente. Bem, talvez pela aparência de Acácio e pela penumbra do ambiente, é possível que tal medo fosse justificado mesmo assim.

O cordoeiro não disse nada, mantendo-se em guarda para o caso de um novo ataque de raiva de Acácio. Notando isso, o caticeiro deu um passo para trás e levou as mãos às costas, assumindo a postura mais inofensiva e desprotegida que conseguia naquelas circunstâncias.

– Perdoe-me se o assustei, meu amigo. – Explicou-se ele, levantando as sobrancelhas e inclinando a cabeça para trás. – Há muitos criminosos nestes tempos, e preciso estar pronto para me defender, sabe como é. Um homem como eu não é bem-visto tanto pelos ladrões quanto por aqueles que os prendem.

– Está certo. – Concordou Mateo, decidindo que seria mais inteligente fingir que a explicação de Acácio era suficiente para justificar seu subido ataque de fúria.

– O que faz por estas bandas? – Perguntou o caticeiro, aproximando-se de Mateo. – Pensei que estaria jantando com sua prometida em algum restaurante de peixes e massas no centro.

– As coisas não saíram como o planejado. – Respondeu Mateo, ciente de que inventar uma história diferente àquela altura não o ajudaria a despistar o caticeiro. – Mas amanhã nos encontraremos de novo.

– Eu sinto muito, Mateo. – Lamentou Acácio. – Há algo que eu possa fazer por você?

A proposta do caticeiro estava carregada de significado, e Mateo tinha mais certeza do que nunca de que ele não era do tipo que só fazia chás medicinais e simpatias benéficas para lavouras atacadas por pragas. Aquele homem em sua frente provavelmente era capaz de prejudicar os outros sem remorso, desde que houvesse o pagamento correto, seja jogando pragas sobre um rebanho ou até mesmo produzindo venenos sutis que levariam a uma morte dolorosa e angustiante.

– Não, obrigado. – Recusou Mateo, que mesmo frustrado era avesso a qualquer possibilidade de causar mal injusto a alguém. – Mas agradeço, amigo. – Completou ele, com medo de despertar a malquerença do caticeiro.

– Saiba que estou às ordens. – Insistiu Acácio, mas não pareceu ofendido pela recusa de Mateo. – Quais são seus planos agora? Imagino que não ficará vagando à toa pela cidade a noite toda.

– Estou indo para uma pousada que Madalena, prima de Lia, me indicou. – Explicou o cordoeiro. – Fica nesta região.

– Agora que você mencionou isso, acho que de fato vi uma placa de uma pousada logo ali adiante. – Disse Acácio, espiando sobre o ombro. – Creio que seja um lugar adequado, mas deve cobrar um valor alto pelo pernoite.

– Espero que não. – Falou Mateo, sinceramente.

– Bom, eu gostaria de continuar nossa conversa, meu caro Mateo, mas preciso resolver alguns assuntos antes de descansar minha cabeça sobre o travesseiro. – Disse Acácio, apurando-se. – Espero vê-lo novamente por aí, desta vez em uma rua melhor iluminada.

– Digo o mesmo. – Mentiu o cordoeiro, aliviadíssimo por não ter que ele mesmo encerrar aquela conversa. – Vou em busca da tal pousada, preciso mesmo descansar.

– É certo o que faz. – Disse Acácio, e fez uma reverência diagonal estranha. – Tenha uma boa noite e não deixe que os contratemplos o desanimem.

– Obrigado. – Falou Mateo, já dando meio passo rua acima. – Tenha uma boa noite.

O caticeiro desceu pela rua tateando nos bolsos, e Mateo não se atreveu a olhar para trás, agradecendo por ter saído ileso daquele encontro estranhíssimo. Não tinha ideia do que Acácio estava fazendo, mas isso não importava, pois quanto menos soubesse das ações daquele homem, melhor. O cordoeiro estava decidido que, se Acácio estivesse entre as pessoas que embarcariam na caravela de volta à Augas-fondas-de-Porto na semana seguinte, ele voltaria para casa

a pé, apenas para evitar ver aquele homem desagradável mais uma vez.

Mateo mal tinha retomado o passo largo quando avistou a placa projetada de uma pousada, pendurada entre as várias casas de tijolos vermelhos, onde se lia “*Cabezalba – Pernoita & Bodega*”. A porta de madeira clara estava entreaberta e a luz interior se projetava para fora, mesclando-se com a do poste que ficava na frente da entrada. O cordoeiro ajeitou os ombros e entrou, vendo-se em um ambiente muito apertado, com um estreito corredor e um balcão de madeira à direita, por trás do qual estava sentado um velho com os olhos semicerrados, sendo impossível ter certeza se o mesmo estava dormindo ou acordado. Emoldurada na parede atrás do balcão estava a única decoração do cômodo: uma grande e esfarrapada bandeira de uma tradicional equipe de *fútbol* da capital, que o cordoeiro sabia ter vivido seus dias de glória há muitas décadas, mas que vinha amargando fracasso atrás de fracasso nos últimos tempos.

– Boa noite. – Saudou o cordoeiro com voz firme, e o velho abriu os olhos de sobressalto.

– Boa noite, boa noite. – Respondeu ele, levantando-se e cumprimentando o cordoeiro. – Meu nome é Benxamín, em que posso servi-lo, menino?

O velho tinha um aspecto de cansaço não apenas pela idade avançada, mas pela faina diária de comandar a pousada e fazer turnos duplos na recepção. Ele era calvo e muito enrugado, e vestia um casaco que deveria ter sido muito bonito quando novo, mas que agora estava desbotado e fora de moda.

– É um prazer conhece-lo, senhor Benxamín. – Respondeu Mateo educadamente, mesmo contrariado por ter sido chamado de menino. – Preciso de um quarto para seis noites.

– Certo, certo. – Disse Benxamín, mexendo em uma gaveta logo abaixo do tampo do balcão. – Está sozinho, menino?

– Sim, senhor. – Respondeu Mateo.

– Ótimo, ótimo. Este deve ser bom o bastante, é o mais próximo do banheiro. – E colocou uma chave preta sobre o balcão.

Mateo estendeu a mão para pegá-la, mas o velho foi rápido em informar:

– Depósito antecipado de pelo menos metade do valor. Regras da casa.

– Entendido. – Disse o cordoeiro, levando a mão ao bortal e pagando a quantia solicitada por Benxamín, a qual era compatível com seu orçamento reduzido.

– Servimos café da manhã a partir das seis. – Informou Benxamín, e estendeu o braço para a passagem que dava para o corredor interno da pousada. – Seu quarto fica no final do corredor, à direita, e a bodega fica na primeira porta à esquerda. Se você se apressar ainda pode comer alguma coisa.

– Obrigado. – Agradeceu Mateo, espichando a cabeça na direção do corredor mal iluminado. – Que o Carabela-de-Cruz tenha sucesso este ano.

– Menino, menino. – Suspirou Benxamín, voltando o olhar para a gasta bandeira. – Desisti de *fútbol* há muito

tempo. Nem saberia te dizer o nome do atual centroavante do Carabela...

Mateo apenas assentiu e rapidamente deu as costas, prevendo que se abrisse uma brecha, o velho poderia emendar uma conversa longa e saudosista sobre os tempos áureos do *fútbol* augareasenho, relembrando todas as quatro conquistas do seu time do coração.

Capítulo Seis



O quarto de Mateo era muito pequeno, tendo uma cama de solteiro, um guarda-roupa de apenas uma porta e um criado-mudo, mas aparentava ser limpo e organizado. Havia uma janela retangular estreita, disposta horizontalmente no alto da parede do fundo, por onde entrava a luz amarelada dos postes da rua, e um espelho redondo pendurado na parede ao lado da cama. Este ambiente apertado e silencioso fez par ao coração do cordoeiro, que colocou as poucas coisas que trouxera dentro do guarda-roupa e se sentou na cama, percebendo o quanto estava cansado. Entretanto, mesmo que parte dele ansiasse por deitar e dor-

mir, ele sentia fome e, conforme orientara o velho Benxamín, se quisesse comer algo deveria ir à bodega antes que ficasse muito tarde. Sem mais demoras, então, Mateo trançou a porta e guardou a chave em seu bernal, indo primeiramente ao banheiro e em seguida rumando para a área comunitária da pousada.

A bodega era cômodo grande, com uma dez ou doze mesas de madeira, e assim com o restante da pousada, estava fracamente iluminada por archotes. Na lateral oposta à entrada havia um balcão com alguns bancos altos, e por trás dele uma série prateleiras com toda sorte de bebidas e uma grande variedade de conservas e frios. Na extremidade direita, emendada com a passagem lateral do balcão, era possível ver a abertura que levava à cozinha, oculta parcialmente por uma cortina de tecido bege.

Mateo olhou ao redor e notou a presença de cinco pessoas, sendo uma delas a garçonete, mulher de grande porte cabelos grisalhos, e as outras quatro hóspedes que comiam ou bebiam. O cordoeiro pensou que talvez não fossem todos hóspedes, afinal de contas não haviam lhe dito que a bodega era exclusiva e não era este o costume augareasenho. Porém, a despeito do que eram ou não, Mateo os observou antes de ir ter com a garçonete, e o que viu foi um homem muito gordo sentado ao balcão, bebendo licor em um copo diminuto, dois outros que conversavam baixinho em uma mesa ao fundo enquanto comiam salame e fritada de ovos com queijo, e um quarto homem que estava acompanhado apenas por uma garrafa, em uma mesa no canto menos iluminado do recinto.

– O que vai ser para você, menino? Bebida, comida ou ambos? – Perguntou a garçonete assim que Mateo chegou perto o suficiente para demonstrar que estava interessado em consumir algo. Seu tom era descontraído e o cordoeiro não se irritou por ter sido novamente chamado de menino, o que talvez fosse um costume naquele lugar.

– Gostaria de algo quente para comer. – Respondeu Mateo, sem saber exatamente o que pedir por desconhecer o cardápio do estabelecimento. – E para beber leite morno, se tiver.

– O que acha de um caldo de feijão e de fritada de ovos, queijo e salame? Eu garanto que a nossa é a melhor de Melchora. – Sugeriu ela.

– Pode ser. – Falou Mateo, sorrindo enquanto a garçonete lhe dava as costas e entrava na cozinha.

O cordoeiro cumprimentou o homem gordo que bebericava desanimado seu licor antes de escolher uma mesa no melhor canto que pode, sentando-se e ajeitando o bernal sobre o colo. Percebeu que havia um pequeno desnível partindo do chão ao seu lado até a parede mais próxima, constituído de um semicírculo que se elevava cerca de vinte centímetros do assoalho, e que evidenciava a existência um palco para eventuais apresentações de música ou trova campesina.

Menos de cinco minutos depois a garçonete veio até Mateo equilibrando uma bandeja com uma tigela, um prato e um copo. A tigela continha um espesso caldo, que o cordoeiro ficou surpreso ao perceber que não se tratava de feijão preto e sim de uma variedade de feijão marrom-avermelhado, ou assim parecia em razão da escuridão parcial

do recinto. No prato estava a tão aclamada fritada, a qual fazia jus à sua reputação, sendo a mais deliciosa que Mateo já comera em sua vida, fosse pela fome ou pelos temperos secos adicionados à mistura. Por fim, o copo de leite morno foi uma lembrança de casa, pois era o costume do cordoeiro beber um todas as noites.

Mateo já havia comido tudo e restava apenas menos da metade do leite quando um vulto inesperadamente passou pelo seu lado direito e puxou uma cadeira, fazendo menção de que iria se sentar à mesa com ele. O cordoeiro estranhou o gesto, instintivamente pensando que finalmente seria vítima de algum vigarista da cidade grande, mas não teve tempo de dizer nada antes que o homem tomasse o lugar ao seu lado, colocando os dois cotovelos sobre a mesa.

- Noite. - Saudou o homem de aparência cansada e com um leve hálito de álcool. Tratava-se de Diego, o outro companheiro de Mateo durante a viagem de Augasfondas-de-Porto até Melchora.

- Noite, Diego. - Cumprimentou Mateo, surpreso de ter reencontrado mais um de seus companheiros, porém feliz pelo pescador não ter avançado furiosamente contra ele segurando um comprido facão.

- Desculpe-me se o assustei, quis apenas fazer uma pequena cena. - Explicou-se Diego.

- Não foi nada, eu é que estou assustado demais porque no caminho para cá passei por uma situação de dar medo. - Assegurou Mateo, e contou-lhe sobre o encontro desagradável com Acácio.

- Surpreende-me o fato em si, mas não a pessoa envolvida nele. - Comentou o pescador, após ouvir atentamente o relato de Mateo. - Eu sempre tenho o pé atrás em relação a gente como ele.

- Eu passarei a ter também. - Concordou o cordoeiro, tomando o último gole de leite.

- Não bebe? - Perguntou Diego.

- Ah, não é o caso. - Explicou Mateo. - Eu bebo sim, gosto dos licores do litoral e de vinho verde, mas à noite tenho costume de beber leite morno.

- Entendo. - Falou Diego. - E como foi o encontro com sua noiva?

O cordoeiro sentiu mais uma vez o peso da frustração sobre seus ombros e baixou a cabeça, encarando a tigela vazia de caldo de feijão. A frieza do encontro com Lia não era algo que ele gostaria de conversar sobre, porém, algo no aspecto sofrido do pescador e no tom morno de sua voz o transformava em alguém digno para ouvir o desabafo de Mateo.

- Nada deu certo. - Começou ele, mantendo inicialmente o olhar fixo na mesa ao perceber que algumas lágrimas procuravam passagem no canto de seus olhos e que sua garganta havia se estreitado e embargado ligeiramente sua voz. - Ela me recebeu como se fosse uma surpresa inesperada de natureza indesejada.

- Ela ficou brava com você ou algo assim? - Perguntou Diego, e nesse momento a garçonete se aproximou e retirou as coisas da mesa, forçando Mateo a olhar diretamente nos olhos do pescador, que o mirava de volta com olhar de comiseração.

- Não, e antes fosse. - Explicou o cordoeiro. - Eu me senti um intruso. Alguém cuja visita é recebida com cordialidade, mas que é impertinente e enfadonha, como a da comadre de minha mãe, Pascuala. - Mateo balançou a cabeça, desconsolado. - Hoje eu fui a comadre Pascuala.

- Tem certeza de que não está exagerando? Pegou-a em um dia ruim, talvez? - Arriscou Diego.

- Não estou exagerando. - Garantiu o cordoeiro, e tinha certeza disso. - Não fiquei lá mais do que meia hora, e durante esse período foi como se houvesse uma barreira entre nós, que nos distanciava e me fazia sentir malquisto. E mais, senti que ela e as primas estavam aliviadas quando finalmente as deixei.

- Elas nem o convidaram para a janta? - Perguntou o pescador, estranhando a falta de modos das três moças, pois este era o costume em Augareas.

- Disseram-me que esta era uma semana muito atribulada e que precisavam estudar para várias provas. - Explicou Mateo, percebendo que pela sua boca essa desculpa soava ainda mais esfarrapada. - O que me aconselha, você que é um homem vivido?

- É pouca informação que tenho para ajudá-lo, meu caro Mateo. Mas conte-me mais sobre vocês dois e eu vou poder aconselhá-lo com maior justeza. - Pediu Diego, honestamente disposto em auxiliar o cordoeiro em seu momento de desgosto.

Sentindo a sinceridade do pescador, Mateo então falou durante alguns minutos sobre si mesmo e sobre Lia, contando alguns pontos muito relevante de seu relaciona-

mento e de como eles eram felizes, pelo menos assim parecia, até aquela data. Várias vezes ele teve que engolir o choro, e toda vez que citava uma qualidade de Lia ou um de seus momentos juntos junto às escarpas de Augasfondas-de-Porto, um alicate apertava um dos lados de seu coração. Por fim, descreveu em maiores detalhes o encontro ocorrido mais cedo, ao que seus olhos finalmente sucumbiram e ficaram marejados, exigindo que o cordoeiro os secasse com as mãos.

– É uma história bonita, a que vocês têm. – Falou Diego, aproveitando a deixa ao final da narrativa. – E talvez seja verdade o que ela disse sobre estar em um momento difícil de seus estudos. Talvez seja verdade, também, que a surpresa da sua chegada a tenha deixado desconcertada, mas que no fundo ficou feliz em vê-lo. Entretanto, e eu sinto muito em dizer isso, meu amigo, mas tenho convicção de que nada disso é verdade.

O estômago de Mateo afundou ao ouvir daquele estranho a conclusão à qual seu próprio cérebro havia chegado, mas que seu coração insistia em negar. Ele sentia em seu íntimo, baseado não apenas na reação Lia, mas de suas primas, que o receberam como se ele fosse uma má notícia, que aquilo que antes ele pensava ser uma fortaleza imponente e sólida, havia ruído e agora não passava de um punhado de escombros.

– Minha experiência nessa área diz que quando uma mulher age assim existe grande chance de que ela não esteja mais interessada em você. – Continuou ele, tentando falar de um modo que não mascarasse a verdade, mas que também não ferisse ainda mais o pobre Mateo. – Também é

muito possível que ela tenha outra pessoa. – Complementou o pescador.

O sangue de Mateo pareceu esfriar, causando-lhe um calafrio desagradabilíssimo, e tudo que ele conseguiu fazer foi permanecer em silêncio, encarando o pescador. Já seria inditoso o suficiente se Lia tivesse perdido o interesse nele, e tudo acabara de piorar com a possibilidade de que outro fosse dono de seu coração.

– Eu sou capaz de apostar que amanhã ela pretende terminar o relacionamento com você, e neste exato momento deve estar pensando numa forma de fazê-lo. – Concluiu Diego.

– Mas porque ela esconderia isso de mim? – Perguntou Mateo, tolamente quebrando seu silêncio.

– Não creio que ela pretendesse manter isso em segredo. – Explicou Diego. – Seu plano deveria ser contar a verdade quando retornasse à Augasfondas-de-Porto e, por esta razão, quando você chegou repentinamente ela teve que enfrentar a situação antes do que previra, sem tempo para se preparar, tendo como única saída adiar a conversa para o dia seguinte.

– Sinto-me um idiota. – Disse Mateo. – Planejei esta viagem com tanta antecedência. Coloquei meu coração nisto. Cheguei a sonhar mais de uma vez com o que faríamos juntos aqui na capital. Eu sou um tolo.

– Você não é um tolo, Mateo, é apenas um homem de carne e osso. – Falou Diego. – Todos nós nutrimos sonhos que se esfalecem por razões além do nosso alcance, e por elas não somos culpados.

– Talvez não seja verdade. Eu preciso esclarecer isso hoje. Não vou aguentar até amanhã ao entardecer. – Disse Mateo, elevando o tom de voz e fazendo com que os dois homens mais próximos olhassem na direção deles, curiosos.

– Isso não seria sábio. – Alertou Diego.

– O que posso fazer, então? – Questionou Mateo, ligeiramente irritado com o pescador. – Aguardar pacientemente pela leitura da minha sentença?

Diego olhou no fundo dos olhos de Mateo, como nunca havia feito até então, e franziu o cenho, absorto por um instante em seus próprios pensamentos. O cordoeiro achou que ele havia perdido a paciência com seu caso de amor malsucedido, sentindo-se momentaneamente estúpido e infantil, e pensou que pela primeira vez ouviria palavras ásperas daquele homem. Tamanha foi sua surpresa, então, ao ver Diego desfazer a expressão sisuda e virar-se, erguendo a mão para a garçonete:

– Traga-nos uma garrafa de licor de plátano e dois copos, por favor.

– O que? – Disse Mateo, confuso.

– Decidi que talvez eu possa ajudá-lo, nem que seja um pouco. – Disse Diego. – E talvez você possa me ajudar um pouco também. Mas para isso preciso que você saiba de algumas coisas primeiro.

Mateo estranhou a mudança repentina no homem, que parecia contraditoriamente mais tenso e mais aliviado, e temeu que ele fosse lhe oferecer serviços de igual reprovabilidade dos que Acácio lhe oferecera mais cedo, ou quem sabe até piores.

- Aqui está. - Disse a garçonete, deixando a robusta garrafa e os dois copos na mesa. Diego agradeceu à mulher e imediatamente retirou a rolha, servindo a si mesmo e a Mateo.

- Gostaria que você bebesse comigo, como é o costume, pois o que vou lhe contar agora é um segredo que vale a minha vida. - Disse ele, e empurrou o pequeno copo mais alguns centímetros para perto de Mateo.

O cordoeiro não recusou a oferta e, curioso pelo rumo imprevisto da conversa, tomou um gole do licor de plátano. Ainda não havia decifrado o que o homem diante dele sentia, uma vez que suas mãos estavam trêmulas e seu semblante abrandecido, evidenciando uma mescla de emoções que costumeiramente existiam separadamente.

- Meu nome é Diego, sim. - Começou ele, num sussurro confidente. - Mas meu sobrenome verdadeiro é Timonel. E eu não sou pescador, pelo menos não desde meus dezessete anos. - E bebeu um gole de licor. - Eu sou contratenente da Marinha Augareasenha. - E bebeu outro gole, esvaziando o copo. - Ou melhor, eu era. Abandonei meu posto há oito dias.

- Então você deveria estar no quartel em Augasfondas-de-Porto. Ou no front em Mos-de-Illa. - Arriscou Mateo, começando a ligar os pontos. - O que faz de você...

- Um desertor. - Completou Diego, preso entre a vergonha e o orgulho. - Mas não olhe para mim como um covarde. - Apressou-se em explicar. - Estou correndo grande risco e não pretendia revelar a verdade a ninguém, mas você é um bom rapaz em quem sei que posso confiar.

O cordoeiro tomou outro gole do licor de plátano, secando seu copo, o qual Diego encheu prontamente, assim como o seu próprio. O marinheiro estava correto quando dizia que Mateo era confiável, mas mesmo ele não via com bons olhos os desertores, fossem quais fossem os rumores da guerra.

– O que o cancelário Macías está conduzindo Mos-de-Illa é desumano, Mateo. – Disse Diego, sacudindo a cabeça pesarosamente. – Não querem apenas reconquistar os velhos territórios, querem triturar os mosenses até que não sobre um só homem daquele povo para reclamar a ilha uma outra vez. – Ele bebeu mais um gole de licor. – Eu sempre fui um bom marinheiro e um bom oficial, e arrisquei minha vida mais de uma vez enquanto seguia ordens, mas eu não podia mais disparar nossos canhões contra aquela gente, não quando eles hasteavam bandeiras brancas e imploravam para que poupássemos suas casas e suas famílias.

– Então o que dizem é verdade. – Disse Mateo, chocado pelo relato de Diego. – Augareas está mesmo conduzindo um massacre.

– Sim! – Exclamou o desertor, tão alto quanto se atrevia naquele ambiente. – Eu tenho mulher e filhos, Mateo, eu não poderia... Eu simplesmente não poderia... – Ele engoliu em seco, e era visível que se esforçava para conter as lágrimas. – Fugi na noite em que recebi a ordem para levar meus homens e posicioná-los na saída Oeste de um vilarejo que seria atacado pela infantaria do maldito coronel Heli ao amanhecer. Eles queriam que nós atirássemos em todos que fugissem. Tem ideia disso? Queriam que matássemos civis em fuga. – E bebeu outro gole de licor. – Eu e mais quatro

subalternos de confiança combinamos em desertar juntos, mas um deles, o jovem Iago, insistiu em tentar fazer um levante com os homens e foi morto por outro oficial. Daí em diante fomos caçados durante três dias, e logo na madrugada de nossa fuga tombaram Ismael e Levi, pois foram alvejados enquanto nos embrenhávamos na mata costeira e não resistiram. No terceiro dia tombou Maro, quando os caçadores de Heli encontraram nossa posição e conseguiram capturá-lo. – Diego encheu seu copo novamente e desta vez tomou tudo em um só gole. – Ele os despistou para que eu pudesse fugir, e pagou por isso com a própria vida. Maro não merecia isso, era um bom rapaz, vindo dos vales do Norte.

– Mas como você conseguiu fugir de Mos-de-Illa vivo? – Perguntou Mateo. – E como passou por Augasfondas-de-Porto sem ser preso?

– Nossa esperança de fuga residia em um capitão de caravela chamado Raziél. – Explicou Diego. – Ele era um homem honrado e tinha uma dívida comigo, pois, se não fosse por minha ajuda no passado, ele e seus dois filhos estariam mortos. Raziél me recebeu em segredo e me colocou no porão de uma das embarcações sob seu comando, onde fiquei escondido por quatro dias, quando enfim ela içou velas para Augasfondas-de-Porto, algo que fazia semanalmente para buscar provisões. De lá, embarquei na mesma caravela que você, confiante que minha deserção ainda era desconhecida deste lado do mar.

– Mas eu não entendo uma coisa, Diego. – Disse Mateo. – Se você estava fugindo da Marinha Augareasenha, por que seu destino era Melchora, a capital do país? Penso

que se eu estivesse em seu lugar, fugiria para D'orturó ou para o além-Norte.

– Você não ouviu o que eu disse, Mateo? – Questionou o desertor, com uma expressão desolada no rosto. – Eu tenho mulher e filhos. Não posso fugir do país e abandoná-los à própria sorte.

– Eles moram aqui? – Perguntou Mateo.

– Sim, do outro lado da cidade. – Respondeu o homem. – Eu fui até minha casa assim que desembarquei, mas percebi que haviam militares à espreita, aguardando a minha chegada. De alguma forma, as notícias de minha deserção me precederam.

– E o que pretende fazer? – Perguntou o cordoeiro, dando-se conta de que estava diante de um fugitivo, e que isso talvez o pusesse em alguma enrascada. – É seguro para você permanecer na cidade enquanto está sendo procurado?

– Eu não sou uma figura tão importante assim, meu caro Mateo. – Respondeu Diego. – Não é como se eu estivesse sendo caçado por todos os cantos da cidade. O que fizeram foi colocar dois ou três soldados que conhecem meu rosto a vigiar minha casa, com ordens de me prender ou me matar caso eu resista.

Mateo engoliu em seco, solidário à situação dificultosa do desertor.

– E é aí que você pode me ajudar. – Continuou ele, e sua voz tremeu em tom de súplica. – Você poderia entregar um recado à minha esposa, contendo instruções para que ela deixe a cidade sem levantar suspeitas e sem nenhum pertence desnecessário.

- Mas e os soldados? - Perguntou Mateo, hesitante.

- Eles não o conhecem. - Insistiu Diego. - E você não fará nada de suspeito. Basta bater palmas e oferecer alguma coisa, como se fosse um comerciante vindo do interior, e disfarçadamente entregar a ela um bilhete no qual inscreverei todas as instruções.

Mateo permaneceu em silêncio, pensativo.

- E, em troca, eu seguirei sua noive desde o amanhecer até a tarde, e descobrirei o que está realmente acontecendo. - Concluiu Diego.

O cordoeiro ponderou a proposta de Diego, primeiramente pela pena que sentia do pobre homem, cuja deserção não havia sido sem propósito, e cujo único desejo era fugir dali para viver em paz com a família. Em segundo lugar, pensou em si mesmo e em Lia, pois embora fosse se encontrar com a moça no final do dia seguinte, gostaria de saber a verdade com antecedência, já que em seu íntimo temia que ela pudesse mentir ou esconder detalhes relevantes.

- Farei o que me pede. - Concluiu Mateo, com o coração acelerado.

Capítulo Sete



Mateo não conseguiu dormir direito naquela noite, revirando-se na cama em meio à devaneios e momentos de angústia, durante os quais seu coração batia tão forte que machucava seu peito. Por várias vezes se arrependeu da decisão de ajudar Diego em seu plano, sentindo-se tolo por se importar tanto com um homem que conhecera naquele mesmo dia, e temendo que tal associação o colocasse em uma cela nas masmorras de Calabozos-de-Torre, a famosa prisão de Melchora.

Quando o negro do céu se tornou acinzentado e alguns pássaros já piavam em seus ninhos nos beirais da pousada, o cordoeiro respirou fundo e se levantou. A dúvida e

o arrependimento haviam diminuído, pois a chegada do dia ofuscava os delírios de tragédia iminente que a noite tão bem havia produzido. Assim que estava pronto e vestindo as mesmas roupas do dia anterior, desta vez sem levar a sacola, Mateo foi até à bodega a fim de tomar o desjejum e ter com o desertor.

O local estava mais deserto do que na noite anterior e, além de Diego, havia apenas um homem sentado à uma mesa, parecendo adormecido, o que levou Mateo a pensar que era alguém que bebera tanto licor na noite anterior que acabara adormecendo ali mesmo. Por detrás do balcão, substituindo a garçonne corpulenta, estava uma mulher muito idosa, com o rosto comprido e enrugado, e o cabelo preso em um coque apertadíssimo.

– Um café e um salame cozido com broa para você, menino? – Perguntou ela, com uma voz delicada.

– Sim, obrigado. – Disse o cordoeiro.

– Sente-se, então, e eu levarei para você. – Disse ela, e entrou na cozinha.

Mateo foi até a mesa em que Diego estava e se sentou ao seu lado. O desertor havia pedido o mesmo que ele, possivelmente também por indicação da velha, mas ainda não havia tocado a comida, tendo bebido apenas metade do café em sua caneca.

– Sem fome? – Perguntou o cordoeiro, dispensando o “bom-dia” ao fazer o costumeiro aceno de mesmo significado com a cabeça.

– Vi a velha tossindo no prato enquanto atravessava a bodega para me servir. – Contou Diego, retribuindo o

cumprimento com a cabeça e dando uma espiada sentida para o lado da cozinha.

– Com essa você tirou minha vontade de comer. – Lamentou o cordoeiro.

Não se preocupe, existem boas padarias em Melchora. – Falou o desertor. – Você conseguirá uma boa broa com salame por um preço razoável.

Mal ele terminara de falar e a garçonne idosa saiu da cozinha, curvada e vacilante, segurando a caneca de café com a mão esquerda e equilibrando o prato na mão direita. Mateo a observou com atenção e, embora não a tenha visto tossir, percebeu que ela engolia em seco e respirava pela boca, demonstrando estar gripada e com o nariz entupido.

– Aqui está, menino. – Disse ela, pigarreando e colocando o prato e a caneca na mesa.

– Obrigado. – Agradeceu Mateo, e ficou dividido entre a fome, despertada pelo aroma agradável da comida, e o receio de que a velha tivesse tossido em algo enquanto estava fora de sua vista.

– Então vamos ao que interessa. – Disse Diego.

Durante aproximadamente quinze minutos os dois conversaram, explicando um ao outro a localização de seus respectivos alvos. Para o desertor foi muito simples entender onde ficava a pensão de Fer, mesmo que Mateo não soubesse explicar com muita precisão, pois para alguém nascido e criado em Melchora, se situar em relação aos pontos de referência do centro da cidade não eram um grande desafio. Para o cordoeiro, entretanto, a explicação teve que ser minuciosa, visto que a casa de Diego ficava em uma região

com construções similares e sem nenhum prédio governamental ou praça pública nas proximidades.

Em seguida, também descreveram as pessoas que deveriam, no caso de Mateo, encontrar, e no caso de Diego, vigiar e seguir. O cordoeiro descreveu Lia da forma menos apaixonada que conseguiu, mas relembrar seus cabelos pretos e de seu sorriso foi mais doloroso do que ele esperava. Tomou cuidado, também, em explicar a diferença entre ela e a prima Madalena, pois caso elas se separassem em algum momento, sem que houvesse tempo de Diego ouvir de suas bocas os seus nomes, existia a possibilidade que ele seguisse a pessoa errada. O desertor, também com a voz carregada de sentimento, embora por razões diferentes, descreveu sua esposa detalhadamente, assim como seus três filhos e filha.

Passadas as descrições, Diego falou que havia pensado durante a noite e por isso decidira que era necessário mudar o plano em relação à abordagem de Mateo, pois se ele fingisse ser um vendedor, fatalmente teria que oferecer algo de casa em casa, para não levantar suspeitas, e com isso corriam o risco de alguém aceitar a oferta do inexistente produto. A nova estratégia então seria muito mais simples: ele bateria palmas em frente a uma ou duas casas, perguntando pelo local onde poderia encontrar uma pessoa cujo nome inventado certamente não levaria à uma resposta positiva, e só então tentaria falar com a esposa de Diego, entregando-lhe muito disfarçadamente o bilhete que o mesmo escrevera.

– Lembre-se, Mateo. – Alertou Diego. – Possivelmente há dois homens rondando minha casa o tempo todo,

tentando se manter afastados o suficiente para não levantar suspeitas, como se estivessem apenas patrulhando as ruas, mas perto o suficiente para perceber se eu chego em casa ou se minha mulher sai dela com todas as crianças. Então procure agir da maneira mais natural que conseguir, entendido?

– Sim. – Assentiu Mateo, que já havia perdido totalmente a fome em razão da ansiedade pelo desenrolar do plano. – Mas eu preciso perguntar uma coisa.

– Pois não. – Disse Diego.

– Como você vai conseguir que eles deixem a casa e o encontrem no lugar combinado sem que os soldados a vejam? – Perguntou o cordoeiro.

– Está tudo no bilhete. – Disse o desertor. – Meus dois meninos mais velhos vão sair de casa levando consigo a pelota de *fútbol*, como se fossem jogar em algum lugar, mas na realidade vão esperar pela mãe no monumento do Naufraxio-Gran. Minha menina deve fugir pelos fundos, para se encontrar com eles no mesmo ponto, e minha mulher deve esperar pelo menos uma hora e só então sair de casa com o caçula, como se estivesse indo visitar alguém.

– E você não teme que a possam seguir? – Questionou o cordoeiro.

– É claro que temo, Mateo. – Respondeu Diego com um sorriso desconsolado. – Temo o insucesso de meu plano mais do que tudo! – Ele se recostou na cadeira. – Mas vou te contar uma das coisas mais importantes que aprendi na carreira militar: devemos ter mais fé do que medo. É na-

tural temer a morte antes de qualquer batalha, mas é necessário permanecer firme e confiante de que você vai sobreviver, pois do contrário, é certo que morrerá.

Mateo permaneceu em silêncio, sem saber o que responder.

– Mas não se preocupe. – Continuou o desertor. – É improvável que a sigam ou suspeitem de algo se ela não sair acompanhada por todos os filhos.

– Que você esteja correto. – Disse o cordoeiro.

Quando não havia mais nada a ser dito eles se levantaram e deixaram a bodega, mas não antes de enfrentar o olhar de censura da velha garçonete, a qual não fez questão de esconder o quanto estava irritada pelo fato de que ambos haviam deixado os pedaços de broa e salame intactos. O proprietário Benxamín, parecendo tremendamente cansado e entediado, acenou um bom dia para eles por detrás do balcão da recepção enquanto saíam, e Mateo pensou que talvez o velho permanecesse em seu posto ininterruptamente, tirando apenas pequenos cochilos de tempos em tempos, ou então dormindo em algum pelego invisível para eles, oculto pelo antigo móvel de madeira que lhe servia de escritório e guarita.

Ainda era muito cedo da manhã, e o sol iluminava preguiçosamente a rua deserta, quando os dois se despediram em frente ao Cabezalba e seguiram em direções opostas. Mateo estava estranhamente animado com a situação. Não era uma animação racional, é claro, como quando algo bom está por vir, e sim uma espécie de excitação física, que fazia seu coração bater mais rápido e seus sentidos ficarem

mais aguçados. Além de tudo, de certa forma, ter uma tarefa a cumprir fazia com que seus próprios problemas parecessem mais distantes, ainda que estivessem prestes a acontecer eventos que muito lhe interessavam, os quais seriam testemunhados pelos olhos argutos de Diego, o desertor.

Mateo pode presenciar o despertar gradativo da capital, à ponto do trissar dos *vinte-bens* nos telhados ser suprimido pelo som de incontáveis vozes, dentro e fora das casas e comércios, além dos passos apressados, do trote de cavalos e do ruído de diversas carroças carregando pessoas e bens. Havia certa semelhança com a rotina diária em Augasfondas-de-Porto, mas a proporção era incomparável, com filas imensas de trabalhadores, homens bem vestidos e incontáveis mercadores oferecendo seus produtos e montando suas tendas nas grandes avenidas que se intercruzavam. O cordoeiro, ao passar por uma tenda onde se fritavam bolinhos de polvilho, teve sua fome despertada e mais uma vez foi incapaz de resistir a ela, parando por alguns minutos para comer, aproveitando a oportunidade para beber um grande canecão de café com leite e canela.

A casa de Diego, todavia, ficava para além do centro da cidade, e logo o cordoeiro deixou as amplas e agitadas avenidas e começou a caminhar entre ruas cada vez mais estreitas, repletas de sobrados simples de tijolos vermelhos e construções menos sofisticadas. Seu ponto de referência, um imenso obelisco, erguido pelo povo que ali vivia séculos antes da unificação de Augareas, aproximava-se cada vez mais. Mateo gostaria de vê-lo de perto, se pudesse, em

alguns dos dias que antecederiam seu retorno à Augasfondas-de-Porto, mas naquela manhã ele teria que virar à direita duas quadras antes, na esquina de uma casa de manufatura de couros.

À medida que se aproximava de seu destino o coração do cordoeiro martelava seu peito, e um suor que nada tinha a ver com a caminhada lhe escorria pelas têmporas, causando um familiar incômodo. Ao entrar pela ruela cheia de casas modestas, ainda de tijolos vermelhos, mas com pátios estreitos e pequenas muretas, Mateo notou que adiante dois homens conversavam, ambos utilizando casacões azul-marinho, os quais sem dúvida eram uniformes da guarda militar de Melchora. Ele engoliu em seco e deu início ao plano de Diego, batendo palmas em frente a primeira casa que tinha uma janela aberta. Dela saiu uma mulher jovem e assustadoramente linda, com um longo cabelo loiro cacheado e olhos azuis brilhantes.

– Bom-dia. – Saudou o cordoeiro, com a voz fraquejando. – Estou à procura da casa de um parente, Abel Senfogar, você sabe me dizer onde fica?

– Bom-dia. – Cumprimentou ela, e sua voz era doce e suave. – Desconheço este homem. É certeza que vive nestas redondezas?

– Pelo que me disseram, sim. – Respondeu Mateo, num quase gaguejar, momentaneamente inebriado pelos olhos da moça. – Mas agraco pela atenção, vou continuar procurando.

A moça entrou em sua casa num esvoaçar hipnotizante, mas o cordoeiro engoliu em seco e caminhou por mais algumas dezenas de metros, observando os arredores

da forma menos comprometedora possível. Ele viu que uma idosa estava sentada à frente da janela de sua residência, lagarteando no agradável e morno sol do meio da manhã, e aproveitou para solicitar a ela as mesmas informações, as quais, obviamente, ela não soube dar.

Restava agora a última etapa do plano, e Mateo enfiou a mão no bolso segurando firme o pequeno bilhete de Diego, cuidadosamente dobrado até que se tornasse um quadradinho diminuto. Os dois homens da guarda militar estavam entre ele e a casa do desertor, e observavam calmamente sua aproximação, encerrando o assunto sobre o qual conversavam assim que o cordoeiro acenou com a cabeça, cumprimentando-os. Quando já havia passado por eles, e um sentimento de alívio ameaçava despertar em seu íntimo, Mateo ouviu uma voz às suas costas:

– Procurando algo, rapaz?

Mateo sentiu um repentino medo de o plano iria desandar, mas veio à sua mente o conselho de Diego sobre agir tendo confiança de que as coisas dariam certo, e ele conseguiu manter a voz firme ao responder:

– Procuro pelo meu parente, Abel Senfogar, disseram-me que sua casa fica nestas redondezas.

– Você não é daqui, é, rapaz? – Perguntou o outro guarda.

– Não, senhor. Sou do interior, de Augasfondas-de-Porto. – Respondeu Mateo, e no instante que o fez se arrependeu, amaldiçoando sua própria honestidade inocente. Se havia uma chance mínima daqueles guardas desconfiarem dele, dar-lhes a informação de que vinha da mesma direção de onde o homem que procuravam possivelmente

viria, era o mesmo que acender um pavio em meio a uma montoeira de palha seca.

- Dizem que é um lugar bonito, o Oeste. - Comentou o guarda que primeiro chamou Mateo, e ao falar não pareceu ter suscitado das intenções do cordoeiro. - Diga, Rafael, você que é destas redondezas, conhece alguém que se chama Abel Senfogar? - Perguntou ao seu companheiro.

O guarda levou a mão ao queixo, pensativamente.

- Que idade ele tem? - Perguntou ele.

- Está passado dos oitenta. - Respondeu Mateo, de improviso, pois não haviam combinado esta parte com Diego.

- Acho que tem um velho chamado Abel ali na rua de cima. - Disse ele, coçando a cabeça. - Meu pai tinha negócios com ele antes de ir embora para Terrafea-de-Aldea. Deve ser este o seu parente, rapaz.

Mateo assentia com a cabeça, olhando na direção indicada pelo guarda, mas por dentro estava completamente paralisado. Diego o tinha assegurado que não havia ninguém com aquele nome nos arredores de sua casa, e por esta razão jamais lhe passara pela cabeça a hipótese de perder seu principal pretexto para falar com a esposa do desertor. Depois deste revés, entretanto, não lhe restava outra alternativa senão seguir as orientações do homem, afastando-se inutilmente de seu objetivo.

- E é isso. - Concluiu o guarda, finalizando sua breve explicação do possível endereço do velho que sequer deveria existir.

- Obrigado. - Agradeceu Mateo, consternado. - Vou seguir meu caminho então.

– Disponha. – Falaram os dois guardas.

O cordoeiro virou as costas e seguiu pesaroso pela rua pavimentada, identificando, de canto de olho, a casa de Diego, mas evitando olhar para ela diretamente. Assim que dobrou a esquina, recostou-se à sombra de uma aroeira jovem de médio porte, plantada em frente à uma velha casa de tijolos e madeira, e respirou fundo, afastando o suor da testa e refletindo sobre sua má-sorte. Restavam a ele apenas duas opções. A primeira seria voltar para a companhia de Diego portando a notícia do fracasso do plano, algo que seria péssimo para o desertor, uma vez que teria que procurar outra pessoa para entregar o recado, já que Mateo levantaria suspeitas se retornasse, ou ainda, possivelmente, teria que quebrar a cabeça encontrar outra solução. A outra alternativa seria concluir a tarefa, de um jeito ou de outro, e para isso o próprio cordoeiro teria que quebrar a cabeça.

O dilema que Mateo enfrentava naquele momento era um dos maiores de sua vida, pois mesmo que nada desse ao desertor, tendo certeza, ainda, de que o mesmo não o culparia pelo fracasso da empreitada, sentia-se na obrigação de ajudá-lo, pois compadecia-se de sua situação e de sua família. Assim, sem dar tempo para que alguma dúvida viesse a minar sua determinação, o cordoeiro saiu da sombra da aroeira e seguiu em frente, dobrando a esquina para entrar na rua paralela à rua da casa de Diego.

O plano, elaborado rapidamente, era muito simples: já que não fora possível acessar a casa do desertor pela frente, tentaria fazê-lo pelos fundos. Tal simplicidade, toda-

via, implicava também em uma maior probabilidade de insucesso, pois o cordoeiro dependeria do acaso para conseguir o que queria.

Resoluto, não se permitiu vacilar quando avistou dois outros guardas vigiando aquela rua, desta vez afastados um do outro algumas dezenas de metros, pois o próprio Diego o havia alertado de que lá estariam, mesmo sem imaginar que tal informação viesse a ser tão relevante no desenrolar da tarefa. Após cumprimentar o primeiro guarda com um aceno, Mateo calculou com exatidão qual seria a casa que fazia divisa com a casa de Diego, e percebeu que, para sua sorte, a janela estava aberta, indicando que havia alguém em casa. Restava apenas saber se a pessoa em questão colaboraria com o plano, mesmo, e especialmente, sem ter ciência de que o fazia. Sentindo uma gota de suor percorrer o caminho entre sua têmpora e seu pescoço, o cordoeiro bateu palmas firmemente e aguardou.

– Bom dia, senhor. – Cumprimentou-o da janela um rapaz muito magro de não mais do que dez anos de idade, cujos cabelos eram castanhos e encaracolados e cujas roupas estavam sujas de terra.

– Bom dia. – Falou o cordoeiro sorrindo e procurando manter a voz firme e descontraída. – Meu nome é Acácio e eu estou procurando meu gato.

Mateo, em seu plano apressado, esquecera-se de pensar em alguns detalhes, percebendo que teria que improvisar à medida que o executasse. Surpreendeu-se, contudo, ao utilizar o nome do caticeiro como disfarce, tendo a sensação ruim de que isso era um mau agouro.

- Não tem nenhum gato aqui. - Disse o menino, ligeiramente desconfiado.

- Ele deve estar escondido. - Argumentou Mateo, assumindo o tom mais persuasivo que conseguia. - Ele fugiu de minha casa hoje cedo e eu o vi entrando na casa da sua vizinha dos fundos, a dona Edenia. Foi ela que me pediu para vir aqui, pois viu o gato atravessando a cerca para sua casa.

- Mamãe disse que não posso deixar nenhum estranho entrar. - Disse o menino, e o cordoeiro se sentiu desconfortável em ter que enganá-lo, mas não havia outra alternativa.

- Não se preocupe, eu não quero entrar na sua casa, só quero dar uma olhada nos fundos e ver se meu gato ainda está por ali. - Disse Mateo, dando uma olhada disfarçada ao redor para confirmar que os guardas não estavam desconfiados. - Podemos chamar a dona Edenia para ajudar.

O menino hesitou, refletindo sobre a proposta do cordoeiro, até que por fim disse:

- Está bem, mas vamos chamar a dona Edenia para minha mamãe não ficar brava comigo.

- Obrigado. - Disse Mateo, aliviado por ter conseguido passar pelo primeiro desafio, mas nervoso pela iminente conclusão do plano.

Guiado pelo menino, o cordoeiro contornou a casa pelo lado direito, percebendo uma pequena área onde a terra estava remexida, com alguns sabugos de milho organizados em formato de mangueiras e cercas, e de onde certamente vinha a sujeira fresca nas roupas dele. Ao fundo

havia uma horta, um varal e uma cerca de madeira bastante simples, quase precária, que servia como divisória dos lotes. O coração de Mateo acelerou ao ver, do outro lado da cerca, uma mulher curvada sobre um tanque a lavar roupas: a esposa de Diego. O menino se adiantou até a cerca e, para alívio de Mateo, chamou a mulher sem gritar ou chamar uma atenção desnecessária.

– O que foi, Xacobe? – Perguntou ela, aproximando-se da cerca, e lançando um olhar desconfiado à Mateo.

Edenia era uma mulher baixa e gorducha que, apesar de suas recém-adquiridas rugas, aparentava ter não mais do que trinta e cinco anos de idade. Seus cabelos eram curtos e lisos, e seus olhos eram verdes.

– Ele está procurando o gato. – Explicou o alegre Xacobe, esquecendo sua recente desconfiança.

– Gato? – Repetiu Edenia, confusa.

– Sim, aquele que entrou na casa da senhora agora há pouco. – Apressou-se Mateo em explicar, aproximando-se da cerca a ponto de ficar cara a cara com a mulher do desertor, olhando-a nos olhos de forma significativa e então atraindo sua atenção para o bilhete que segurava em sua mão direita.

Naquele momento, pela estranheza da conversa, Mateo percebeu o quanto seu plano era falho, pois, se ao invés do sorridente Xacobe, fosse recepcionado pela sua mãe ou outro adulto, sua mentira teria sido rapidamente desmascarada e talvez ele estivesse em uma tremenda enrascada. Para sua sorte, contudo, o menino parecia empolgado com a situação, olhando entusiasmado ao redor à procura do gato que jamais existira.

- Certo, o gato. - Concordou Edenia, motivada pela curiosidade em relação ao papel que Mateo segurava, e certamente interessada em saber qual era o propósito daquela cena estranhíssima.

- Mas infelizmente acho que ele não está mais aqui. Na certa deve ter fugido para a casa de outro vizinho. - Disse Mateo, tentando não perder mais tempo. - Mas, de toda forma, agradeço pela ajuda, dona Edenia. - E estendeu a mão a ela, em um falso cumprimento cujo único intento era entregar o bilhete, o que ela compreendeu, estendendo também sua própria mão em resposta.

- Bom, então se me dão licença eu vou voltar aos meus afazeres. Bom dia e boa sorte com seu gato. - Despediu-se Edenia, virando-se antes de ouvir a resposta do cordeiro e entrando apressada em sua casa, levando consigo o bilhete apertado na mão direita. Diego contara a Mateo que Edenia era uma mulher perspicaz e que sem dúvidas deveria ter suspeitado da repentina presença de guardas militares nas redondezas, mas o cordeiro duvidava que ela pudesse imaginar o que de fato havia acontecido, até que finalmente lesse o bilhete escrito pelo seu marido.

- Qual é o nome do seu gato? - Perguntou o menino, desapontado por não terem encontrado o pequeno felino fujão, enquanto acompanhava Mateo até o portão de sua casa.

Mateo pensou por um momento, outra vez aliviado ao perceber que não havia atraído a atenção dos guardas, e respondeu com a primeira coisa que lhe veio à mente:

- Na verdade é uma gata e não um gato. - Disse ele.
- Seu nome é Lia.

- Nunca vi uma gata com esse nome. - Disse o menino, fechando o portão.

- É uma gata única. - Falou Mateo, acenando um adeus para Xacobe. - Muito arredia e fujona. Talvez eu nunca mais a encontre. - E se foi.

Capítulo Oito



O sol já estava forte quando Mateo chegou à região central de Melchora, onde a agitação era ainda maior do que no início da manhã, especialmente nas proximidades do grande mercado de condimentos. Dezenas de tendas haviam sido armadas ao largo de uma belíssima praça, repleta de algodojeiras frondosas, que ficava em frente à uma imponente construção com imensas colunas e bandeiras penduradas diagonalmente, muito provavelmente um prédio público. Ao olhar mais atentamente, o cordoeiro percebeu que havia um fluxo intenso de pessoas entrando e saindo pela lateral do prédio, alguns carregando caixotes, outros carregando grandes rolos de tecido amarelo e branco.

Satisfeito por ter conseguido cumprir seu objetivo, o cordoeiro se deu ao luxo de percorrer a praça à procura de um banco onde pudesse descansar e se refrescar, bem como secar o suor de calor e nervosismo que ainda escorria pela sua cabeça. Tal tarefa foi surpreendentemente difícil, pois haviam poucos bancos posicionados à sombra de alguma árvore, e os que haviam estavam ocupados por todo tipo de pessoa, desde velhos solitários mascando fumo a trios de moças sorridentes trocando adereços de cabelo entre si. Finalmente, quando já havia desistido de procurar e pensava em se sentar no chão à sombra de uma algodoeira com grandes raízes proeminentes, Mateo avistou um banco vazio, que possivelmente ainda não havia sido ocupado por que estava com o encosto quebrado e com o assento sujo por manchas esbranquiçadas, indicando que havia um ninho de passarinhos em algum galho imediatamente acima dele. O cordoeiro, habituado com a simplicidade das coisas, viu apenas uma boa oportunidade para se sentar e acalmar seu coração ainda acelerado pela execução de seu plano medíocre e, para sua sorte, as manchas estavam secas e não sujaram sua roupa.

Meia hora ele ficou ali, refrescando-se com a suave brisa que soprava entre as árvores e observando seus compatriotas que iam e vinham, ocupados em suas próprias tarefas e absortos em suas próprias preocupações. Embora o suor tenha parado de escorrer em sua têmpora seu coração pouco desacelerou, pois a excitação deu lugar à preocupação e à ansiedade, afinal de contas, naquele exato momento Diego deveria estar cumprindo sua parte do trato, e em breve ele saberia toda a verdade sobre Lia.

Percebendo que alguns restaurantes ao redor da praça abriam suas portas, Mateo se deu conta de que o meio-dia se aproximava, significando que era hora de levantar e ir ao encontro do desertor. O cordoeiro deu uma última olhada ao redor, notando um casal que passeava de mãos dadas e conversava sobre em qual restaurante seria melhor almoçar. Se as coisas tivessem acontecido conforme o planejado, esta poderia ter sido uma cena protagonizada por Lia e Mateo. Agora, entretanto, imaginar isso era quase um delírio distante.

Após errar o caminho uma vez, tendo andado por mais de dez minutos antes de perceber que virara na esquina errada, o cordoeiro chegou ao Cabezalba. Diego e ele haviam combinado de se encontrar na bodega para o almoço, mas o desertor não estava lá quando Mateo chegou, e isso acabou multiplicando sua ansiedade. O cordoeiro então, na esperança de desviar os pensamentos e abrandar o nervosismo, optou por se sentar à uma mesa e pedir alguma coisa para beber, ao invés de permanecer parado na entrada da bodega atraindo a atenção de todos.

O local estava muito mais cheio do que das outras vezes em que Mateo lá estivera, e havia apenas duas mesas disponíveis, uma bem no meio do recinto e outra encostada na parede ao lado da entrada. Os clientes presentes, em sua maioria homens de certa idade, conversavam em voz baixa enquanto degustavam as iguarias da casa, e por isso, pensando na conversa que teria em breve, o cordoeiro escolheu a que ficava perto da entrada, principalmente para garantir que nenhum curioso ouvisse o que Diego e ele tinham a dizer.

– O que vai querer para o almoço, menino? – Perguntou a mesma garçonete velha que o atendera naquela manhã, embora desta vez não estivesse sozinha em seu trabalho, pois havia outra mulher, de não mais do que vinte anos, caminhando entre as mesas a entregar e recolher pratos. – Hoje temos porco assado com mandioca, milharada e fritada de couve, mas podemos fazer outra coisa se isto não lhe agradar.

Mateo notou que a velha ainda não os havia perdoado por terem deixado o café da manhã intacto.

– Estou aguardando um amigo. – Informou o cordoeiro. – Vou pedir a comida quando ele chegar, mas por enquanto gostaria de algo para beber. Uma laranjada ou uma limonada, com doce.

– Vou trazer uma laranjada então. – Resmungou a velha, e Mateo, pensando na possibilidade de uma repetição do ocorrido pela manhã, desejou que a outra garçonete o atendesse.

– Aí está você Mateo, pensei que não chegaria nunca! – Disse uma voz vinda da entrada da bodega.

Era Diego.

– Pensei que eu havia chegado antes. – Disse Mateo, levantando-se sem necessidade.

– Não, não. – Disse o desertor, balançando a cabeça e puxando cadeira para se sentar. – Cheguei aqui há mais de uma hora e o estive esperando desde então. O que deve ter acontecido foi que você chegou enquanto eu precisei ir ao banheiro.

- Deve ter sido isso mesmo. - Concordou Mateo, sentando-se também, e com isso atraindo a atenção da velha garçonete, que vinha com o copo de laranjada na mão.

- Vão querer almoçar o que? - Perguntou ela secamente.

- Traga-nos o que tiver mais fácil. - Respondeu Diego, igualmente áspero.

A velha sequer respondeu, deixando o copo de laranjada no meio a mesa. Com uma expressão de desaprovação no rosto, fungou e rumou para a cozinha.

- E então, Mateo, você conseguiu entregar meu bilhete para Edenia? - Perguntou o desertor.

Mateo ficou desapontado, pois pensou que o primeiro a relatar o desfecho de sua tarefa seria Diego. Ao ver a expressão agoniada no rosto do homem, contudo, lembrou-se de que sua situação era imensamente mais complicada e envolvia coisas muito mais importantes e arriscadas do que um romance mal resolvido.

- Sim. - Respondeu Mateo, e Diego suspirou aliviado, recostando-se na cadeira. - Mas aconteceram alguns imprevistos e tive que improvisar.

O cordoeiro relatou brevemente o que havia acontecido, e cada palavra que dizia era absorvida por Diego com tamanha atenção que se podia dizer que o mesmo estava petrificado. Perto do final do relato, a garçonete (desta vez a jovem, para alegria de ambos) aproximou-se carregando uma bandeja com os pratos, e Mateo, já ansioso para ouvir o que Diego tinha a dizer, aproveitou-se disso para encurtar a história.

– Você foi muito esperto, meu amigo, e também muito corajoso. – Concluiu o desertor, com a boca cheia de comida. Ouvir sobre o sucesso da empreitada de Mateo fizera com que sua ansiedade fosse substituída pela fome. – Por outro lado, devo dizer que o que você fez foi muito, mas muito arriscado. – Ele pegou o copo de laranja e o ergueu, arremedando um brinde. – De toda forma, serei eternamente grato a você! – E tomou quase metade do copo em um único gole. – Ah, se você soubesse o tamanho do favor que me fez, perceberia que continuo em débito, mesmo tendo cumprido minha parte do acordo.

– Isentá-lo-ei do débito se me contar de uma vez o que aconteceu! – Disse Mateo, consumido pela impaciência e pela curiosidade.

Diego sorriu de uma forma que Mateo ainda não tinha visto, e a alegria sincera em seu rosto encheu o cordoeiro de esperança. *“Talvez tenha sido tudo um engano”*, pensou ele, *“talvez ela tenha dito a verdade desde o princípio e eu tenha sido tolo em imaginar que havia algo de errado”*. O desertor, devolvendo o copo à mesa, deve ter captado a sutil mudança na expressão de Mateo, pois em menos de um segundo seu sorriso desapareceu do rosto, e seu semblante se anuviou, assumindo um tom consternado que indicava que o súbito rompante de esperança do cordoeiro era vão.

– Infelizmente as notícias são ruins, meu caro Mateo. – Falou Diego, olhando ao redor para garantir que ninguém ouviria o que estava prestes a dizer.

O estômago do cordoeiro fez o que este não tivera coragem de fazer e fugiu, enterrando-se em algum lugar profundo de suas entranhas e desaparecendo sem deixar

rastror. Seu coração batia tão rapidamente que o sangue que corria pelas veias de seu ouvido dava a impressão de produzir um som abafado e angustiante. “*Conte-me a verdade de uma vez!*”, parte dele pensou, mas a outra parte preferia que nada fosse dito...

– Fiz tudo conforme combinamos. – Começou Diego, tentando suavizar o tom de sua voz, como se falasse com alguém que perdeu um ente querido recentemente e, como geralmente acontece em tais situações, sem produzir o efeito desejado. – Eu vigiei a pensão de sua noiva de uma distância segura, a fim de não levantar nenhuma suspeita, e a segui assim que ela saiu com suas primas.

– Era ela? Lia? – Perguntou Mateo tolamente, estranhando o timbre agudo de sua própria voz.

– Sim, sem dúvidas. – Respondeu o desertor, fingindo não perceber a aflição na voz de Mateo. – A aparência dela batia perfeitamente com a descrição que você me deu, e o mesmo vale para as duas mulheres que a acompanhavam.

Mateo murchou em sua cadeira, envergonhado e decidido a não falar mais nada até que isso se mostrasse absolutamente necessário.

– Segui elas até a universidade, porém, devido à distância que eu estava, não pude ouvir nada do que diziam. – Continuou Diego. – Chegando lá, entretanto, pude me aproximar o suficiente, misturando-me às pessoas que enchiam o pátio central, e mesmo em meio à balbúrdia pude ouvir claramente o que diziam.

O cordoeiro abriu a boca, preparando-se para perguntar “e o que foi que elas disseram?”, mas, atendo-se à sua decisão de permanecer em silêncio, nada disse.

– “Eu entendo o que você quer dizer com isso, mas você sabe mais do que ninguém que precisa contar tudo a ele, e precisa contar hoje”. – Falou o desertor, modificando um pouco a voz para esclarecer que se tratava de uma citação. – Foi isso que ouvi uma das primas dizer, a que parece menos com Lia. Penso que elas vinham conversando sobre isso desde que saíram da pensão, e talvez até mesmo antes, pois o tom de voz dela era o de alguém que já está cansado em repetir a mesma coisa várias vezes. – Diego olhou novamente ao redor, assegurando-se de que a conversa permanecia reservada, pois percebia que Mateo estava demasiadamente absorto em seu relato para prestar atenção em possíveis bisbilhoteiros. – Lia então respondeu algo como “por que isso tinha que me acontecer justo no dia do baile de apresentação?”, parecendo muito nervosa. Depois disso elas entraram no prédio central e eu não me atrevi a acompanhá-las, ficando ali mesmo no pátio interno.

– Mas... – Balbuciou Mateo, traindo seu voto de silêncio.

– Tenha calma, pois isso não foi tudo o que consegui descobrir. – Interrompeu Diego, sem conter um sorriso diante do nervosismo juvenil do cordoeiro. – Não pense que eu desistiria de minha missão assim tão facilmente! – E o significado de suas palavras o surpreendeu. Seu semblante ficou pesaroso e daquele momento em diante sua voz passou a soar grave e fria, e Mateo nunca mais viu seu sorriso. – Esperei até o intervalo da manhã e me aproximei delas

assim que as vi novamente, encostando-me em uma árvore de costas para elas, de onde podia perfeitamente o que diziam. – Continuou ele. – A conversa era sobre coisas frívolas, como vestidos e tiaras, mas uma coisa me chamou a atenção: Lia falava de alguém, um outro homem, e deixou escapar que almoçaria junto com ele ainda hoje, no restaurante Marisqueiro, um dos mais caros da cidade.

Mateo ouvia tudo atentamente, mas era como se estivesse em um sonho enevoado, pois sua visão parecia embaçada e havia um zunido incômodo no fundo de sua cabeça.

– O intervalo logo chegou ao fim e eu já estava me preparando para ir até o Marisqueiro, com o intuito de esperá-la e assim descobrir mais sobre o tal homem, quando ouvi a conversa de duas moças que eu não havia percebido, mas que também estavam a observar Lia e suas primas. – Narrou Diego. – Uma delas disse “estão comentando por aí que Neftali anunciará o noivado com Lia durante o jantar desta noite”, ao que a outra respondeu “Não acho que ela tenha bom sangue para carregar o sobrenome Suciopecho, mas afinal o que representa o sangue hoje em dia?”. – E com isso ele concluiu seu relato.

Mateo ficou confuso. Para ele, o nome mencionado significava apenas que seus temores eram reais e Lia de fato o havia trocado por outro, todavia, as sobrelhas levantadas de Diego indicavam que o nome representava algo mais para o desertor.

– Você não sabe quem ele é, não é mesmo? – Perguntou Diego, diante da falta de compreensão de Mateo.

O cordoeiro apenas balançou a cabeça.

– Neftali Suciopecho é o filho mais velho do cancelário Macías! – Exclamou Diego, embora o tenha feito em voz baixa para não chamar atenção.

A informação surpreendeu Mateo, é claro, e ele se sentiu menor ao descobrir que seu rival era um homem poderoso e prestigiado, mas a dor que sentia diante da trágica e inexorável verdade era tão grande que, mesmo que o novo amor de Lia fosse o próprio cancelário, o cordoeiro não seria capaz de sofrer ainda mais.

– Quando ouvi esta informação eu desisti de ir até o Marisqueiro, pois a presença do filho de Macías seguramente traria consigo um bom número de guardas e soldados, e eu não poderia correr o risco de ser reconhecido por algum de meus ex-companheiros do exército, ou até mesmo ser capturado por eles. – Explicou Diego. – Então retornei para cá a fim de te contar tudo isso a tempo, mas você demorou muito além do que eu esperava.

– A tempo do que? – Perguntou Mateo.

– De ver com seus próprios olhos. – Respondeu o desertor. – Imaginei que você gostaria de ir ao Marisqueiro para tirar suas próprias conclusões, uma vez que eu mesmo não pude fazê-lo.

O cordoeiro percebeu este era verdadeiramente seu desejo, mas sentiu uma profunda raiva de si mesmo ao compreender que tal desejo era motivado não apenas pela necessidade de testemunhar a verdade, mas também pela obstinada e vã esperança de que tudo não passasse de um grande mal-entendido.

– Diga-me onde fica o tal restaurante. – Pediu Mateo.

Sem rodeios, Diego explicou detalhadamente o caminho, mas aconselhou que o cordoeiro se apressasse, pois já passava do meio dia. Mateo agradeceu ao desertor e se levantou, mais uma vez sem tocar em sua comida, saindo da bodega sob o olhar de censura da velha garçonete.

Capítulo Nove



Nas semanas que antecederam a ominosa viagem de Mateo a Melchora, se alguém tivesse lhe contado sobre os infortúnios pelos quais passaria na capital da nação, o cordoeiro jamais teria acreditado. Mas no fim, o que era para ter sido um feliz reencontro entre ele e Lia, numa espécie de recordação dos bons momentos do passado e prévia do bem-aventurado futuro que os aguardava, converteu-se em uma sequência inesperada de desgraças.

O cordoeiro, com os olhos marejados pela tristeza e pela raiva, pisava irritado no bem assentado calçamento das avenidas centrais de Melchora, marchando rumo ao seu malfadado destino. Tamanha era sua dor que ele sequer

prestava atenção no que acontecia ao seu redor, ignorando o intenso fluxo de pessoas que iam e vinham de todas as direções, agitadas na organização de algum evento grandioso que pouco ou nada lhe interessava naquelas circunstâncias.

Sem errar o caminho nem ao menos uma única vez e guiado apenas pelo seu subconsciente, Mateo chegou à praça que ficava em frente ao restaurante Marisqueiro, famoso por ser o melhor e mais caro do ramo de frutos do mar e importados em toda a capital. O local ocupava os dois primeiros andares de um prédio de três, construído com tijolos vermelhos e contendo os principais aspectos da tradicional arquitetura augareasenha. No peitoril de cada janela comprida havia uma bandeira triangular, dispostas alternadamente nas cores amarelo e branco, e em cada uma estava estampado o emblema nacional.

Mateo se sentou num velho banco à sombra uma canjerana, de onde podia observar de uma distância segura a entrada do restaurante. Embora a ansiedade o estivesse consumindo ele não ousou se aproximar e espiar da porta ou de alguma janela, pois, de qualquer forma, poderia avistá-los quando chegassem, caso ainda não tivessem chegado, ou então saindo, caso já estivessem almoçando.

– Parece que os encontros fortuitos estão em nosso destino, meu caríssimo Mateo. – Disse uma voz atrás dele.

O cordoeiro se levantou de súbito, recuando um passo. Era Acácio, o caticeiro.

– Ora, ora, não precisa sair correndo. – Disse ele, levantando as duas mãos à altura do peito, com as palmas voltadas para Mateo. – Não era minha intenção assustá-lo.

Eu só estava dando uma volta pela praça quando vi meu companheiro de viagem e resolvi cumprimentá-lo.

O cordoeiro retribuiu o cumprimento com um aceno de cabeça, permanecendo em silêncio e encarando o homem que se esforçava para parecer inofensivo. Pela primeira vez desde que o conhecera, Acácio não estava usando a velha cartola cheia de broches, tendo-a substituído por um chapéu redondo de feltro, e seu surrado casacão havia dado lugar a outro mais leve e mais claro, mas igualmente velho. Seus olhos estanhados encimados por grossas sobrancelhas e seu sorriso exagerado e desconfortante, todavia, permaneciam inalterados.

– Passeando pela capital? – Perguntou o caticeiro, sentando-se no mesmo banco em que Mateo estivera momentos antes.

Mateo balançou a cabeça negativamente. Ele não tinha a mínima vontade de conversar com Acácio naquele momento, especialmente sobre o que fazia ali em frente ao restaurante, mas o caticeiro era tão pegajoso insistente que ele sabia não ser possível escapar. De qualquer modo, o cordoeiro passara a teme-lo após o encontro da noite anterior e, embora não mais se deixasse convencer pelas suas palavras sebosas e pelo seu sorriso servil, também não pretendia contrariá-lo e com isso arriscar despertar sua ira ou sua inimizade.

– Então quer dizer que as coisas entre você e sua noiva ainda não se alinharam? – Perguntou Acácio, em sua melhor tentativa de expressar compaixão.

– Nem de perto e nem de longe. – Respondeu Mateo, duplamente frustrado. O cordoeiro se sentia péssimo pela

situação com Lia, e a companhia do impertinente e asqueroso Acácio apenas intensificava esse sentimento.

– Sente-se ao meu lado e me conte tudo, meu caro amigo. – Convidou o caticeiro dando tapinhas no espaço vazio do banco.

Ser chamado de “amigo” por aquele homem desagradável era muitas vezes pior do que ser chamado de “menino” pelo velho Benxamín da pousada Cabezalba. Mesmo assim, Mateo atendeu ao pedido de Acácio e se sentou na extremidade oposta do banco, o qual tinha capacidade para três pessoas, e evitou, ao máximo, olhar diretamente para ele, preferindo manter os olhos virados na direção da entrada do restaurante Marisqueiro.

– Acho que está tudo acabado entre nós. – Começou Mateo a explicar, com uma honestidade que surpreendeu a ele próprio. Porém, tamanho era o peso das palavras que viriam a seguir que elas simplesmente não foram capazes de subir de seu coração e atravessar sua garganta rumo aos ouvidos de Acácio, e o cordoeiro fechou a boca, esforçando-se para conter as lágrimas.

– Seu eu tivesse apenas uma chance de acertar, diria que existe outra pessoa. – Arriscou o caticeiro, num misto de pena pela situação de Mateo e empolgação pela sua própria capacidade dedutiva.

– Não é apenas *outra* pessoa. – Corrigiu o cordoeiro, aborrecido. – É alguém importante, poderoso... – Ele suspirou. – Alguém que é tudo o que eu não sou.

– Um rival difícil de se vencer, então, meu caro Mateo. – Concluiu Acácio, balançando a cabeça negativamente e franzindo o cenho. – E quem seria este homem?

– Neftali Suciopecho. – Contou o cordoeiro, odiando cada sílaba daquele nome.

Acácio não respondeu imediatamente. Tal comportamento era tão inesperado vindo daquele homem, cuja conduta era sempre desconfortavelmente palavrosa, que Mateo veio a levantar instintivamente os olhos em sua direção, percebendo que ele estava momentaneamente paralisado diante da revelação, como se ela fosse tão impactante para ele quanto era para o cordoeiro. Seu rosto estava contorcido em uma expressão de genuína e profunda repulsa, e Mateo se compadeceu dele por um momento, pensando que o homem realmente compartilhava de seu sofrimento. No instante seguinte, porém, lembrou-se que Acácio nutria um intenso ódio pelo cancelário Macías e, conseqüentemente, deveria detestar todas as pessoas próximas a ele.

– Isso é muito interessante. – Balbuciou ele, e seu rosto permanecia contorcido de desprezo, mas seus olhos eram os de um lunático.

– Eu não acho interessante. – Protestou Mateo, voltando a sentir aversão pelo homem que se sentava ao seu lado.

– Peço perdão pelas minhas palavras. – Desculpou-se Acácio, forçando um sorriso. – Eu apenas quis dizer que tal situação é mais do que inesperada. – Seus dedos apertavam o casaco nervosamente. – Mas não pense que eu não estou compadecido de seu infortúnio. Pelo contrário, o que você sofre eu sofro em dobro. – E abaixou a cabeça, fechando os olhos e levando a mão direito, com o punho cerrado, em direção ao próprio peito.

Aquela encenação patética fez Mateo detestar ainda mais o caticeiro, pois sua atitude desmesurada produzia o efeito oposto ao desejado, deixando ainda mais evidente que Acácio pouco se importava com os problemas do cordeiro.

– Como você descobriu? – Perguntou o caticeiro.

– Di.. – Começou Mateo, mas hesitou, fingindo um pigarro. Ele decidiu que preservar Diego seria a atitude correta a se tomar, especialmente considerando a antipatia que o desertor sentia por Acácio. – Disseram-me que os dois foram vistos juntos várias vezes pela cidade. – Mentiu ele.

– Agora entendo porque você veio até aqui, meu pobre Mateo. – Concluiu lamentosamente o caticeiro. – Sabia que eles estariam no Marisqueiro e quis ver a coisa com seus próprios olhos.

– Eles estão lá dentro? – Perguntou Mateo, com o coração acelerando. – Quer dizer, ele estava... estava com alguém?

– Estava. – Informou Acácio. – Não posso afirmar que era a donzela que deveria se casar com você, pois nunca a vi, mas o filho de Macías estava acompanhado de uma belíssima jovem.

Mateo não sabia se era pior ouvir o caticeiro chamar Lia de “belíssima jovem” ou ter seus temores finalmente confirmados por ele.

– E o que pretende fazer agora? – Questionou Acácio.

Mateo percebeu, pela primeira vez desde que aquela sequência infeliz de acontecimentos tivera início, que não tinha ideia do que pretendia fazer quando tudo tivesse fim. Ele estivera tão alheio em seu padecer e tão ocupado em sua

busca pela verdade que ignorara seu próprio destino, em parte, também, pelo receio secreto que tinha de pensar em um futuro do qual Lia não fizesse parte.

- Não sei. - Respondeu Mateo, francamente.

- Pensando em uma vingança, talvez? - Sugeriu Acácio, e sua voz soou macia e envolvente, de uma forma que Mateo jamais ouvira.

- Não. - Respondeu o cordoeiro, muito mais secamente do que pretendia.

- Ora, não estou sugerindo nada. - Defendeu-se Acácio, voltando a assumir uma postura apartidária. - Não pense que eu sou um desses abomináveis caticeiros que sobrevivem da ruína e da desgraça alheia.

Mais uma vez as palavras de Acácio causaram a impressão contrária da que ele pretendia causar, e Mateo teve certeza absoluta que o caticeiro ao lado dele era um especialista em destruir a vida dos outros, fosse por dinheiro, fosse por hábito doentio.

- Veja! - Disse Acácio, levantando seu braço direito e apontando na direção da entrada do restaurante.

Mateo sentiu como se um pedregulho disforme se materializasse dentro de sua garganta, dificultando sua respiração, assim que ergueu os olhos e viu o movimento na porta do Marisqueiro.

- De nada adiantará. - Murmurou Acácio sombriamente, com um sorriso enigmático.

Vários soldados com casacões amarelos saíram e se posicionaram alinhados à porta do restaurante, enquanto uma carruagem escura com bandeiras amarelas e brancas

estacionava diante dela. Em seguida, um homem alto, trajando vestes elegantes de um verde profundo e usando um chapéu negro com bordas amarelas, atravessou a porta sorrindo e olhando para trás, dizendo algo para alguém que ainda estava dentro do restaurante. A pessoa em questão, Mateo logo descobriu, tratava-se de Lia Colvizosa.

A mulher que o cordoeiro, durante muito tempo, imaginara que um dia seria sua esposa deixou o Marisqueiro com um largo sorriso estampado em seu rosto, certamente deslumbrada com o que seu novo par acabara de dizer. Doía-lhe admitir, mas, como bem dissera Acácio, Lia estava belíssima. Além de parecer mais descontraída do que nunca, ela usava um vestido cor de areia, com algumas fitas brancas caindo desde a cintura até o chão e uma gola alta de bordado branco, e seu cabelo estava preso em um coque no alto da cabeça, com exceção de duas longas mechas que pendiam uma de cada lado de seu rosto gracioso e radiante.

O coração de Mateo martelava seu peito, ecoando ruidosamente em seus ouvidos, e o pedregulho preso em sua garganta parecia ter dobrado de tamanho, impedindo que o ar que respirava fosse até seus pulmões. O cordoeiro jamais havia sentido tamanho desconforto em toda a sua vida, e pensou que jamais sentiria algo semelhante, afinal não deveria e nem poderia existir sensação pior do que aquela. Infelizmente, porém, no momento seguinte ele descobriu que estava completamente enganado, pois Neftali, já de pé na carruagem, estendeu a mão para Lia, que a aceitou sem embaraço e se firmou nela para subir. Quando viu seu grande amor se sentar ao lado daquele homem, recostando-

se nele com a mesma delicadeza e ternura que já havia demonstrado ao se recostar no cordoeiro em tempos agora tão longínquos, Mateo compreendeu que não havia mais esperança para ele, e a dor que sentiu excedeu os limites que seu coração podia aguentar, levando-o às lágrimas.

– Bem, eu sinto muito. – Falou Acácio, mas sua voz soou distante e etérea, e Mateo não foi capaz de perceber se ele falava com sinceridade ou não. – Eu tenho que ir agora, pois não quero ser um incômodo neste triste momento. – Continuou ele, e o cordoeiro sequer foi capaz de sentir raiva de seu usual fingimento. – Mas saiba que, de um jeito ou de outro, no final todas as coisas sempre se alinham.

Mateo estava confuso e triste demais para julgar o comportamento do caticeiro, mas no fundo ele tinha convicção de que o homem só estava se despedindo daquela forma porque não lhe convinha consolar um jovem de coração partido. Pelo menos não um que decididamente não contrataria seus serviços perniciosos. Mesmo assim, Acácio ainda hesitou por um segundo, até que, certo de que não receberia nenhuma resposta, despediu-se com um aceno de cabeça.

– Adeus. – Falou, ainda, quando já estava de costas para o cordoeiro.

Mesmo a saída apressada do caticeiro, cuja ausência costumava ser muito mais prazerosa do que sua presença, não fora suficiente para abrandar a desolação que se formara coração de Mateo. Prostrado no banco da praça, completamente alheio ao que acontecia ao seu redor, as únicas

coisas que o cordoeiro conseguia fazer eram chorar e soluçar, e seu pensamento se tornara turvo e enegrecido pelo desgosto.

Capítulo Dez



Mateo permaneceu sentado naquele desconfortável banco de praça por mais de uma hora, sem dar a menor atenção a quem quer que passasse por ele. Infeliz, chorou mais do que jamais havia chorado em toda a sua vida, mais ainda do que no dia da morte de seu pai, e seu interior ardeu em sofrimento e desesperança. Sua mente atormentada se perdeu em pensamentos deprimentes e melancólicos, vagando entre recordações dolorosas e planos que jamais se concretizariam.

O cordoeiro relembrou os momentos agradáveis de sua infância no bucólico promontório de Augasfondas-de-Porto, quando Lia era amorosa e brincalhona e não parecia

ser capaz de fazer nada que viesse a partir seu coração. Lembrou-se, também, dos dias mais importantes de seu relacionamento amoroso, desde aquele em que começaram a namorar, dando o primeiro beijo sob a sombra de um pessegueiro em Muíño-de-Outeiro, até o seu pedido de noivado durante os festejos do Dia do Naufrágio. Entretanto, para sua surpresa, mesmo estando com o coração despedaçado, aquelas lembranças, quando lhe vinham à mente, continuavam doces, tornando-se amargas apenas no momento em que o rosto de Lia ficava nítido e seu sorriso meigo se distorcia em um riso de escárnio.

Porém, em determinado momento, as lágrimas que vertiam de seus olhos finalmente secaram e os incômodos soluços cessaram definitivamente. A pedra que trancava sua garganta se esfarelou e o fogo de raiva e frustração que consumia seu coração se apagou, fazendo com que por fim restassem apenas pó e cinzas. Mateo tomou consciência da brisa salgada que batia em seu rosto e sentiu como se nenhuma dor pudesse castigá-lo além daquele ponto, e isso era estranhamente reconfortante.

Ele esfregou os olhos e, depois de muito pensar, desta vez não sobre o passado ou sobre os seus planos desmanchados, e sim sobre as escolhas que deveria fazer e o futuro que elas trariam, levantou-se. Surpreso ao ver que suas pernas respondiam com a firmeza de sempre, virou as costas para o Marisqueiro e seguiu na direção oposta, deixando para trás um Mateo inocente e iludido que jamais voltaria a existir.

Logo após virar à esquina, Mateo tomou um susto ao ser saudado por uma voz estridente.

– Ainda temos almoço, senhor. – Anunciou uma meninota morena em frente a um estreito restaurante de aspecto familiar.

– Obrigado. – Agradeceu Mateo, numa forma automática de dispensar a oferta.

Mal o cordoeiro havia terminado de dizer a última sílaba quando parou de súbito, deixando a meninota intrigada. Ele percebeu que havia uma sensação incômoda o acompanhando desde que deixara a praça, e riu sozinho ao descobrir que era simplesmente um vazio em seu estômago.

– Bom, acho que não preciso sofrer de fome, pelo menos. – Pensou ele em voz alta.

– Certamente que não, senhor. – Respondeu a meninota dando um passo para o lado a fim de permitir a entrada de Mateo.

O restaurante não tinha mais do que quatro metros de largura e pelo menos cinco vezes essa medida de comprimento, possuindo mesas encostadas em ambas as paredes que formavam um corredor central pelo qual Mateo caminhou até o balcão, o qual ficava na extremidade oposta. O local estava vazio, mas algumas mesas ainda continham pratos e copos, e apenas duas delas estava com as toalhas incólumes, indicando que houvera grande movimento mais cedo. A única pessoa visível era uma mulher morena e muito magra, trajando vestes simples e usando um grande lenço na cabeça, que sorria cordialmente para Mateo.

- Boa tarde. - Saudou ela, e seu rosto era ossudo e fino. - Ainda temos um pouco de caldo de salteira, corvina com batata, costelinha de porco frita, arroz, feijão, couve, farofa, torresmo e salada. - Informou ela, contando nos dedos enquanto lembrava.

- Boa tarde. - Respondeu Mateo. - Quero apenas a corvina com batata, arroz e farofa.

- Certo. - Assentiu a garçonete, e franziu o cenho momentaneamente, disfarçando logo em seguida. Certamente havia notado os olhos inchados do cordoeiro. - Algo para beber?

Mateo sentiu a boca muito seca, certamente por ter chorado muito, e cogitou, por um instante, em pedir uma garrafa de licor, mas desistiu da ideia.

- Se tiver limonada, traga-me um copo grande. - Pediu ele. - Se não tiver, pode ser água.

- Como preferir. - Disse a mulher. - Por favor, sente-se e eu levarei a comida até sua mesa.

O cordoeiro se sentou à primeira mesa limpa que encontrou, olhando ao redor e admirando a decoração das paredes, composta por peneiras de taquara de todos os tamanhos. A comida não demorou a chegar, possivelmente porque era feita em grandes panelas de barro, que por sua vez eram mantidas aquecidas na chapa de um grande fogão à lenha e, para matar a sede de Mateo, veio também uma pálida, porém deliciosa, limonada.

O sabor daquela simples refeição jamais seria esquecido por Mateo e, daquele dia em diante, o cordoeiro passaria a comer salteira todas as vezes que estivesse prestes a enfrentar alguma situação desafiadora. Não que o peixe

servido naquele pequeno restaurante fosse maravilhosamente delicioso, é claro, mas causou tamanho efeito no espírito de Mateo, fazendo-o lembrar que ainda estava vivo e que o vazio deixado por Lia poderia ser preenchido, que ele conseguiu organizar os pensamentos e decidir exatamente o que faria a seguir.

Após pagar a conta e se despedir da garçonete e de sua filha, o cordoeiro voltou às ruas movimentadas de Melchora. Resoluto, firmou o passo na direção da pensão onde moravam Lia e suas primas, pois um forte sentimento de orgulho havia suprimido seu recente desespero, e ele não permitiria que o anúncio do término acontecesse conforme os planos da traidora. Muito pelo contrário. Mateo estava decidido a confrontá-la de surpresa e dizer olhando em seus olhos que já sabia de tudo e que, por isso, o noivado estaria acabado. Em seu íntimo ele sabia que tomar a dianteira das ações poderia tirar dela parte da responsabilidade sobre as explicações, mas preferia que fosse assim, pois, além de não desejar ouvir suas desculpas esfarrapadas, queria sair de cabeça erguida do constrangedor e inevitável encontro.

Repassando mentalmente o que diria (inclusive cogitando utilizar algumas palavras pouco respeitosa), Mateo não percebeu o tempo passar e quando deu por si estava diante da entrada da pensão de Fer. Impactou-o perceber que tudo estava exatamente igual à tarde passada, a qual parecia ter acontecido há vários dias, e isto deu um imprevisto consolo ao cordoeiro, mostrando da forma mais direta possível que o mundo continuaria seu caminho mesmo após a sucessão de desventuras por ele vivida.

Sem se permitir um instante sequer de hesitação, o cordoeiro entrou na portaria da pensão e viu Fer sentada à um canto, de costas para a porta, a trabalhar em uma grande embalagem de juta. A mulher tinha o cabelo preso à altura da nuca e vestia um vestido branco muito largo com várias dobras, lembrando bastante uma túnica.

- Boa tarde, anjo. - Cumprimentou ela, virando-se sorridente, e o seu movimento fez com que Mateo notasse que ela não vestia nada por baixo do vestido.

- Boa tarde. - Disse Mateo, e sua voz soou mais seca do que ele pretendia. - Eu gostaria de subir, por favor, pois tenho alguns assuntos para resolver. - Continuou ele, abrandando o tom, uma vez que sua aspereza estava reservada à traidora Lia e não à simpática Fer.

- Como quiser, meu anjo. - Falou ela, compreensivamente, após esquadrinhar Mateo dos pés à cabeça. O cordoeiro se perguntou se a dona da pensão o estava avaliando para decidir se ele representava uma ameaça para suas inquilinas, em razão de seu aparecimento repentino e potencialmente suspeito, tendo concluído que ele não passava de um homem arrasado e digno de pena.

- Obrigado. - Agradeceu Mateo, tentando parecer, ao mesmo tempo, inofensivo e seguro de si.

Seu coração acelerou intensamente ao olhar na direção do corredor que levava ao quarto de Lia, e ele rapidamente chegou à porta dela, tendo percorrido o interior da pensão com tamanha pressa e concentração que posteriormente lembraria daquele curto momento apenas como um borrão. Pela primeira vez desde que deixara o restaurante

determinado a tomar o controle das ações, o cordoeiro hesitou, suspirando fundo antes de bater na porta com a mão trêmula.

Nada.

Talvez a batida tivesse sido fraca demais e, movido pela raiva de si mesmo e de sua debilidade, Mateo firmou o pulso bateu novamente. A segunda tentativa pareceu ter funcionado e ele ouviu passos e, um segundo depois, alguém estava destrancando a porta. O cordoeiro se perguntou se seria Lia, a dissimulada, e por isso se empertigou e franziu o cenho, erguendo o queixo em desafio.

A porta se abriu e não era Lia, mas sim Nina.

– Boa tarde. – Disse Mateo, secamente.

Diferentemente de Fer, as primas de Lia mereciam experimentar um pouco da rispidez do cordoeiro, pois, afinal de contas, eram cúmplices da traição. Além disso, conhecendo Madalena, Mateo tinha certeza de que ela pouco faria para aconselhar Lia a agir com lealdade e, ao invés disso, deleitar-se-ia com os possíveis benefícios que o casamento dela com o filho do cancelário Macías poderiam lhe trazer.

– Quero falar com Lia. – Continuou Mateo, diante do silêncio petrificado de Nina, a qual parecia mais surpresa em ver o cordoeiro naquela tarde do que estivera no dia anterior.

– Ela já saiu. – Informou Madalena, vindo às pressas de um dos quartos. – O que é que você quer com ela agora?

– Preciso conversar com Lia e não vou esperar até o horário combinado. – Respondeu Mateo, com severidade.

– Mas não há mais nenhum horário combinado. – Retrucou Madalena. – Pensei que você não quisesse mais conversar com ela. Mudou de ideia?

– Se eu mudei de ideia? Como assim? – Perguntou Mateo, confuso.

– Escute aqui, Mateo. – Continuou Madalena, sustentando o olhar do cordoeiro. – Nós entendemos que descobrir a verdade pela boca de outra pessoa deve ter sido muito doloroso, mas não há mais nada a ser dito entre vocês dois, especialmente depois do recado que seu mensageiro trouxe.

– Mensageiro? – Repetiu Mateo, sem entender.

– O homem que esteve aqui mais cedo e trouxe sua mensagem e seu presente para Lia. – Explicou Nina.

– Eu não mandei homem algum! – Defendeu-se Mateo, exasperado. – E não sei que mensagem e que presente são esses dos quais vocês estão falando.

Madalena franziu o cenho.

– Não é hora para brincadeiras, Mateo. – Censurou ela.

– Você acha que eu estou encarando isso como uma brincadeira, Madalena? – Perguntou Mateo, controlando-se até o limite para não gritar com ela. – Depois de tudo... de tudo...

Madalena não respondeu, percebendo a sinceridade no olhar lacrimejante do cordoeiro.

– Mas então quem era aquele homem? – Questionou Nina, olhando nervosamente para a irmã.

– Expliquem isso direito! – Bufou Mateo.

– Logo que Lia voltou de seu almoço com Neftali, um homem estranho apareceu na recepção, pedindo para falar com ela e se identificando como amigo e mensageiro de Mateo. – Explicou Nina. – Fer desconfiou dele e não deixou que subisse, mas chamou Lia, que desceu e ficou alguns minutos conversando com ele.

– Quando voltou ao quarto, Lia nos contou que o mensageiro havia revelado que você descobrira sobre Neftali ao interrogar pessoas nos arredores da universidade. – Completou Madalena. – E disse também que você o havia incumbido da missão de passar o recado, pois não desejava falar pessoalmente com Lia, mas estava disposto a aceitar o rompimento do noivado sem guardar mágoas desde que ela se compromettesse a aceitar o presente que havia comprado para ela.

– E o que era esse presente? – Perguntou Mateo.

– Não sabemos. – Respondeu Nina. – Era uma caixinha que ela não quis abrir em nossa presença, dizendo que não podia, mas levou-a consigo quando saiu.

– Como era esse homem? – Perguntou Mateo, com um pressentimento terrível.

– Não sabemos. – Falou Nina.

– Apenas Fer e Lia o viram. – Contou Madalena. – Mas Lia comentou que era um homem desagradável.

Mateo balançou a cabeça nervosamente, incapaz de acreditar no que estava acontecendo.

– Onde está Lia. – Perguntou Mateo.

– Ela foi se preparar para o baile com as irmãs de Neftali. – Contou Nina. – Esta noite será a abertura dos festejos da apresentação, e Lia terá lugar na mesa de honra.

– Por que vocês não foram junto com ela? – Questionou o cordoeiro.

– Nós iremos amanhã, para o segundo baile. – Explicou Madalena, e o fato visivelmente a chateava. – Hoje o evento é exclusivo para políticos e ricos.

– Preciso falar com Fer. – Disse Mateo abruptamente, com um crescente senso de urgência, virando-se para retornar à recepção.

– Espere! – Exclamou Nina, segurando seu braço. – Há algo de errado? Lia corre perigo?

– Não. – Mentiu Mateo, na intenção de preservá-las de suas preocupações. – Apenas quero descobrir o que está acontecendo. Adeus. – E saiu.

O cordoeiro chegou à recepção em questão de segundos, localizando Fer à um canto e indo até ela com tal ímpeto que a dona da pensão se assustou e deixou cair um rolo de juta.

– Perdão, não era minha intenção assustá-la. – Desculpou-se ele ao tomar consciência de que estava parecendo um maníaco.

– Tudo bem, meu anjo. – Sorriu ela, mas Mateo viu que ela segurava firmemente a tesoura em uma das mãos.

– As primas de Lia me contaram que ela recebeu a visita de um homem, um suposto mensageiro enviado por mim, e eu preciso saber como ele era. – Disse o cordoeiro, e seu tom era de súplica.

– Então não foi você quem o mandou? – Perguntou Fer, levantando as sobrancelhas. – Bem que eu achei estranho que um moço bem-apessoado como você se envolveria com alguém como ele.

Mateo apenas confirmou com a cabeça.

– Era um sujeito repulsivo e macilento, tinha a pele toda marcada e o cabelo seboso. – Continuou Fer, torcendo o nariz enquanto descrevia o homem. – Vestia um casacão marrom e um chapéu redondo. Era tão esquisito que eu quase não chamei Lia.

– Você ouviu algo do que eles disseram? – Perguntou Mateo, tentando entender porque Acácio viria ter com Lia sob aquele pretexto fajuto.

– Não. – Respondeu Fer, com orgulho. – O homem pediu para conversar à sós e, mesmo que tivesse má aparência e fosse suspeito, não é de meu feito bisbilhotar. Permaneci no corredor enquanto conversavam.

– É claro. – Concordou Mateo, que não fizera tal insinuação.

– Devo ficar preocupada? – Perguntou Fer, olhando o nos olhos.

– Não. – Mentiu novamente o cordoeiro, desviando o olhar e sacudindo a cabeça negativamente.

– Ótimo, então. – Falou Fer, abaixando-se para pegar o rolo de juta que deixara cair momentos antes, e o cordoeiro sentiu que ela desconfiava de sua resposta.

– Eu apenas precisava saber mais sobre o que aconteceu. – Explicou ele e, virando-se para a saída, engoliu em seco. – Seguirei meu caminho agora. Agradeço por toda a sua ajuda.

– Meu anjo. – Chamou ela, com a voz de quem vencera a hesitação.

Mateo virou o rosto, notando que Fer o encarava com sincera compaixão, e isso o fez com que o cordoeiro se sentisse envergonhado.

– Eu sinto muito. – Disse ela, e sua frase foi carregada de significado.

Mordendo o lábio, o cordoeiro agradeceu tristemente com a cabeça e saiu.

Capítulo Onze



Indeciso sobre o que fazer, Mateo caminhou sem rumo por alguns minutos, afastando-se da pensão de Fer à passos largos, enquanto se ocupava com pensamentos de medo e angústia. Sua cabeça doía tanto que chegava a latejar e, embora seu corpo ainda pudesse aguentar muitas horas de dura faina, sua mente estava exausta e implorava por descanso. Parte dele se sentia na obrigação de descobrir quais eram os objetivos de Acácio e, com isso, proteger Lia de qualquer maldade que o caticeiro estivesse planejando fazer, mas outra parte, ainda ferida e magoada, desejava apenas ir embora, ignorando aqueles problemas que já não eram mais seus.

Quando já estava perdido em meio as ruas pouco movimentadas de uma região residencial, a boa consciência do cordoeiro venceu seu rancor e seu egoísmo, sobrepujando também a indecisão e trazendo luz ao seu pensamento. Ele sabia que precisava fazer alguma coisa, e precisava fazer logo, mas tinha dúvidas sobre qual caminho tomar, literal e figurativamente.

– Diego! – Exclamou ele, para ninguém ouvir.

O nome do desertor brotou em sua mente como uma resposta mais do que óbvia. Além de conhecer Melchora e seus caminhos, Diego era um homem experiente e seguramente saberia aconselhar Mateo sobre a melhor atitude a ser tomada, especialmente considerando o envolvimento de Acácio, por quem ele demonstrara suspeita e antipatia desde o princípio.

O único problema, todavia, seria encontrá-lo. O desertor partiria com sua família para o Norte ao cair daquela mesma tarde, pondo em prática o plano que Mateo tornara possível ao entregar o bilhete para sua esposa, e era muito provável que já não estivesse mais no Cabezalba. Mesmo assim, sem dar espaço para a hesitação, o cordoeiro correu na direção que achou mais plausível de estar correta, aproximando-se de seu destino mais rapidamente do que poderia ter imaginado.

Exatamente dez minutos depois de mudar de rumo, Mateo se viu percorrendo a rua da pousada e, arfando e suando, adentrou ao estabelecimento dando um tremendo susto no velho Benxamín.

– Ooo! – Exclamou ele, agarrando-se ao balcão.

Mateo não tinha tempo para pedir desculpas e, num borrão, passou diretamente para a bodega, que estava muito movimentada. O cordoeiro parou de chofre assim que cruzou a entrada, olhando apressadamente de um canto a outro, e não conseguiu ver o desertor, sentindo-se arrasado pela sua vagareza em tomar decisões. Quando pretendia deixar o lugar para pensar em outra alternativa, um movimento chamou sua atenção: Diego acenava para ele de uma mesa no canto oposto ao balcão. Em sua pressa, Mateo não o notara sentado a beber licor e comer pão com salame, e nunca pensou que ficaria tão feliz em vê-lo, indo até sua mesa sem se importar com os olhares curiosos que o acompanhavam.

- Preciso de sua ajuda. - Disse Mateo, sentando-se ao lado de Diego.

De maneira resumida, o cordoeiro contou ao desertor as coisas que haviam acontecido desde a última vez em que os dois estiveram juntos, no final daquela mesma manhã. Diego ouviu o relato pacientemente, estreitando os olhos em desconfiança assim que Mateo descreveu o far-sante que fora ter com Lia se passando por um mensageiro por ele enviado.

- Acácio. - Concluiu Diego.

- Foi nele que pensei. - Assentiu Mateo. - Só pode ter sido ele. A pergunta é: por quê?

- Ora, mas não é óbvio? - Perguntou Diego.

Mateo se sentiu um tolo por não compreender a situação e ficou calado.

– Lembra-se da conversa que tivemos sobre Acácio enquanto navegávamos? – Continuou o desertor. – O profundo rancor que ele nutre pelo governo de Augareas é a resposta.

A cabeça do cordoeiro doía muito, dificultando seu raciocínio.

– Acácio é um nome comum em Mos-de-Illa, então suponho que é de lá que ele veio, ou ao menos é de lá que veio sua família. – Explicou Diego, inclinando-se para a frente e abaixando o tom de voz. – Está claro para mim agora que ele abomina o massacre contra seu povo mais do que tudo, e eu não tiro a razão dele, é claro, mas ele está cego pelo ódio. – Ele balançou a cabeça. – É evidente que tal sentimento despertou um impiedoso desejo de vingança, e essa deve ter sido a motivação que o levou a deixar Augas-fondas-de-Porto e navegar até a odiada Melchora. Ele pretendia desde o princípio encontrar uma forma de atingir o cancelário Macías, e a oportunidade perfeita caiu em seu colo hoje.

– Neftali! – Falou Mateo, começando a compreender.

– Exato. – Assentiu Diego. – Ele não deve ter nada contra você ou contra Lia, eu suponho, mas viu em vocês a chance de atingir seu objetivo final, e não hesitará em feri-los, se necessário.

– Mas como? – Perguntou Mateo, aflito. – Tudo que ele fez foi contar uma mentira.

– Você está esquecendo de um detalhe muito importante, um que você mesmo me contou. – Retrucou Diego. –

Acácio deu um presente para Lia, e ela não o abriu na presença das primas, mas o levou consigo para onde quer que tenha ido.

- E o que pode haver de perigoso nisso? - Questionou Mateo.

- É só um palpite. - Começou Diego. - Mas, como você bem sabe, os caticeiros não são exatamente benfeitores, e que a maioria deles não hesitaria em desgraçar uma família inteira apenas por alguns trocados, ou até mesmo por birra contra alguém que os ofendeu.

- Sim, cresci ouvindo sobre isso. - Concordou Mateo.

- Outra coisa que dizem, e você também deve saber, é que existem caticeiros mestres em produzir toda sorte de venenos. - Continuou o desertor. - E, se estivermos certos sobre sua índole, Acácio pode ser um deles.

- Acha que o presente contém veneno? - Alarmou-se Mateo.

Diego assentiu.

- Como eu disse, é um palpite. - Disse ele.

- Preciso fazer alguma coisa! - Falou Mateo, com os dedos tremendo. - Lia corre perigo!

- Ela e todos ao seu redor. - Completou o desertor. - E você também, meu infeliz Mateo.

- Eu? - Balbuciou o cordoeiro, perplexo.

- Se o plano de Acácio se consumir, o primeiro a ser culpado será aquele que entregou o presente. - Explicou Diego, apontando o dedo para Mateo.

O cordoeiro afundou na cadeira, incrédulo.

– Mas ainda há tempo. – Falou Diego, quebrando o silêncio. – Precisamos alertar Lia para que não abra o presente sob hipótese alguma.

– Eu não sei onde ela está! – Disse Mateo, desapontado consigo mesmo.

– Se ela estiver com as irmãs de Neftali, como você me disse, então na certa estão no solar da família Suciopcho. – Disse Diego. – Eu o guiarei até lá.

– Mas e quanto a você? – Perguntou Mateo, e abai-xou a voz em um sussurro. – E quanto a sua fuga?

– Ainda tenho tempo até o horário combinado. – Explicou ele. – E é uma forma de pagar de uma vez a dívida que tenho com você.

– Não é arriscado? – Insistiu o cordoeiro, referindo-se à condição de fugitivo de Diego.

O desertor apenas balançou a cabeça.

– Tomarei cuidado para não ser visto, e não pense que eu pretendo bater à porta da residência de Macías com você. – Disse Diego. – E, além do mais, não podemos esquecer que Acácio pode estar à espreita, esperando pelo desfecho de seu ardil.

A imagem do caticeiro fora de si na noite anterior voltou à mente de Mateo, e ele sentiu medo.

– Está certo. – Falou o desertor, levantando-se. – A urgência deve ser nossa companheira agora.

Mateo assentiu e, seguindo Diego de perto, deixou o Cabezalba. Ambos permaneceram calados enquanto caminhavam pelas calçadas largas das ruas que delimitavam o centro da cidade, mas o motivo do silêncio cada um deles

era diferente. Diego estava concentrado em encontrar o caminho mais curto ao mesmo tempo em que desviava de tudo e todos que representariam um risco para seu sigilo, algo em que, Mateo percebeu, o desertor era muito bom. Já o cordoeiro, cuja cabeça latejava incessantemente, pensava apenas em qual seria o veneno ou maldição peçonhenta que Acácio havia entregado nas mãos de Lia. Seria uma garrafa contendo um delicioso, porém fatal, licor de pêssego? Seria uma caixa de doces caseiros recheados com morte e sufocamento? Seria, talvez, um perfume doce e mortífero? Fosse como fosse, mesmo tendo causado tanta dor e desgosto ao cordoeiro, Lia não merecia morrer pelo veneno de um sórdido caticeiro.

– Lá está! – Falou Diego, chamando sua atenção ao apontar para além dos sobrados mais próximos. – A bandeira de Augareas está hasteada no jardim do solar dos Suciopecho.

Mateo divisou a bandeira por sobre o telhado das elegantes residências daquela parte da cidade, certamente pertencentes a pessoas poderosas e influentes de Melchora, e continuou a seguir o desertor, que virou à esquerda em uma rua um pouco mais estreita, a fim de evitar uma dupla de guardas militares que patrulhavam os arredores. Quando os dois estavam quase atravessando para o outro lado, no entanto, surpreendeu-os uma figura saída de trás de uma coluna que dava suporte ao arco de um elegante portal de pedra em frente a um casarão de três andares.

Era Acácio.

Diego parou de chofre, estendendo o braço por sobre o peito de Mateo, que vinha ao seu lado. O caticeiro tinha

os mesmos olhos maníacos de quando atacara Mateo sem motivo na noite anterior, mas estampava um largo e debochado sorriso. Vestia as mesmas roupas do recente encontro em frente ao Marisqueiro, com a diferença que o chapéu redondo fora substituído pela grande cartola cheia de broches. Suas mãos estavam juntas às costas, e o cordoeiro tinha certeza que Acácio segurava nelas a comprida faca.

– Saia da frente! – Ordenou Diego, que não demonstrava medo.

– É claro, nobre pescador. – Zombou o Acácio, arremedando uma reverência sem desviar os olhos deles. – Assim que ouvirmos os gritos vindos da casa dos assassinos de meu povo.

Mateo pensou que Diego fosse gritar com Acácio, ou até mesmo avançar na direção dele, mas o desertor parecia perdido em pensamentos, paralisado pelo ódio de Acácio contra aqueles que haviam participado da matança que tinha palco em Mos-de-Illa. Aproveitando-se desse momento de hesitação de Diego, o caticeiro pulou com ferocidade em sua direção, gritando insanamente e revelando a longa faca.

Movido por um ímpeto que ele não sabia possuir, Mateo, com seu próprio corpo, empurrou o desertor, que se desequilibrou e caiu para o lado. Acácio, em sua fúria irracional, sem se importar com quem seria sua vítima, chocou-se contra o cordoeiro, derrubando-o e desferindo um golpe na direção de seu pescoço, que por pouco não atingiu seu destino, pois Mateo conseguiu agarrar o pulso que segurava a faca, evitando por centímetros o frio toque da lâmina.

- Alto lá! - Ouviu-se um grito distante, seguido pelo tropel dos guarda, atraídos pelo grito colérico do caticeiro.

Babando e gritando, Acácio não deu atenção aos homens que estavam prestes a dobrar a esquina, e sua força era maior que a de Mateo, que percebeu não ser capaz de segurar o ataque por mais tempo. O olhar do cordoeiro, arregalado de medo, encontrou o de Diego, que se levantava atordoado ao seu lado. A compreensão foi instantânea entre eles, e ambos sabiam que se não fizesse nada, o desertor estaria condenando Mateo à morte, mas que, salvando-o, condenaria a si mesmo à captura pelos guardas que se aproximavam.

Mostrando o brio de um verdadeiro soldado capaz de sacrificar a si mesmo, e sem se dar ao luxo de perder outro segundo sequer, Diego saltou sobre Acácio, embolando-se com ele na calçada. Os urros de fúria do caticeiro despertaram Mateo de seu medo paralisante, e, impelido pelo calor do momento e pela gana de ajudar o desertor em seu combate, ele se pôs de pé tão logo quanto conseguiu. Porém, no instante em que avançava sobre Acácio, o cordoeiro foi atingido por um dos guardas que haviam chegado com seus porretes em punho, sendo derrubado de costas no chão. Um grito de dor perfurou os ouvidos de Mateo, seguido por uma série de pancadas surdas e pelo som de metal colidindo com a pedra que compunha o calçamento da rua. Sem oferecer resistência ao guarda que o esmagava contra o chão, Mateo apenas virou a cabeça na direção dos sons, percebendo, desolado, o que havia acontecido.

De bruços, contorcendo-se de dor após levar várias porretadas, Acácio bufava e gritava xingamentos para todos os presentes, chamando os soldados de porcos assassinos. De joelhos em cima do caticeiro, impedindo-o de se mover, o guarda que o havia derrubado tirava uma grilheta da cintura e habilmente prendia suas mãos às costas. Meio metro atrás deles, Diego jazia de costas na calçada, com a faca de Acácio cravada em seu peito.

- Não! - Gritou Mateo, desesperado.

- Quietos! - Ordenou o guarda que o segurava, pegando outro par de grilhetas e prendendo os pulsos do cordeiro.

O olhar de Mateo se encontrou com o de Diego uma última vez, enquanto este, com o peito ensanguentado subindo e descendo em arfadas cada vez mais fracas, mexia a boca na tentativa de dizer algo. Ao desperdiçar sua única chance de escapar à captura, abrindo mão de sua liberdade para salvar a vida de Mateo, o desertor perdera a própria vida.

- Morte a todos vocês porcos! - Gritava Acácio, lunático, até que o guarda sobre ele ajoelhado, cansado das ofensas, deu-lhe uma porretada na cabeça, silenciando-o. O outro guarda, tendo virado o cordeiro de bruços e prendido suas mãos com as grilhetas, avaliava se deveria ou não golpeá-lo da mesma forma que fizera seu colega.

- Neftali corre perigo! - Exclamou Mateo, agarrando-se à hesitação do guarda. - Vocês precisam alertá-lo!

Os soldados se encararam, buscando o apoio um do outro para compreender melhor a situação e decidir o que

deveriam fazer, agora que a poeira havia baixado e todos estavam sob controle.

– Explique. – Ordenou o guarda que havia detido Acácio, e o cordoeiro obedeceu.

Capítulo Doze



A hora seguinte à morte de Diego passou como um borrão. Enquanto o mais jovem dos guardas permaneceu no local com o desacordado Acácio e com o corpo do desertor, Mateo foi levado pelo outro até um capitão da Guarda Militar, para quem explicou detalhadamente as suspeitas sobre o plano de atentado contra Neftali e sua família. Um par de soldados foi enviado às pressas para o solar dos Suciopecho, a fim de constatar se as afirmações do cordoeiro tinham fundamento, levando consigo ordens para confiscar o presente que estaria em posse de Lia Colvizosa.

Em momento algum o capitão e seus soldados demonstraram condescendência pelo cordoeiro, tratando-o

como se ele próprio fosse o mentor do crime e mantendo-o algemado e sob vigilância. Mateo não os culpava, uma vez que a desconfiança fazia parte de seu trabalho, e tudo o que tinham em mãos era o cadáver de um soldado que desertara da guerra, um caticeiro assumidamente inimigo do cancelário Macías e do povo augareasenho, e um homem desconhecido com uma história mirabolante sobre um presente contendo veneno.

Ao término do interrogatório, sem dar a Mateo nenhum parecer e nenhuma chance de se explicar, o capitão ordenou que ele fosse jogado em uma cela, onde deveria permanecer separado dos demais prisioneiros até segunda ordem. O cordoeiro não resistiu, preferindo cooperar com os homens que o conduziam brutaemente pelos corredores do quartel, em parte por saber que de nada adiantava esbravejar contra aqueles guardas, em parte porque estava pesaroso e atormentado demais para esboçar qualquer reação.

- Aproveite a estadia. - Debochou um dos guardas, certamente acostumado a fazer troça com os prisioneiros recém-chegados, mas Mateo não respondeu à provocação, contentando-se em massagear os pulsos, agora livres das apertadas grilhetas, e examinar a pequena cela na qual ficaria durante um tempo que ainda lhe era desconhecido.

Tratava-se de um cômodo quadrado com paredes de aproximadamente dois metros e meio de comprimento, cada qual construída em pedra basáltica e rebocada com cal aérea dolomítica. Não havia nenhuma janela, e a porta, duas vezes mais larga do que uma porta convencional, era

inteiramente constituída de barras de ferro raiadas e grossas, com espaços estreitos por onde era possível ver e ouvir o que acontecia no corredor. Havia um pequeno estrado de metal à um canto que, juntamente com um surrado colchão de palha, servia de cama. Ao seu lado, de borco, jazia um grande penico esmaltado, sendo o único objeto visível.

Mateo se sentou na parte que estava menos afundada do velho colchão de palha, sentindo-se deprimido e exausto. Sua cabeça doía mais do que nunca e seu coração não sabia mais como lidar com tanto sofrimento. Seus olhos, ainda um pouco inchados pelo tanto que havia chorado horas antes em frente ao Marisqueiro, pareciam não ter mais nenhuma lágrima disponível para ser derramada. Para piorar, aliada à frustração que sentia por todas as desgraças ocorridas desde que chegara à Melchora, a angústia por não saber o desfecho dos recentes acontecimentos o consumia. Estariam certos quanto aos intentos de Acácio? Haveria tempo para impedi-los? Teria Diego morrido em vão?

“Diego. Um bom homem.”, pensou Mateo, e quando a cena do homem tombado ao chão lhe veio à mente, foi como se a mesma comprida faca que tirara sua vida também perfurasse o coração do cordoeiro. Em algum lugar daquela cidade, esperançosos, sua esposa e filhos o aguardavam ansiosamente, preparados para segui-lo para onde quer que fosse, sem imaginar que jamais o veriam novamente. Será que um dia saberiam o que havia lhe acontecido? E, se soubesse, será que aceitariam que ele, que enfrentara tantos perigos em sua vida, fosse na guerra ou em

sua fuga dela, perecera nas mãos de tão ignóbil indivíduo, sacrificando-se para salvar a vida de um desconhecido?

Mateo agarrou com força a beirada irregular do colchão, indignado. “*Maldito Acácio!*”, pensou ele, rangendo os dentes de raiva. Que sórdido ser era o caticeiro, disposto a ferir qualquer um para satisfazer seu desejo de vingança contra os responsáveis pela guerra que tanto odiava. Não sabia ele que nada de bom se pode produzir a partir de atos de maldade? “*Que morra numa cela!*”, esbravejou o cordoeiro em seu pensamento, enojando-se, em seguida, ao se dar conta de que Acácio poderia estar no mesmo lugar que ele, talvez desacordado na cela ao lado da sua, sem lamentar nenhum de seus atos lesivos. Quem sabe, ainda, os guardas os jogassem juntos em um calabouço, cúmplices pela morte do filho do cancelário e de sua amada...

– Lia. – Murmurou Mateo.

Estaria ela viva? Teria a verdade se revelado pela boca de alguém? Teria a mulher que Mateo tanto amara, fantasiando por tanto tempo e tão ingenuamente um futuro feliz e tranquilo com ela em Augasfondas-de-Porto, encontrado seu destino pelo veneno implacável do caticeiro? Se neste momento seu corpo jazesse sem vida no chão do solar Suciopecho, teria o cordoeiro sua parcela de culpa, conectando-a, mesmo que involuntariamente, ao abominável Acácio? “*Não, não, não.*”, repetia ele mentalmente, incapaz de desejar tamanha pena para ela, mesmo depois de lhe causar tanto desgosto.

E que enorme desgosto teria sua mãe, Belén, ao receber a notícia de que seu único filho havia sido preso sob acusações de conspirar para a morte do cancelário Macías e

de seus familiares. Será que ele voltaria um dia para a casa em Augasfondas-de-Porto? Será que o receberiam de volta, velho e castigado após os longos anos na prisão?

– Três mortos, foi o que disseram. – Falou uma voz, em algum lugar do corredor, despertando Mateo de seus pensamentos como se um apavorante trovão o tivesse acordado de um igualmente pavoroso pesadelo em meio a uma noite tempestuosa, fazendo-o, também, saltar da desconfortável cama direto para as grades da porta da cela.

– Olá! – Gritou ele, chamando por quem quer que tivesse proferido aquelas palavras. – Contem-me o que aconteceu!

– Quietos, prisioneiros! – Ordenou outra voz, impaciente. – Dê-se por satisfeito com o silêncio, pois a alternativa é escutar o som de meu porrete contra sua cabeça.

Mateo escorregou para o chão da cela, com o coração disparado, sentindo-se completamente derrotado. Nenhuma outra informação veio durante a noite que se passou, durante a qual o cordoeiro nada dormiu, remoendo sua sorte. Vez ou outra ele ouvia gritos distantes, questionando se não vinham da boca perversa de Acácio, pois em meio aos berros era possível entender alguns xingamentos e palavras em desafio.

Assim que o dia raiou, um carcereiro jogou um pedaço de pão por entre as grades, empurrando logo em seguida uma caneca com água, derrubando quase metade do conteúdo no chão. Mateo não fez cerimônia, bebendo a água em um só gole e devorando vorazmente o pão, pois estava igualmente faminto e sedento. Sua cabeça parara de latejar, mas ainda doía quando ele a virava abruptamente e

enquanto mastigava. Além disso, o cordoeiro desenvolveu uma dor nas costas por ficar deitado na desconfortável cama da cela.

O abatido Mateo, que fora capaz de discernir o dia da noite unicamente pela fraca luz que vinha pela porta da cela, não percebeu a passagem do tempo até que seu estômago anunciou a chegada do meio dia. Para seu desalento, todavia, ninguém lhe trouxe mais nenhum pedaço de pão ou caneca d'água, ampliando ainda mais a sensação de esgotamento que sentia. Foi apenas próximo ao final da tarde que o som de passos e o tilintar de um molho de chaves noticiou a aproximação do carcereiro, que parou mal-humorado em frente à porta da cela. O robusto homem, com um grande bigode ruivo e uma cicatriz medonha no queixo, bateu à procura da chave, abrindo a fechadura da cela.

– Você vem ou prefere ficar apodrecendo aí? – Perguntou o carcereiro, aborrecido.

Mateo deu um salto, tentando entender a situação com sua mente cansada. Num primeiro momento, o cordoeiro pensou que seus pulsos receberiam mais uma vez as apertadas grilhetas, mas além de não fazer menção de agri-lo, o carcereiro virou as costas para ele, convidando-o a segui-lo pelo corredor com um aceno da cabeça. Incrédulo, Mateo o acompanhou de perto, dando espiadelas de vez em quando para dentro das outras celas, onde prisioneiros aguardavam sua condenação antes de serem transferidos para a sua prisão definitiva. Acácio, o infame, não estava em nenhuma delas.

– Aí está ele. – Falou o capitão, assim que Mateo foi empurrado pelo carcereiro para dentro de sua sala.

O oficial não era o único ali presente, e Mateo percebeu que ele havia se dirigido às duas outras pessoas sentadas à frente de sua escrivaninha. A primeira delas, sentada à esquerda, era um homem de meia idade, possivelmente um oficial do exército de patente elevada, uma vez que seu casaco era elegante e havia um grande broche em seu chapéu militar. A outra, sentada à direita, era uma mulher conhecida de Mateo, com cabelos negros e pele amorenada: Madalena, a prima de Lia.

– Sente-se. – Ordenou o capitão, apontando para uma terceira cadeira, afastada quase dois metros das demais. Mateo, sem dizer uma palavra, obedeceu. – Este é Salomón, o vice comandante da Guarda Militar da Capital. – Informou ele. – A jovem, creio eu, você já deve conhecer.

– Diga-nos, Madalena, é este o homem chamado Mateo? – Perguntou Salomón, ignorando o respeitoso cumprimento de cabeça que o cordoeiro lhe dera.

– Sim. – Respondeu ela, mirando com pena o exausto e desafortunado Mateo, o qual sentia vontade de gritar exigindo respostas, sendo apenas impedido de tomar qualquer atitude precipitada pelo seu recém-desenvolvido bom-senso.

– Certo. – Disse Salomón, olhando pela primeira vez nos olhos de Mateo. – Transmito a você, em nome do cancelário Macías e de seu filho Neftali, os agradecimentos pela bravura demonstrada ao tentar impedir o atentado contra suas vidas.

Mateo ficou desconcertado, pois, além de não esperar ouvir nada do tipo, o tom de voz utilizado pelo vice comandante era mais próximo de uma repreensão do que de um elogio.

– Sua liberdade, é claro, será assegurada, assim como seu retorno para Augasfondas-de-Porto amanhã de manhã, a bordo de uma embarcação da marinha. – Continuou Salomón, impassível. – Embora, devo ressaltar, nem todos na Guarda eram favoráveis a este gesto de benevolência do cancelário Macías.

– Alguns consideravam sua história conveniente demais. – Completou o capitão, que parecia mais simpático à Mateo do que quando os dois haviam conversado no dia anterior. – Viajando na companhia de um desertor e de um caticeiro, sendo este último um inimigo declarado do governo e que planejava a morte do cancelário, agindo, inclusive, sob a alegação de ser seu mensageiro. – Falou, apontando o dedo para o peito de Mateo.

– Quando detalhes de seu envolvimento passado com a senhorita Colvizona vieram à tona, a maioria de nós pensou que você tinha razões suficientes para querer a morte de Neftali. – Explicou Salomón, sem fazer questão de disfarçar que ele próprio era um dos que assim haviam pensado.

– Foi, no entanto, a palavra dela que assegurou sua absolvição. – Revelou o capitão. – A moça deu sua palavra a Neftali que você era um homem de boa índole e incapaz de tal atitude.

Mateo se sentiu estranhamente mal com tal declaração, o que o levou a imaginar Lia implorando a Neftali pelo

perdão do pobre e inofensivo cordoeiro que uma vez fora seu noivo, mas que ela não pensara duas vezes quando teve oportunidade de trocá-lo por alguém de melhor estirpe.

- Nina e eu também falamos em sua defesa, Mateo.

- Manifestou-se Madalena, um tanto insegura pela presença intimidadora do vice comandante. - Contamos a eles sobre sua ida à pensão de Fer ontem à tarde, e em como não acreditávamos que você tinha tomado parte com o assassino.

- Acácio é o único culpado. - Disse Mateo, quebrando seu silêncio. - Ele matou Diego e mataria todos os que precisasse até cumprir seu objetivo.

- Acácio este que, em seu interrogatório, insistiu que você era seu cúmplice. - Contou Salomón, estreitando o olhar.

- Como ele ousa! - Esbravejou Mateo, extravasando uma pequena parcela da frustração e do rancor que sentia. - Mentiroso! Canalha!

- Quietos! - Ordenou o capitão, e Mateo se calou.

- Como não tinha ninguém para defendê-lo, o tal cativeiro não teve a mesma sorte que você. - Desdenhou o vice comandante Salomón. - Enquanto estamos conversando, ele aguarda a sentença que o condenará pelas mortes de quatro pessoas e pela tentativa do assassinato do filho do cancelário. Na melhor das hipóteses, passará o resto da vida aferrolhado em Calabozos-de-Torre.

- Você disse quatro pessoas. - Falou Mateo, que o considerava culpado apenas pela morte de Diego.

- Exato. - Confirmou o capitão, e levantou uma das mãos, contando as vítimas de Acácio com os dedos. - O

contratenente desertor de guerra Diego Timonel, o sargento da Guarda Simeón Vellopozo e dois de seus soldados, Mario e Carmelo.

- Mas como? - Perguntou o cordoeiro.

- O sargento Vellopozo, inadvertidamente, após confiscar o “presente” das mãos da senhorita Colvizosa, abriu-o. - Explicou Salomón, parecendo estar cansado daquela conversa. - Para sua infelicidade e de seus subordinados mais próximos, o conteúdo da caixa era um veneno poderoso, de fabricação complicadíssima, que evapora assim que o selo é quebrado e há o contato da substância com o ar. Os três acabaram respirando o vapor venenoso e morreram asfixiados na hora.

- A moça tinha recebido instruções para abri-lo na presença de Neftali. - Acrescentou o capitão.

- Ela acreditava que era um presente seu. - Completou Salomón, dirigindo-se a Mateo com a desconfiança vertendo em cada uma de suas palavras. - Contou-nos que o recebera de um mensageiro, juntamente com um recado contendo o último pedido de um antigo pretendente inconformado, pedido este que estava disposta a cumprir.

- Mas que, felizmente, não teve tempo de cumprir, pois Neftali e ela só se encontrariam ao cair da noite. - Lembrou o capitão, tentando compensar o tom acusativo de seu superior.

- Enfim, seja como for, a situação foi resolvida. - Falou o vice comandante Salomón, declarando o fim daquela conversa ao se levantar. - O capitão Lázaro lhe entregará a autorização para que possa embarcar amanhã de volta para

o Oeste. – Ele parou em frente ao cordoeiro, fitando-o com uma expressão de desprezo. – E que lá permaneça.

O cético Salomón deixou a sala do capitão, enquanto este, revelando-se um homem equilibrado e simpático, deu a Mateo a autorização da qual o vice comandante falara, instruindo-o, ainda, com informações bastante úteis sobre a área do porto destinada às embarcações militares. Após receber seu bernal, o cordoeiro deixou o quartel da Guarda ao lado de Madalena, que só lhe dirigiu a palavra quando estavam bem longe.

– Mateo. – Começou ela, parecendo mais desconfortável com a situação do que o cordoeiro. – Lia pediu que eu lhe dissesse que ela sente muito, mas que espera que você não guarde mágoas pelo que aconteceu.

– É claro. – Falou Mateo, deixando visível sua indignação pela audácia de Lia.

– Ouça, Mateo. – Disse Madalena, parando de caminhar. – Lia se empenhou muito para conseguir que você fosse perdoado! Ninguém queria acreditar em sua inocência e, se ela não tivesse implorado para Neftali, você estaria indo para Calabozos-de-Torre junto com aquele caticeiro.

– Que heroico da parte dela! – Desdenhou o cordoeiro, cansado e irritado. – Será que devo lhe mandar um presente em agradecimento?

Madalena parecia dividida, capaz de compreender tanto o lado de Lia quanto o de Mateo, e isso fez com que ela mantivesse a paciência.

– Apenas seja grato, Mateo, mesmo que não seja a ela, pois as coisas poderiam ter sido muito piores. – Falou

ela, com os olhos marejados, e virou-se, voltando pelo mesmo caminho e abandonando o cordoeiro.

Mateo, incapaz e sentir qualquer coisa que não fosse cansaço, desgosto e pesar, seguiu para o único lugar que lhe era familiar naquela cidade odiosa: a pousada Cabezalba. E não demorou muito para que lá chegasse, cumprimentando o velho Benxamín, que sequer parecia ter percebido sua ausência na noite anterior. Após pegar um pão com salame e uma jarra de água com a garçonete carrancuda, o cordoeiro foi para o seu quarto e comeu em silêncio, satisfazendo seu corpo fatigado. Com os olhos quase tão pesados quanto seu coração, deitou-se sobre os lençóis brancos da cama, deleitando-se com a maciez do colchão, e adormeceu.

Epílogo



Mateo foi acordado pelos raios de sol que vinham da pequena janela horizontal no alto da parede de seu quarto, e demorou alguns minutos até que a lembrança dos eventos recentes lhe viesse à mente. Desacorçoado, o cordoeiro se levantou, reuniu seus pertences e saiu em direção à bodega, onde, para a alegria da velha garçonete, consumiu um prato de polenta com queijo e um café com leite.

– Perdemos outra ontem. – Disse o velho Benxamín, apontando com o polegar para a bandeira esfarrapada do Carabela-de-Cruz, quando Mateo foi pagar o restante suas despesas.

O cordoeiro, que havia perdido muito mais do que um simples jogo de *fútbol*, apenas assentiu com a cabeça, parando para refletir sobre o preço pago por ele em sua viagem à Melchora. Para seu espanto, ao invés de se sentir ainda mais deprimido, Mateo se sentiu estranhamente grato, pois, embora tivesse perdido a mulher que amava, poderia voltar para sua casa e para sua vida, tendo oportunidade de recomeçar. Algo que Diego e Acácio não poderiam fazer, pois um perdera a vida e outro perdera a liberdade, fracassando em seu objetivo miserável de vingança.

Com tais pensamentos em mente, respirar o ar fresco da rua foi reconfortante, impelindo o cordoeiro a caminhar com um misto de alegria em relação a si mesmo e pesar em relação à Diego, imaginando onde estaria sua família, cujas instruções eram seguir adiante sem ele, caso não chegasse ao ponto de encontro marcado. Talvez seus filhos estivessem imaginando em que momento seu pai os alcançaria, sem saber que jamais veriam seu rosto novamente.

A concentração de Mateo foi aos poucos perturbada pelo som cada vez mais próximo e audível do porto, o qual estava movimentadíssimo, alheio às tragédias pessoais daqueles que nele estavam. Barcos de todos os tamanhos atracavam e içavam âncoras, enquanto centenas de pessoas comercializavam seus produtos e o cheiro de fritura exalava de tendas onde bolinhos e peixes eram incessantemente preparados. Seguindo as instruções do capitão da Guarda, o cordoeiro se dirigiu à parte do porto restrita à marinha augareasenha, a qual só poderia ser acessada mediante autorização escrita, pois havia uma barreira feita de pedra e uma guarita.

- Bom-dia. - Saudou o marinheiro que tomava conta da guarita.

- Bom-dia. - Cumprimentou Mateo, entregando-lhe a carta de autorização.

- Tudo em ordem com a autorização, mas só poderei liberar sua entrada após o meio dia. - Informou o marinheiro. - Antes desse horário só são permitidos embarques militares.

Mateo assentiu, olhando tristemente para grandes embarcações da Marinha, com suas dezenas de canhões e suas velas brancas. Sem nada para fazer, procurou ali mesmo um banco onde pudesse se sentar e observar o mar, tentando não pensar em nada. Após meia hora contemplando distraidamente os biguás e os rabos-de-palha que voavam perto acima da praia pedregosa do porto, o cordoeiro tomou um susto ao ouvir uma voz feminina ao seu lado:

- É verdade que eles seguem o seu navio por muitas léguas se você lhes der de comer a bordo? - Perguntou ela.

Era uma bela jovem, talvez um ou dois anos mais nova do que Mateo, com cabelos castanho-claro e uma pele branca amorenada pelo sol. Seu rosto era alegre e seus olhos transmitiam entusiasmo e cordialidade, contrapondo-se à sua voz, que era um pouco mais grave do que o normal para mulheres daquela idade.

- N... não sei. - Gaguejou Mateo em resposta.

- Não é marinheiro? - Perguntou ela, surpresa.

- Sou cordoeiro. - Respondeu Mateo, levantando-se e apurmando o bernal.

- O que faz um cordoeiro? - Perguntou ela, curiosa.

– Cordas. – Respondeu Mateo, sorrindo. – Desde as que servem para amarrar os animais até as que se usam nos galeões e fragatas da marinha.

– Fascinante. – Disse a jovem, e sua curiosidade era intrigante, mas cativante. – Então você vem ao porto para vender suas cordas à marinha?

– Produzo cordas a pedido da marinha, de fato. – Respondeu Mateo. – Mas não as vendo aqui, e sim em minha terra natal, Augasfondas-de-Porto. Há um quartel da Marinha lá.

– Eu bem sei. – Comentou a jovem, virando seu rosto para Oeste. – Meu pai é comerciante e, coincidentemente, nos mudaremos para Augasfondas-de-Porto em algumas semanas. Ele diz que lá é que estão as oportunidades, por causa de todo o investimento do governo e, principalmente, pela inevitável anexação de Mos-de-Illa. Minha mãe diz que ele é um visionário, mas eu confesso que fico um pouco nervosa em ter que ir embora de Melchora. Tenho vindo ao porto todos os dias para me acostumar com a ideia, pois nunca naveguei.

– Posso te mostrar a cidade, se você quiser. – Ofereceu-se o cordoeiro, sentindo que novos ventos talvez pudessem soprar para ele.

– É claro! Seria ótimo ter alguém para me mostrar o lugar e impedir que eu me perca. – Sorriu ela, e seu sorriso carregava o frescor de uma manhã de primavera. – A propósito, meu nome é Carme.

– Mateo. – Apresentou-se o cordoeiro, voltando a sorrir depois de um tempo que lhe parecia ter sido demasiadamente longo.

ESTE LIVRO, COMPOSTO NA FONTE BOOK ANTIQUA
E EDITADO PELO PRÓPRIO AUTOR, FOI
IMPRESSO EM OFFSET PELO CLUBE DE AUTORES.
MANGUEIRINHA, PARANÁ, INVERNO DE 2022